



Universidade Federal de Goiás  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Carlos Eduardo Meireles

**O Drama do Psiquismo em Tempos de Uberização: Uma Análise das Ideologias no  
Conflito Capital-Trabalho**

Goiânia  
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

**Exemplos:** Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

**CARLOS EDUARDO MEIRELES**

#### 3. Título do trabalho

***O drama do psiquismo em tempos de uberização: uma análise das ideologias no conflito capital-trabalho***

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Meireles, Discente**, em 26/05/2025, às 14:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Livia Gomes Dos Santos, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 28/05/2025, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5393586** e o código CRC **B3685731**.

---

Carlos Eduardo Meireles

**O Drama do Psiquismo em Tempos de Uberização: Uma Análise das Ideologias no  
Conflito Capital-Trabalho**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Linha de pesquisa: Processos Psicossociais e Educacionais.

Orientador(a): Profa. Dra. Livia Gomes dos Santos.

Goiânia  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Meireles, Carlos Eduardo

O drama do psiquismo em tempos de uberização [manuscrito] : uma análise das ideologias no conflito capital-trabalho / Carlos Eduardo Meireles. - 2025.

160 f.

Orientador: Profa. Dra. Livia Gomes dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia, 2025.

Bibliografia. Anexos.

1. Psicologia. 2. Processos Psicossociais . 3. Uberização. 4. Ideologia. 5. Psiquismo. I. Santos, Livia Gomes dos , orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 22 da sessão de Defesa de Dissertação de **Carlos Eduardo Meireles** que confere o título de **Mestre em Psicologia** pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGP/FE/UFG, na *área de concentração em Psicologia*.

Aos **vinte e oito dias do mês de agosto de dois mil e vinte e quatro (28/08/2024)**, a partir das **14:00h**, nas dependências da Faculdade de Educação da UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"O drama do psiquismo em tempos de uberização: uma análise das ideologias no conflito capital-trabalho"**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. **Livia Gomes dos Santos (PPGP/FE/UFG)**, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. **Inara Barbosa Leão (UFMS)**, integrante titular externa, Prof. Dr. **Fellipe Coelho-Lima (UFRN)**, integrante titular externo e e Prof. Dr. **Hugo Leonardo Fonseca da Silva (PPGP/FE/UFG)**, integrante titular interno. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. **Livia Gomes dos Santos**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos dezesseis dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro.

Presidente: Livia Gomes dos Santos

1º Membro (docente externo ao quadro da UFG): Fellipe Coelho-Lima (UFRN)

2º Membro (docente externo ao quadro da UFG): Inara Barbosa Leão (UFMS)

3º Membro: Hugo Leonardo Fonseca da Silva

## TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Meireles, Discente**, em 07/10/2024, às 20:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Livia Gomes Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 28/05/2025, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hugo Leonardo Fonseca Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 22/09/2025, às 10:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4828682** e o código CRC **BF2D5962**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.047942/2024-17

SEI nº 4828682

*Ao trabalhador que corre atrás do pão  
É humilhação demais que nem cabe nesse  
refrão*

Criolo

*Mas ele desconhecia  
Esse fato extraordinário:  
Que o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia  
À mesa, ao cortar o pão  
O operário foi tomado  
De uma súbita emoção  
Ao constatar assombrado  
Que tudo naquela mesa  
- Garrafa, prato, facão -  
Era ele quem os fazia  
Ele, um humilde operário,  
Um operário em construção*

Vinicius de Moraes

## Agradecimentos

Agradecer é uma tarefa difícil, visto que a memória pode ser traiçoeira e deixar alguém de fora. Afinal, muitas pessoas foram importantes para a construção desta pesquisa. Mas escolho correr o risco.

Agradeço aos meus pais, **Maria e Sérgio**, por me apoiarem, cada um do seu modo, a entrar, permanecer e finalizar o mestrado; mesmo quando isso significou mudar de cidade e estar distante em momentos tão complicados. Agradeço, sobretudo, por ser quem são. Sem vocês eu nada seria.

Partir de Campo Grande para Goiânia só tornou-se possível a partir da figura da **Livia**. A professora da disciplina de Introdução à Psicologia II que me ensinou que ninguém é tão especial quanto acha - "há muito mais características que nos igualam do que nos diferenciam uns dos outros", ela dizia. Eu vim por ela! Por tudo que eu sabia que podia aprender com ela. Agradeço as aulas, as orientações, a correção cuidadosa, os cafés, a companhia em Goiânia, as dezenas de livros emprestados, mas, principalmente, agradeço a amizade que construímos nesse tempo. Tenho orgulho de dizer por aí que fui seu orientando.

Agradeço à **Inara**, minha eterna orientadora, por todos os apontamentos e direcionamentos que deu à pesquisa, eles foram fundamentais. Se não fosse ela, talvez eu nem estaria no mestrado, foi seu incentivo que me trouxe até aqui. Obrigado por estar comigo nesse momento e por todo carinho durante esses anos.

Agradeço ao **Hugo**, que acompanhou a pesquisa desde o processo seletivo do mestrado, sempre fazendo perguntas e apontamentos importantes para o seu desenvolvimento. Também agradeço pelas aulas da disciplina "Trabalho, subjetividade e formação humana" (uma das melhores disciplinas que cursei no mestrado!), sem dúvida muitos dos ensinamentos ali transmitidos compõem este trabalho.

Agradeço ao **Fellipe**, por todas contribuições a esta pesquisa e por todo o debate que tem feito sobre uberização do trabalho a partir da Psicologia. É uma das maiores referências deste trabalho - não em número de citações, mas na forma de pensar o problema da pesquisa.

Agradeço ao **Pablo**, que apesar da distância não deixou me acolher com muito carinho e amor durante toda essa caminhada.

Estar em Goiânia teve lá seus momentos de solidão, é fato. Porém, muitos deles foram amenizados nos encontros, particularmente com **Maisa e Mariana**. Ambas estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis do mestrado, nos apoiamos mutuamente, construímos uma amizade muito bonita, nós três, e cada um individualmente. Agradeço por me ensinar sobre

Patopsicologia, Maisa. Agradeço por me ensinar sobre Inconsciente, Mari. Vocês marcaram a minha história. Irei guardar tudo o que vivemos com muito carinho.

Agradeço ao **Guilherme**, supervisor do estágio docência, companheiro de militância e amigo, por confiar, acreditar e incentivar a minha prática docente. Agradeço também à **Camila**, companheira e amiga do estágio docência. Agradeço também **aos alunos da disciplina Processos Psicossociais II**.

Agradeço **a todos os membros do Grupo de Estudo e Pesquisa Trabalho e Psiquismo**, pelas trocas durante esses anos e, principalmente, por lerem parte desse trabalho e me ajudarem a aperfeiçoá-lo.

Agradeço **aos colegas de turma do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFG**, sobretudo, **Avily, Pabliny, Lucas e Gabi**, com quem mais dividi angústias e incertezas.

Agradeço à **Gabrielly, Suellen, Maria e Aline**, as amigas que mesmo não tendo nada a ver com a Psicologia me apoiaram durante todo o processo, ouvindo minhas angústias e dizendo que eu era capaz. Obrigado!

Agradeço aos amigos da Psicologia de Campo Grande: **Raisa, Amanda, Angelo, José Alberto, Vitória, Higor, Pedro e Flores**. Agradeço aos amigos de outras áreas que também foram importantes: **Karen, Leopoldo e Luiz**. Cada um do seu modo em algum momento contribuiu para a pesquisa.

Agradeço **ao pessoal do Liberdade, Socialismo e Revolução**, que me ensinaram a colocar em ação o marxismo que eu aprendi na academia.

Por fim, agradeço a **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES)** pela bolsa concedida. O incentivo é fundamental para qualquer pesquisa!

## Resumo

Esta pesquisa analisa como as ideologias da uberização do trabalho se relacionam com as formas de sentir, pensar e agir dos trabalhadores de empresas-plataformas. Para isso, parte-se da Psicologia Sócio Histórica, que tem como fundamento o Materialismo Histórico-Dialético. Portanto, considera-se o psiquismo como um produto do trabalho humano que atua como um instrumento, por meio de um sistema integrado de funções psicológicas superiores que se organiza semanticamente. Porém, este sistema psicológico possui uma configuração dramática, isto é, está repleto de conflitos e contradições. Assim, o objetivo geral é analisar como as ideologias da uberização organizam o drama do psiquismo dos trabalhadores. Como objetivos específicos elegeram-se: investigar os principais determinantes da uberização do trabalho; relacionar o conceito de ideologia, tal como proposto por Lukács, com os principais significados que surgem com a uberização; aprofundar a discussão do drama para compreender a dinâmica do psiquismo; identificar os sentidos, significados e emoções que os trabalhadores de empresas-plataformas de locomoção urbana atribuem a uberização. Para investigar as determinações da uberização, buscou-se, a partir de autores marxistas, estabelecer conexões entre uberização, exploração e ideologia. Na compreensão do psiquismo tomamos o drama como unidade de análise, uma vez que esta categoria engloba pensamento e emoção, indivíduo e sociedade, o conflito entre os diferentes motivos e a complexa organização das funções psicológicas superiores; tal como o próprio desenvolvimento do psiquismo. E, a fim de demonstrar empiricamente como as ideologias da uberização organizam o psiquismo dos trabalhadores, realizamos uma entrevista com um trabalhador uberizado de empresa-plataforma. A entrevista é parte da pesquisa multicêntrica *Nexos da uberização: uma análise a partir dos trabalhadores*, e investigou como o trabalhador significa, pensa, se afeta e age sobre o contexto do trabalho. Na análise empírica optamos pela técnica de Análise Gráfica do Discurso simplificada, o que permitiu apreender as determinações, contradições e mediações ideológicas que constituem o pensamento, o significado, o sentido, a emoção e a visão de mundo do trabalhador. Em síntese a pesquisa demonstra que embora o trabalhador signifique o trabalho a partir da autonomia, há sentidos que contradizem tal significado. Do mesmo modo há conflitos também em relação às emoções produzidas no trabalho, pois mesmo que se sintam bem na atividade que realiza, o trabalhador a considera dispensável e, inclusive, gostaria de não precisar realizá-la. A contradição no psiquismo dos trabalhadores nos indicam a potencialidade de transformação do sistema psicológico e, conseqüentemente, uma outra possibilidade de sentir, pensar e agir do trabalhador sobre a uberização.

**Palavras Chaves: Psicologia. Processos Psicossociais. Uberização. Ideologia. Psiquismo.**

## Abstract

This research analyzes how the ideologies of the uberization of work relate to the ways of feeling, thinking, and acting of workers in platform companies. To do this, we draw on Socio-Historical Psychology, which is based on Historical-Dialectical Materialism. Therefore, the psyche is considered a product of human labor, acting as an instrument through an integrated system of higher psychological functions that is organized semantically. However, the psychological system has a dramatic configuration, meaning it is full of conflicts and contradictions. Thus, the general objective is to analyze how the ideologies of uberization organize the drama of workers' psyches. The specific objectives include: investigating the main determinants of the uberization of work; relating the concept of ideology, as proposed by Lukács, with the main meanings that arise from uberization; deepening the discussion of the drama to understand the dynamics of the psyche; identifying the meanings, significance, and emotions that workers in urban mobility platform companies attribute to uberization. To investigate the determinants of uberization, we sought, through Marxist authors, to establish connections between uberization, exploitation, and ideology. In understanding the psyche, we take the drama as the unit of analysis, since this category encompasses thought and emotion, individual and society, the conflict between different motives, and the complex organization of higher psychological functions, as well as the very development of the psyche. To empirically demonstrate how the ideologies of uberization organize the psyche of workers, we conducted an interview with a worker from a platform company. The interview is part of the multicentric research *Nexos da uberização: uma análise a partir dos trabalhadores* and investigated how the worker signifies, thinks, is affected, and acts in relation to the work context. In the empirical analysis, we chose the technique of Simplified Graphic Discourse Analysis, which allowed us to grasp the determinations, contradictions, and ideological mediations that constitute the worker's thinking, meaning, sense, emotion, and worldview. In summary, the research demonstrates that although the worker signifies work through autonomy, there are meanings that contradict this significance. Similarly, there are contradictions regarding the emotions produced at work, as even though the worker feels good about the activity they perform, they consider it dispensable and, in fact, would prefer not to have to do it. The contradictions in the workers' psyches indicate the potential for transformation of the psyche.

**Keywords:** Psychology. Psychosocial Processes. Uberization. Ideology. Psyche.

## Sumário

Introdução.....	10
1. Trabalho: Totalidade em Movimento.....	20
1.1. Trabalho na Ontologia do Ser Social.....	21
1.2. Trabalho no Capitalismo.....	24
1.2.1. Alienação.....	28
1.2.2. Ideologia.....	31
1.2.3. Fetichismo.....	34
1.3. Trabalho na Era da Reestruturação Produtiva.....	36
1.3.1. Taylorismo-fordismo e Estado keynesiano.....	37
1.3.2. Acumulação flexível e Estado neoliberal.....	42
1.4. Trabalho na América Latina.....	47
2. Uberização: Expressão do Movimento da Totalidade.....	50
2.1. Capitalismo contemporâneo.....	51
2.2. Elementos da uberização.....	53
2.2.1. Informalização.....	53
2.2.2. Trabalhador just-in-time.....	56
2.2.3. Gerenciamento algoritmo.....	57
2.3. Ideologias da uberização do trabalho.....	59
2.3.1. Empreendedorismo.....	60
2.3.2. Economia do compartilhamento.....	62
2.3.3. Crítica à uberização.....	63
3. Psiquismo: Totalidade Resultante do Trabalho.....	66
3.1. Desenvolvimento do psiquismo.....	67
3.2. Drama do psiquismo.....	76
3.3. Dinâmica consciente-inconsciente.....	79
3.4. Emoção.....	86
3.5. Personalidade.....	89
4. Drama do Psiquismo em Tempos de Uberização: Uma Outra Expressão da Totalidade.....	91
4.1. Considerações Metodológicas.....	92
4.1.1. Participante representativo.....	93
4.1.3. Análise Gráfica do Discurso.....	93
4.2. Resultado.....	95
4.3. Discussão.....	100
4.3.1. Eu não sou (o) trabalho.....	100
4.3.2. Você tem aí [a] plataforma [que] estou: vai um entregador [e] entrega [por] horas, porque, então, entendeu [que] faz bem. Já falei todo [o] por quê!.....	107
4.2.3. Quando mais caras aqui, seu uber acha. Pessoas [do] algoritmo querem ver [isso].....	110
4.3.4. [O] contrato algum dia lá deu obrigação. Greve e mobilização? Só acidente!.....	112
4.3.5. Drama do psiquismo em tempos de uberização.....	115

Considerações Finais.....	117
Referências.....	121
Anexo I - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	129
Anexo II - Termo de Livre Consentimento Esclarecido.....	130
Anexo III - Roteiro da entrevista.....	133
Anexo IV - Entrevista completa transcrita.....	135

## Introdução

Desde a crise estrutural de 1970, o capitalismo vive um processo de reestruturação produtiva permanente. A acumulação flexível, o neoliberalismo e o maquinário informacional-digital metamorfoseou (e continua hoje a metamorfosear) o mundo do trabalho; ao mesmo tempo que mantém intacta a estrutura da exploração capital-trabalho. Neste momento histórico coexistem uma série de determinações que dão vida a formas de trabalhos baseadas na flexibilidade, informalidade e intermitência. Esta tríade que se converteu em parte constitutiva do ideário corporativo global nas últimas décadas, conjuntamente com as revoluções tecnológicas e informacionais, gestou a nova morfologia da classe trabalhadora: o proletariado digital prestador de serviços (Antunes, 2020a). Como consequência, a força de trabalho exigida pelo capital passou a ser aquela mais flexível possível: “sem jornadas pré-estabelecidas, sem espaço laboral definido, sem remuneração fixa, sem direitos, nem mesmo o de organização sindical. Até o sistema de meta é flexível: as do dia seguinte devem ser sempre maiores que aquelas obtidas no dia anterior” (Antunes, 2020a, p. 38).

Esta lógica que se expandiu em escala global, embora com certa assimetria entre os países do Norte e do Sul, resultou na ampliação do desemprego, do subemprego, da informalidade e no fenômeno recente que temos compreendido como uberização do trabalho. Longe de referir-se apenas ao trabalho que ocorre no interior da empresa-plataforma Uber, o conceito designa uma série de processos ligados à organização, gestão e controle do trabalho, cujo cerne são os processos de informalização; o trabalhador just-in-time; e o gerenciamento algoritmo (Abílio, 2020a). Na uberização os trabalhadores arcam com a manutenção dos meios de trabalho (celular, internet, carro, moto etc.), são remunerados na exata medida da demanda e tem toda a sua jornada de trabalho mapeada e organizada por dados e algoritmos. Enquanto a plataforma, uma empresa global, apropria-se da mais-valia gerada pelo trabalho, sem nenhuma preocupação com os direitos trabalhistas historicamente conquistados pela classe trabalhadora (Antunes, 2023).

Dentre os elementos da uberização, podemos destacar:

- 1) contatos on-line entre produtores e consumidores; trabalhadores e empresas; 2) uso de aplicativos ou plataformas para acesso em computador ou instrumentos móveis de comunicação; 3) uso abrangente de dados digitais para a organização e gestão dessas atividades; 4) relações estabelecidas por “demanda” (ou seja, que resultam de arranjos por cada produto, desprovidos de segurança jurídica capaz de garantir sua continuidade) (Antunes & Filgueiras, 2020, p. 31).

Trata-se, então, de uma forte tendência à precarização do trabalho, que é passível de generalizar-se para totalidade das relações laborais (Abílio, 2020b). Ricardo Antunes (2022), inclusive, aponta que a crise sanitária de COVID-19 foi um dos laboratórios de expansão da uberização, uma vez que o isolamento social intensificou o uso das empresas-plataformas, tanto para os consumidores que procuravam fugir do vírus, como para os trabalhadores que buscavam escapar da nova onda de desemprego que emergiu com a pandemia em 2020.

O resultado mais grave da processualidade da uberização é a expansão dos intermitentes globais (Antunes, 2020a). Há na atualidade uma multidão vigilante de trabalhadores que se encontram constantemente disponíveis para vender sua força de trabalho às empresas-plataformas, sem mediação de qualquer regulação trabalhista, assim que uma notificação chega ao smartphone (Abílio, 2020a). Esse fato pode ser constatado no contexto brasileiro, visto que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2022), indica que cerca de 1,5 milhões de pessoas têm o trabalho em plataforma como a principal fonte de renda. O Instituto de Locomotiva, por sua vez, aponta que aproximadamente 17 milhões de pessoas obtêm algum rendimento por meio do trabalho em plataformas no Brasil (Estadão, 2019).

Considerando o crescimento exponencial de trabalhadores uberizados ao redor do mundo, o instituto *Berlin Social Science Center*<sup>1</sup>, vinculado a Oxford, lançou recentemente o *FairWork*, um projeto que tem o objetivo de monitorar as melhores e piores práticas trabalhistas na economia de plataforma com base no conceito de trabalho decente da Organização Internacional do Trabalho (OIT). O trabalho decente é o ponto de convergência de quatro objetivos estratégicos: 1) o respeito aos direitos no trabalho, especialmente aqueles definidos como fundamentais (liberdade sindical, direito de negociação coletiva, eliminação de todas as formas de discriminação em matéria de emprego e ocupação e erradicação de todas as formas de trabalho forçado e trabalho infantil); 2) a promoção do emprego produtivo e de qualidade; 3) a ampliação da proteção social; 4) o fortalecimento do diálogo social. O relatório de 2021 (FairWork, 2021) aponta o Brasil como o país que possui uma das piores condições de trabalho do mundo na era da uberização, ficando atrás apenas de Bangladesh.

Nesta etapa do modo de produção capitalista a uberização transformou-se em uma espécie de laboratório da luta de classe (Grohmann, 2021), pois ao mesmo tempo que consolida uma forma particular de acumulação capitalista que garante altas taxas de lucros para as corporações globais (Franco & Ferraz, 2019), mobiliza trabalhadores a se

---

<sup>1</sup> Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung

organizarem internacionalmente para garantir direitos sociais e melhores condições de trabalho (Antunes, 2020b). É fato que esta luta adquire também uma dimensão ideológica, afinal para que uma classe seja capaz de exercer seu poder sobre outra faz-se necessário a construção de representações que apresentem o interesse particular como interesse universal (Lukács, 2013). Então, a questão da ideologia ainda é central, principalmente, porque a comunicação ideológica atua como um braço organizador e mobilizador da uberização: funciona como mecanismo de justificação dos modos de ser e aparecer do capital; mobiliza e faz circular determinados significados e sentidos em detrimento de outros; e emprega estratégias para fazer circular significações que ligam as empresas-plataformas a atributos de inovação e responsabilidade social (Grohmann, 2021).

Ocultar e negar o que efetivamente significam, tem sido o ingrediente central do sucesso da uberização para a classe capitalista (Antunes & Filgueiras, 2020). Por isso as empresas-plataformas ressignificam o autêntico conteúdo das palavras; sai de cena o trabalhador e entra o colaborador, o autônomo, o empreendedor, o parceiro etc. (Antunes, 2020a). Esses novos ‘conceitos’ operam individualizando e invisibilizando as relações de assalariamento e exploração, tanto no nível individual quanto no social. Uma vez que, socialmente as empresas-plataformas se apresentam, não como empresas de delivery, locomoção urbana etc., mas como empresas de tecnologia. Portanto, afirmam-se apenas como ligação intermediária (de software) entre oferta e demanda, dispensando qualquer reconhecimento de vínculo trabalhista e isentando-se da obrigação de garantir direitos, como férias, décimo terceiro, suporte em caso de acidente, entre outros. As consequências disso para o trabalhador individual é que, ora é identificado como autônomo, ora como empreendedor, ora com alguma derivação que conserva o significado de que é responsável por si mesmo. O que parece se apresentar como uma dificuldade para o aflorar da consciência de classe, isto é, a identificação de si como um trabalhador precarizado (Gonsales, 2020).

No entanto, como destaca Grohmann (2021, p. 15), “isso não quer dizer que os trabalhadores necessariamente aceitem e naturalizem as prescrições do capital a partir dos seus signos circundantes”. Existe uma luta entre os significados e sentidos ideológicos de classe. A comprovação disso está nas inúmeras manifestações e greves realizadas por trabalhadores uberizados ao redor do mundo, estas organizações desmanchando no ar o discurso da autonomia e do empreendedorismo (Gonsales, 2020). Em outras palavras, a classe trabalhadora tem construído suas próprias explicações ideológicas para a uberização - algumas dessas explicações advém também de pesquisas realizadas no interior das universidades.

É justamente a disputa ideológica do conflito capital-trabalho em tempos de uberização que nos interessa na presente pesquisa, pois são tais representações que engendram as formas de sentir, pensar e agir dos trabalhadores frente ao atual momento de precarização do trabalho. A compreensão das formas contemporâneas de alienação e resistências da classe trabalhadora é vital para que possamos intervir na realidade e transformá-la. Nesta direção, elegemos como problema da pesquisa a análise da relação das ideologias da uberização com o drama do psiquismo dos trabalhadores uberizados de empresas-plataformas. Isto é, queremos compreender como as representações ideológicas se relacionam com as formas de significar, sentir, pensar e agir dos trabalhadores uberizados.

Para esta investigação partimos da Psicologia Sócio-História. Nesta perspectiva, preconiza-se o exame do psiquismo em sua totalidade, ou seja, o conjunto de contradições, determinações e mediações que o constitui na realidade (Lane, 2012). Para isso, faz-se necessário uma postura histórica, isto é, estudar o psiquismo em movimento, em todas as suas faces e mudanças (Vigotski, 2021), considerando as várias partes que o integram – trabalho, sociedade, cultura, ideologia etc. Quanto mais preservarmos a riqueza das determinações que o engendra na realidade, mais nos aproximamos das leis internas que determinam sua existência: a totalidade (Luria, 1992). As partes que integram a totalidade do psiquismo, por seu turno, correspondem a outras totalidades, afinal, o ser social é um complexo dentro de complexos (Lukács, 2015). À vista disso, procuramos concentrar nosso olhar na dialética que se estabelece entre o todo e as partes, assim como os nexos que se estabelecem entre o singular, o particular e o universal (Lane, 2012).

Ora, o princípio fundamental da Psicologia Sócio-Histórica é que as determinações sociais estruturam o psiquismo. Dessa forma, as diversas contradições encontradas nos diferentes sistemas sociais são expressas tanto no tipo de personalidade quanto na estrutura do psiquismo humano do seu período histórico (Vigotski, 2013). Dito de outra forma, “cada pessoa é em maior ou menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence, já que nela se reflete a totalidade das relações sociais” (Vigotski, 2004). Porém, o processo de interiorização das relações sociais não é uma simples cópia do plano externo (interpsicológico) no plano interno (intrapicológico), ao contrário, é um movimento complexo em que os homens e mulheres ativamente apropriam-se dos conteúdos culturais e imprimem a estes um sentido individual, possibilitando, com isso, transformar a realidade para atender às suas necessidades. Neste movimento a mediação da linguagem e da atividade são fundamentais. É necessária a linguagem porque é ela que permite a abstração e generalização da realidade, através da palavra, e a sua transmissão na forma de discurso, aos

outros seres humanos; e é imprescindível a atividade, pois é ela que medeia a apropriação da própria linguagem e permite os indivíduos modificarem a realidade e ser por ela modificados (Santos, 2018). O que significa que é a forma como o indivíduo se insere na realidade e a relação que estabelece com os significados sociais que irá determinar a forma como os conteúdos serão integrados ao psiquismo e organizarão as formas de sentir, pensar e agir.

A pesquisa e intervenção junto a classe trabalhadora faz parte dessa teoria de Psicologia, visto que surgiu atrelada ao projeto político da Revolução Socialista na União Soviética. Assim, entende-se que o fator de classe se constitui como mediação fundamental no processo de desenvolvimento do psiquismo (Vigotski, 2004; Lane, 2012; Souza, 2015; Delari Jr, 2013). Além disso, ao ser apropriada pela Psicologia Social brasileira, onde as condições de dependência econômica e superexploração do trabalho são imperativas, construiu-se em nosso horizonte o ímpeto da transformação social (Lane & Codo, 2012). Tal propositura crítica encontra seu fundamento na tese marxista, a qual defende que, para além de interpretar o mundo é necessário transformá-lo (Marx & Engels, 2007).

Contudo, ainda são raras as pesquisas na Psicologia Social brasileira que se debruçam sobre o tema da uberização, principalmente sobre suas determinações ideológicas. No levantamento bibliográfico feito por nós, nas bases de dados Scielo, PePsic, Periódicos CAPES e Banco de Teses e Dissertações CAPES; a partir das palavras chaves: uberização e psicologia. Encontramos apenas três artigos e uma dissertação de mestrado. Dentre os artigos, um investiga as implicações do pós-pandemia para saúde dos trabalhadores uberizados (Uchôa-de-Oliveira, 2020); o outro procura compreender as formas de resistir dos trabalhadores frente a uberização do trabalho no Brasil (Uchôa-de-Oliveira & Bastos, 2022); e o terceiro, mais recente, analisa a ideologia do trabalho presente no discurso das principais empresas-plataformas de entrega no Brasil (Coelho-Lima et al., 2024). A dissertação, por sua vez, procura investigar junto aos bikeboys como a uberização constitui uma referência em sua trajetória laboral (Moura, 2021). A baixa inserção da Psicologia Social nesse debate transforma-se em um problema ainda maior quando lembramos que é na potencialidade subjetiva que está o papel decisivo da classe trabalhadora no conflito-capital trabalho em nosso tempo (Antunes, 2020a).

Portanto, nossa pesquisa procura estabelecer alguns nexos entre as categorias de uberização, ideologia e psiquismo. Nosso objetivo geral é analisar como as ideologias da uberização organizam o drama do psiquismo dos trabalhadores de empresas-plataformas. Para isso, elegemos os seguintes objetivos específicos: investigar os principais determinantes da uberização do trabalho; relacionar o conceito de ideologia, tal como proposto por Lukács,

com os principais significados que surgem com a uberização; aprofundar a discussão do drama para compreender a dinâmica do psiquismo; identificar os sentidos, significados e emoções que os trabalhadores de empresas-plataformas de locomoção urbana atribuem a uberização.

Para investigar as determinações da uberização e as representações ideológicas que emergem desse conflito entre capital-trabalho utilizamos a pesquisa teórica. Procuramos a partir do Materialismo Histórico-Dialético estabelecer conexões entre a uberização, a exploração e as ideologias. Neste processo privilegiamos autores que se fundamentam no referencial teórico do marxismo (Lukács, 2013; Franco & Ferraz, 2019; Abílio, 2019; Abílio, 2020a; Abílio, 2020b; Abílio, 2020c; Abílio, 2020d; Antunes, 2020a; Antunes, 2020b; Antunes, 2020c; Antunes & Filgueiras, 2020; Abílio, Amorim & Grohmann, 2021; Amorim, Moda & Mevis, 2021a; Amorim, Moda & Mevis, 2021b; Amorim et al, 2021; Coelho-Lima, 2021; Festi, 2020; Gonsales, 2020; Antunes, 2023; Festi, 2023; Gonsales, 2023; Abílio & Santiago, 2024; Coelho-Lima et al., 2024).

Na análise do psiquismo nós utilizamos a noção de drama, dado que o psiquismo corresponde a um sistema integrado de funções psicológicas superiores que se configuram de maneira dramática. A palavra ‘drama’ tem origem na Grécia Antiga e significa ação. Está associada, de maneira particular, ao teatro, pois remete a ação que se desenvolve em cena; tanto em relação à estrutura do texto, como na representação do ator. Portanto, o drama nos remete aqueles acontecimentos que compõem uma história particular e se centra na ação do indivíduo que perpassa tais acontecimentos. O drama atravessa a obra de Vigotski e apresenta ao menos dois sentidos distintos, mas não excludentes. Aparece como sinônimo de uma peça teatral – quando Vigotski (2006) diz que o desenvolvimento do psiquismo pode ser comparado ao desenrolar de um enredo encenado em vários atos; certas funções psicológicas superiores são ora protagonistas, ora coadjuvantes no sistema psíquico. Mas, o drama apresenta-se também como conflito, uma luta interna, que permeia a atividade humana, afinal “o drama sempre é luta de tais ligações (dever e sentimento; paixão, etc.), caso contrário não poderia ser drama, isto é, choque de sistemas” (Vigotski, 2001, p. 35). Assim, o drama em Vigotski,

“ora destaca que ‘novos personagens entram em cena a cada novo ato’, ou que ‘alguns atores têm papéis secundários e outros papéis principais’, ora que ‘uma luta se estabelece num só e mesmo ato’ – como quando por ‘dever’ o herói da peça se portaria de um modo, enquanto por ‘amor’ agiria de modo contrário com relação a uma mesma pessoa” (Delari Junior, 2011, p. 185. Destaques do autor).

Em nossa pesquisa, tomamos o drama como unidade de análise do psiquismo, uma vez que engloba pensamento e emoção, indivíduo e sociedade, o conflito entre os diferentes motivos e a complexa organização das funções psicológicas superiores; tal como o próprio desenvolvimento do psiquismo (Santos, 2015). Aprofundaremos a discussão do drama no capítulo III.

E, a fim de demonstrar empiricamente como as ideologias da uberização organizam o psiquismo dos trabalhadores, realizamos uma entrevista com um motorista/entregador de empresas-plataforma. A entrevista procurou analisar como este trabalhador significa, pensa, se afeta e age sobre o contexto do trabalho uberizado. Para esta análise optamos pela técnica de Análise Gráfica do Discurso. Inicialmente desenvolvida por Silvia Lane (1989), a técnica foi aprofundada e reorganizada por Leão (2007), que apresenta a possibilidade de construção simplificada, que é a forma como a empregamos nesta pesquisa. Esta técnica permitiu apreender as determinações, contradições e mediações ideológicas que constituem o pensamento, o significado, o sentido, a emoção e a visão de mundo do indivíduo. Ainda, vale destacar que os dados desta análise empírica foram obtidos por meio da pesquisa multicêntrica *Nexos da uberização: uma análise a partir dos trabalhadores*.

Trata-se de uma pesquisa que abrange diferentes centros acadêmicos, como Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Federal de São Paulo – Baixada Santista (UNIFESP); Universidade Federal de Uberlândia (UFU); e Universidad de Córdoba (Argentina). A união dessa rede de pesquisadores surgiu com o objetivo de analisar a forma como os trabalhadores de empresas-plataformas significam, se afetam e agem sobre o contexto da uberização. Posto que, a compreensão desses processos permite apreender como conscientizam o trabalho, os discursos hegemônicos, os processos de vulnerabilidade, a violência, o adoecimento e como agem diante desse contexto. Ao mesmo tempo, capta como as trajetórias de trabalhos são determinadas, se alinham, reproduzem ou subvertem as determinações sociais próprias da uberização nos países periféricos do capitalismo.

Por ter foco nas determinações próprias da uberização, elegeu-se como critérios de inclusão: a) estar com seus cadastros ativos em ao menos uma plataforma digital; b) estar realizando atividade de entrega ou transporte de passageiros em plataforma digital ao menos há um mês; c) ter realizado ao menos uma entrega ou transporte de passageiro durante os últimos sete dias que antecederam a pesquisa. Por sermos responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa em Goiânia, neste trabalho também se adotou critério de inclusão: d) realizar entregas ou transporte de passageiros na região metropolitana Goiânia. E como critério de

exclusão: a) trabalhar como entregador apenas com vínculo trabalhista com uma empresa, que não seja empresa-plataforma; b) trabalhar exclusivamente como taxista; c) trabalhar a menos de um mês nessa atividade e c) não ter realizado atividade de entrega ou transporte de passageiros na última semana. Não será diferenciado, quanto à inclusão e exclusão, o tipo de veículo utilizado (carro, moto, bicicleta, etc.), o tipo de empresa-plataforma (do setor de alimentos, entregas em geral, transporte etc.), a quantidade de empresas-plataformas ao qual o trabalhador esteja vinculado (desde que seja ao menos em uma), o tempo máximo de trabalho ou características sociodemográficas.

A coleta dos dados foi realizada a partir de entrevistas em profundidade (Minayo, 1996), dado que esta técnica de entrevista permite a apreensão dos valores, crenças e significados atribuídos pelos sujeitos a um determinado fenômeno. Assim, buscou-se quase à exaustão no processo de exploração da dimensão simbólico-subjetiva junto aos participantes. Durante o processo conjugou-se a livre expressão dos participantes acerca das temáticas previstas com questões que permitiram o aprofundamento da compreensão das articulações cognitivas e afetivas empreendidas pelos trabalhadores. Em outras palavras, as entrevistas ocorreram através de diálogos ativos entre participante e pesquisador.

As entrevistas aconteceram de maneira presencial com trabalhadores que aguardavam demandas na região metropolitana de Goiânia. Todas foram gravadas e posteriormente convertidas em *corpus* de texto. É necessário frisar que a coleta dos dados iniciou-se apenas após a obtenção do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos – este encontra-se no Anexo I. Além disso, é preciso dizer que todos os participantes foram informados previamente sobre os objetivos, a metodologia e os critérios de participação da pesquisa, tal como de seus riscos e benefícios. Aqueles que concordaram em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – Anexo II.

O roteiro das entrevistas foi construído em colaboração entre os membros da pesquisa; cada pesquisador formulou ao menos uma pergunta a partir da temática da uberização de seu interesse. Dessa forma, o questionário dividiu-se em seis eixos: 1) trajetória laboral; 2) sentido, significado e emoções relacionados ao trabalho; 3) sentido, significado e emoções relacionados à organização dos trabalhadores; 4) sentido, significado e emoções relacionados aos direitos trabalhistas; 5) vulnerabilidade no trabalho e saúde do trabalhador; 6) projeto laborais. A versão completa do roteiro está no Anexo III.

Aqui precisamos fazer uma advertência. O roteiro foi pensado para captar as mais diferentes representações da uberização e, portanto, investigou aspectos que estão além da questão da ideologia. Entretanto, isso não invalida a nossa pesquisa, pois mesmo que não

foque apenas nos conteúdos ideológicos da uberização, estes, de uma forma ou de outra, acabam por permear os múltiplos significados, sentidos e emoções produzidos pelos trabalhadores.

A pesquisa justifica-se por todo o contexto descrito acima. Mas é também determinada por um sentido individual. O trabalho informal me é caro porque sou filho de um trabalhador que passou grande parte da vida sobrevivendo dessa forma de trabalho. Meu pai foi mototaxista durante toda a minha infância e adolescência; desde criança escuto alguns dos dramas que afligem esses trabalhadores: pagar aluguéis diários para trabalhar no serviço de locomoção urbana; salário por demanda; ausência de férias, décimo terceiro e outros direitos trabalhistas; além, é claro, de jornadas intensas de trabalho, e diversas outras implicações subjetivas. Mas, o que mais me marcou foram os acidentes no trabalho. Ao todo meu pai sofreu três acidentes graves - chegou a quebrar a perna duas vezes no mesmo lugar e passou muito perto de a ter amputada no último acidente em dezembro de 2016. Durante os diferentes momentos de recuperação não tinha renda. Era uma longa trama de idas e vindas até conseguir receber o auxílio - o último processo demorou três anos. Por todo o tempo em que não pôde trabalhar, meu pai se responsabilizou por sua situação sem compreender as determinações que a causaram.

Tudo isso tem implicações na subjetividade do trabalhador e da família inteira. Porém, o meu estranhamento com toda essa situação ocorreu somente quando passei a integrar o Grupo de Estudo e Pesquisa sobre os Aspectos Psicossociais do Trabalho e da Educação (GEPAPET), coordenado pela Profa. Dra. Inara Barbosa Leão. Neste grupo comecei a me aproximar das discussões marxistas, tal como da Psicologia Sócio-Histórica. Apenas neste momento comecei a ter consciência que toda essa vivência era decorrente de uma ordem social complexa; a ideologia que fazia meu pai se responsabilizar por sua condição era a mesma que me fazia normalizar o trabalho como sinônimo de assumir riscos e arcar com eles.

A fim de destrinchar todas as questões aqui apresentadas organizamos a exposição da pesquisa da seguinte forma:

No capítulo I: “Trabalho: Totalidade em Movimento” apresentamos o trabalho como fundamento ontológico do ser social, isto é, o trabalho concreto; bem como o trabalho abstrato – a forma mercadoria que o trabalho adquire no modo produção capitalista. Ainda, relacionamos o trabalho com as categorias de alienação, ideologia e fetiche. Por último, realizamos uma breve análise das metamorfoses do trabalho na era da reestruturação produtiva para compreender o contexto de emergência da uberização do trabalho.

No capítulo II: “Uberização: Expressão do Movimento da Totalidade”. Detemo-nos ao fenômeno da uberização do trabalho propriamente dito. Discutimos algumas das tendências do capitalismo contemporâneo, o processo de informalização do trabalho, a consolidação do trabalhador just-in-time e o gerenciamento algoritmo. Além disso, abordamos as principais representações ideológicas que compõem o conflito capital-trabalho nos tempos de uberização, tais como o empreendedorismo, a economia do compartilhamento e a crítica à uberização.

O capítulo III: “Psiquismo: Uma Totalidade Resultante do Trabalho”. Oferece uma compreensão teórica sobre o desenvolvimento do psiquismo, a sua organização sistêmica e a sua configuração dramática. Ainda, empreendemos uma discussão sobre as categorias de consciência, inconsciente, emoção e personalidade, por considerarmos fundamentais para a análise empírica dos significados, sentidos e emoções dos trabalhadores uberizados.

Por fim, no capítulo IV: “Drama do Psiquismo em Tempos de Uberização: Outra Expressão do Movimento da Totalidade”. Realizamos algumas considerações metodológicas sobre a pesquisa empírica - explicitamos os procedimentos de análise dos dados. E, também apresentamos os resultados, discussão e interpretação do dado empírico.

Por fim, nas considerações finais, retornamos aos pontos mais importantes da pesquisa, apresentando uma síntese geral, e procuramos indicar caminhos para futuras pesquisas dentro dessa temática.

## 1. Trabalho: Totalidade em Movimento

*No princípio era o ato*

*Goethe*

A tradição materialista histórico-dialética adverte que a natureza e o ser social estão em constante movimento contraditório, negando-se um ao outro, de modo a criar totalidades que podem vir-a-ser algo qualitativamente novo. Esse movimento, que para dizer o mínimo é complexo, tem sua gênese no trabalho, a “condição fundamental de toda história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos” (Marx & Engels, 2007, p. 33). Dado que o trabalho possibilita ao ser social relacionar-se com a natureza, apropriando-se dos produtos necessários para a satisfação de suas necessidades.

No entanto, o próprio trabalho é uma totalidade, contraditória, em movimento, que é constituída de outras totalidades - ser social, natureza, instrumentos, modo de produção, classes sociais, alienação, ideologia, divisão internacional do trabalho etc. É, por um lado, dispêndio de força humana numa forma específica, determinada a um fim, e em função disso produz valores de uso - *trabalho concreto*; e é, por outro, dispêndio de força humana em sentido fisiológico, e em razão disso gera valor às mercadorias - *trabalho abstrato* (Marx, 2013). De um lado, têm-se a dimensão universal e ontológica do trabalho: intercâmbio entre ser social e natureza que cria bens socialmente úteis e necessários para satisfação das necessidades humanas; do outro, têm-se a redução dessa atividade vital a uma particularidade histórica: força de trabalho humana produtiva para o capital. Assim, o trabalho institui-se mediante uma contraditoriedade, é, ao mesmo tempo, criação e sofrimento, riqueza e miséria, felicidade e tragédia (Codo, 1994).

Portanto, nosso objetivo neste capítulo é: apreender as múltiplas determinações do trabalho; relacionar esta categoria com a alienação, a ideologia e o fetichismo; contextualizar as metamorfoses do trabalho ao longo da história do modo de produção capitalista; e as transformações do ser social no interior de todo esse movimento. Nesse processo colocaremos em foco as diversas perspectivas e qualidades que integram o trabalho, enquanto objeto científico, para mais perto chegarmos das leis internas que determinam sua existência na contemporaneidade. Os elementos aqui discutidos são o fio condutor de nossa pesquisa e mostram-se imprescindíveis para compreensão do psiquismo em tempos de uberização, pois é

a partir do entendimento das determinações gerais do trabalho que poderemos compreender como as representações ideológicas particulares da uberização organizam o psiquismo dos trabalhadores de empresas-plataformas.

### 1.1. Trabalho na Ontologia do Ser Social

A tese segundo a qual o trabalho é a forma originária do ser social (Lukács, 2013) encontra sua validade não na imaginação, ou nas idéias humanas, mas na própria prática social. Posto que, antes de fazer história, ou envolver-se com política, ciência, religião, arte etc., os homens precisam comer, beber, vestir-se e abrigar-se (Engels, 2020a). Isto é, precisam criar as condições necessárias para sua reprodução social. É esse o primeiro ato de toda a história (Marx & Engels, 2007).

Veja, não estamos atestando que o ser social é o único ser que precisa estar em condição de viver para se reproduzir; até porque essa é uma condição essencial a todo ser orgânico (Lukács, 2013). E, sim, que o ser social é o único capaz de *criar*, através da mediação do trabalho, as condições objetivas para a sua reprodução social - ele altera a natureza, orgânica e inorgânica, para a satisfação de suas necessidades (Marx, 2013). É nisso que reside a sua particularidade em relação ao restante da natureza.

A passagem do ser orgânico ao ser social é uma questão que indaga o conjunto da ciência. A geração de cientistas darwinistas ainda procura a explicação da evolução do humano a partir de exames comparativos anátomo-fisiológicos com primatas. Embora tais pesquisas possam iluminar aspectos relacionados à passagem de um ser (orgânico) a outro (social), em razão de descrever diferenças qualitativas entre essas duas formas do ser, elas não são capazes de apreender a essência da transformação de uma forma em outra, isto é, o salto ontológico em si. Isso porque, de acordo com o filósofo György Lukács (2013, p. 36), o salto ontológico

[...] implica uma mudança qualitativa e estrutural do ser, onde a fase inicial certamente contém em si determinadas condições e possibilidades das fases sucessivas e superiores, mas estas não podem se desenvolver a partir daquela numa simples e retilínea continuidade. A essência do salto é constituída por essa ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento e não pelo nascimento, de forma súbita ou gradativa, no tempo, da nova forma de ser.

Dessa maneira, a nossa orientação teórico-metodológica, nos indica que devemos procurar a explicação nas particularidades do ser social, visto que, só o mais desenvolvido pode oferecer os elementos para a explicação do menos desenvolvido, o que Karl Marx (2010) ilustrou na afirmação: a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco. É

partindo deste princípio que podemos compreender que o surgimento do ser social resultou de um processo de milhares de anos, no qual uma espécie pré-humana, sem deixar de participar da natureza, transformou-se, pelo trabalho, em algo essencialmente diferente dela (Netto & Braz, 2012). E, nesse processo, a fabricação de instrumentos cumpriu papel fundamental porque permitiu a esse grupo, ainda animalesco, estabelecer uma relação mediada com a natureza e com os membros da própria espécie. Daí a polêmica tese de Friedrich Engels (2020b, p. 421): “o trabalho criou o próprio homem”. Por ser uma polêmica é necessário lembrar que Engels não defendeu a ideia de um salto ontológico de uma geração a outra, mas uma transformação que esteve atrelada a uma série de mutações biofísicas que levou milhões de anos para ser materializada, e que, em última instância, foram determinadas pelo trabalho.

A respeito da particularidade do trabalho no desenvolvimento do ser social, é adequado recordarmos da emblemática comparação, empreendida por Marx (2013, p. 327), entre as abelhas e o arquiteto.

Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente.

A ideação teleológica da atividade passa a ser uma determinação decisiva da reprodução da vida social (Lessa, 2012). Ao tratar da questão da teleologia, Lukács (2013) explicitou que essa é uma categoria ontológica, existente apenas no interior do ser social, que é capaz de o pôr em movimento rumo a transformação de um setor da natureza em uma nova objetividade. Isso porque é constituída internamente por dois momentos: 1) a posição do fim - finalidade que orienta o desenvolvimento concreto da objetivação; 2) a busca dos meios - mediação que desenvolve e fixa conhecimentos e instrumentos para agir sobre a realidade ao longo da história. Esses dois fundamentos internos permitem aos homens distanciar-se da realidade, para projetar, subjetivamente, o resultado e os meios de sua ação antes de objetivá-la.

Todavia, é importante destacar que esse pôr teleológico, nascido no interior do ser social, tem sua gênese na causalidade, ou seja, nas condições concretas da própria realidade. Desse modo, os horizontes vislumbrados teleologicamente estão condicionados a concreticidade histórica; daí a tese marxiana: “os homens fazem a sua própria história;

contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita” (Marx, 2003, p. 25). Mas apesar dessa condicionalidade da posição teleológica à causalidade dada, há possibilidades de modificação, transformação e criação de causalidades postas - novas objetivações promovidas pelo trabalho.

Isso significa que, os homens estão além da adaptação dos seres vivos em competição biológica com o seu meio ambiente, porque criam instrumentos, isto é, meios físicos, químicos etc., capazes de potencializar a ação sobre a natureza, afastando as barreiras biológicas. Exemplo disso é o fato do ser humano não dispor de uma estrutura anátomo-fisiológica que lhe permita voar ou enxergar microrganismos, mas os instrumentos criados pelo trabalho, avião ou microscópio, o possibilitam fazê-lo. Logo, o trabalho é o processo pelo qual o ser social, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza, desenvolvendo “as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio” (Marx, 2013, p. 327).

Nesta direção, o trabalho corresponde ao movimento: objetividade-subjetividade-objetividade. Partindo das circunstâncias objetivas, o ser social age sobre a natureza e a transforma em valores de uso necessários à sua reprodução social. Esses valores ao serem exteriorizados voltam-se ao ser social e o modificam - modificam sua própria natureza, distanciando-o cada vez mais dos determinantes biológicos e modificam a sua forma de relacionar-se com a natureza, complexificando as mediações que se interpõem entre ele e a natureza. Ou seja, o trabalho, em seu sentido concreto, é “[...] condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana” (Marx, 2013 p. 98).

Entretanto, o ser social não se reduz ao trabalho em sua forma originária; a partir dele desenvolve-se formas mais complexas de relação entre os seres sociais, a qual Lukács (2013) denominou de práxis. A práxis social tem como modelo o trabalho, mas a transcende na medida que é determinada por representações teleológicas secundárias, dadas pela sociedade ou grupos sociais, que orientam o comportamento de homens e mulheres a agir de determinado modo para satisfazer determinada necessidade. Essa atividade superior do ser social é resultante do acúmulo de mediações que se cristalizam entre a natureza e o homem. Adiante, ao tratar da categoria de ideologia, retornaremos a esse debate sobre a práxis e as representações ontológicas. Neste momento cabe apenas dizer que o trabalho abstrato é uma das expressões da práxis. E é sobre este que nos deteremos a seguir.

## 1.2. Trabalho no Capitalismo

Embora o trabalho seja a condição *sine qua non* do ser social, esta relação está sujeita a mediações de ordem política e econômica particulares que organizam, produzem e reproduzem o seu desenvolvimento. Por conseguinte, o ser social não é uma imanência única na história: “na idade antiga ou ele era escravo ou cidadão; na idade média era servo ou senhor; na idade moderna é proletário ou patrão” (Alves, 2010, p. 3). Ou seja, a expressão do ser-em-si está condicionada à forma de produzir a vida material.

No modo de produção capitalista, onde opera a subordinação estrutural do trabalho ao capital (Antunes, 2009) e das necessidades humanas à reprodução do valor de troca (Mészáros, 2011), o antagonismo de classe tornou-se fundamento ontológico do desenvolvimento global do ser social (Lukács, 2013). Isto considerando que, sob o prisma do capital a relação mercantil é generalizada para a totalidade das relações sociais: “A riqueza das sociedades em que reina o modo de produção capitalista aparece como uma enorme coleção de mercadorias” (Marx, 2013, p. 157). E, assume centralidade na reprodução da vida social, de forma a tornar incerta a sobrevivência dos homens que não comprem ou vendam mercadorias.

Historicamente, a produção mercantil existiu em organizações sociais anteriores ao capitalismo, como exemplo podemos citar o escravismo e o feudalismo na Europa. No entanto, nestas sociedades, predominava a circulação simples de mercadorias, destinada a um mercado restrito, em que produtor e consumidor trocavam, quase que diretamente, o excedente de suas produções. Mas, a ampliação das atividades comerciais, devido ao aumento de demanda das mercadorias e a circulação de dinheiro, alterou esse quadro, deslocando, por meio da revolução social burguesa, a produção mercantil simples para a produção mercantil capitalista (Netto & Braz, 2012). A diferença essencial entre essas duas formas de produção mercantil reside no fato de que, na produção simples os trabalhadores, artesãos e camponeses, eram proprietários dos meios de produção que empregavam, e os lucros, no caso dos comerciantes, adivinham da própria circulação de mercadorias: diferença entre o valor pago e recebido pela mercadoria (Grespan, 2021). A produção capitalista, como veremos adiante, expropria os trabalhadores dos meios de produção e obtém seu lucro através da exploração do trabalho.

Em *O capital*, Marx (2013) demonstrou que a mercadoria se constitui como núcleo celular, a determinação mais essencial da sociedade burguesa, porque é por meio dela que as relações sociais vigentes reproduzem sua existência. Em linhas gerais, podemos considerar a

mercadoria como um produto do trabalho que satisfaz as necessidades humanas, o que lhe confere valor de uso; e, um produto do trabalho humano que se produz para a troca, pela qual o mercado lhe aufero o valor de troca. Ou seja, a mercadoria é uma unidade que condensa valor de uso, pautado em suas qualidades, e valor de troca, dependente da quantidade de trabalho humano necessário à sua produção, posto que o valor das mercadorias, expresso nos processos de troca, é determinado pela quantidade média de trabalho abstrato para a sua produção em determinada condição histórica.

Entretanto, no regime capitalista o trabalho não produz apenas mercadoria, produz a si mesmo e o trabalhador como mercadoria (Marx, 2010) – força de trabalho que pode ser comprada e/ou vendida em troca de salário. Por consequência, o trabalho passa a possuir, além de uma dimensão qualitativa, seu valor de uso, uma dimensão quantitativa, que é o valor de troca. O valor de uso da força de trabalho, como destacamos anteriormente, consiste em criar valor superior aos meios de trabalho necessários para produzi-la. Enquanto o valor de troca é o salário, determinado, como o conjunto das mercadorias, pelos custos médios da produção social da força de trabalho, ou seja, o quanto é necessário para que o trabalhador se reproduza em um determinado momento histórico.

Essa metamorfose do trabalho em trabalho assalariado tem sua raiz histórica na acumulação originária, na economia primitiva, que se desenvolveu a partir da concentração de recursos necessários ao trabalho, tais como matérias-primas, fábrica, dinheiro etc. nas mãos de um pequeno grupo e da formação de uma massa de despossuídos, obrigados a vender a sua força de trabalho. Segundo o historiador argentino Osvaldo Coggiola (2021), essa condição foi propiciada por uma série de determinações, entre elas a acumulação de riquezas por negociantes europeus com o tráfico de escravos africanos; o saque colonial; a apropriação privada de terras comunais; a proteção das manufaturas nacionais; o confisco e/ou venda de terras das igrejas abaixo do preço; e a criação de condições de miséria que forçaram o campesinato a migrar para os centros urbanos em busca de trabalho.

A expropriação dos trabalhadores dos meios de produção, e a concentração destes nas mãos da classe capitalista faz com que na relação social do capital encontre-se

[...] duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias [...]; de um lado, possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência, que buscam valorizar a quantia de valor de que dispõem por meio da compra de força de trabalho alheia; de outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, por conseguinte, vendedores de trabalho. [...] Com essa polarização do mercado estão dadas as condições fundamentais da produção capitalista. [...] processo que, por um lado, transforma em capital os meios sociais de subsistência e de produção e, por

outro, converte os produtores diretos em trabalhadores assalariados. (Marx, 2013, p. 960-961).

O antagonismo que se concretiza na luta de classes, entre a burguesia e o proletariado, oferece ao capital o movimento necessário para sua valorização. Marx (2013), em sua investigação, desvelou que o movimento de valorização do capital tem início na *forma-dinheiro*. O capitalista dotado de dinheiro dirige-se ao mercado para comprar mercadorias, tanto força de trabalho como meios de produção, que lhe permitem dar continuidade ao movimento de valorização do capital. Nesse momento há a primeira metamorfose do capital - da *forma-dinheiro* ele assume a *forma-mercadoria*. Ao dispor das mercadorias, força de trabalho e meios de produção, o capitalista tem a possibilidade de acrescentar aos produtos um valor superior - esse processo é realizado pelo trabalhador assalariado que transfere o valor dos meios de produção para a mercadoria. Portanto, ao fim dessa etapa há uma *mais-valia* cristalizada na *forma-mercadoria*. Concluída a produção da mercadoria, esta é levada ao mercado para circular livremente até que alguém a compre para satisfazer sua necessidade. Na esfera da circulação, o capital se metamorfoseia mais uma vez - agora da *forma-mercadoria* para a *forma-dinheiro-acrescido*.

Esse movimento, que em nossa exposição parece simples e harmônico, é na verdade muito mais complexo e dramático. Pois, o mesmo ciclo que valoriza o capital consolida a exploração do trabalho: o trabalhador ao vender sua força de trabalho recebe em troca um salário, mas durante a jornada de trabalho, o trabalhador produz, por conta das qualidades da força de trabalho, além do valor equivalente a seu salário, que paga o tempo de trabalho necessário, uma *mais-valia*, que é o tempo de trabalho excedente, do qual, o capitalista se apropria.

Isso porque o capital tem como impulso vital

[...] o impulso de se autovalorizar, de criar mais-valor, de absorver, com sua parte constante, que são os meios de produção, a maior quantidade possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto [meios de produção], que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo [força de trabalho], e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou do trabalhador. (Marx, 2013 p. 501).

O processo de valorização do capital, por sua vez, tem influência de uma série de determinações, como por exemplo o nível de politização dos trabalhadores - caso os trabalhadores se organizem coletivamente e consigam pressionar o capitalista a aumentar o valor de troca do salário, o nível do excedente tende a cair. Não obstante, há formas utilizadas

pelos capitalistas para garantir a maximização da mais-valia produzida pelo trabalhador. Marx (2013) as denominou de mais-valia absoluta e mais-valia relativa.

A mais-valia absoluta está relacionada à extensão da jornada de trabalho sem aumento salarial: conserva-se o mesmo tempo de trabalho necessário e eleva-se o tempo de trabalho excedente. Essa forma de extração de mais-valia, pode se dar tanto por um aumento quantitativo de horas trabalhadas, quanto por uma intensificação no ritmo de trabalho (controle de movimentos, vigilância, cronometragem etc.). Por outro lado, a mais-valia relativa caracteriza-se pelo aumento da produtividade (avanço técnico-científico) dos bens necessários à reprodução da força de trabalho: diminui-se o tempo de trabalho necessário para a produção de mercadorias consumidas pelo trabalhador.

Ainda há a possibilidade de uma mais-valia extraordinária; esta ocorre quando um capitalista em particular, dotado de meios de produção e/ou de uma administração do trabalho mais eficiente, amplia o ritmo da sua produção, criando uma vantagem sobre a produção dos outros capitalistas, e continua a vender a sua mercadoria pelo mesmo valor médio.

Ambos os métodos de extração de mais-valia

[...] aplicam-se à custa do trabalhador individual; todos os meios para o desenvolvimento da produção se convertem em meios de dominação e exploração do produtor, mutilam o trabalhador, fazendo dele um ser parcial, degradam-no à condição de um apêndice da máquina, aniquilam o conteúdo de seu trabalho ao transformá-lo num suplício, alienam ao trabalhador as potências espirituais do processo de trabalho na mesma medida em que a tal processo se incorpora a ciência como potência autônoma, desfiguram as condições nas quais ele trabalha, submetem-no, durante o processo de trabalho, ao despotismo mais mesquinho e odioso, transformam seu tempo de vida em tempo de trabalho [...]. Portanto, a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital. (Marx, 2013, p. 876-877).

Na uberização esse processo é preservado, ainda que se expresse por novos mecanismos. Por exemplo, as empresas-plataformas ao disponibilizarem o software/plataforma, responsável por conectar demanda e oferta, retiram um porcentual de cada atividade prestada pelo trabalhador ao cliente. Portanto, há uma extração de mais-valia, que pode ser expressa tanto por mecanismos absolutos, relativos e/ou extraordinários.

No entanto, os trabalhadores sempre reagiram com maior ou menor violência a esses intentos. É válido recordarmos do *movimento ludista* que destruiu máquinas industriais em forma de protesto às demissões em massa que acompanhavam o desenvolvimento tecnológico; do *movimento cartista* que, além de lutar por a redução da jornada de trabalho, conquistou o sufrágio universal; da criação da *Primeira Internacional Comunista* que

organizou trabalhadores ao redor do mundo; das inúmeras greves realizadas por trabalhadores no interior do capitalismo industrial; e das formas contemporâneas de resistência dos trabalhadores uberizados. Portanto, “a luta entre a mais-valia e o salário na verdade [...] depende da força de que cada classe dispõe na luta travada todos os dias na sociedade em geral” (Sandroni, 1985, p. 68). Em outras palavras, depende do desenvolvimento da consciência.

Todavia, as condições objetivas de opressão e exploração não aparecem concretamente aos trabalhadores, pois o modo de produção capitalista cria um modo de representação capitalista que limita o nível de consciência do trabalhador (Grespan, 2019). A base desse processo é a alienação.

### 1.2.1. Alienação<sup>2</sup>

O trabalho no modo de produção capitalista nos conduz, necessariamente, à alienação. Isto, em virtude deste fenômeno ser engendrado na relação social do capital que interpõe, entre o ser social e a natureza, um conjunto de mediações, como propriedade privada, valor de troca e divisão do trabalho, que cindem produção e consumo. Assim, “o produtor não se reconhece no produto, não se reconhece como produtor, e afirma-se socialmente como comprador e consumidor” (Grespan, 2021, p. 29). Essa inversão, embora manifeste-se no psiquismo, é, antes de tudo, um fenômeno objetivo que tem seu fundamento histórico na propriedade privada dos meios de produção (Marx, 2010). A separação do trabalhador dos meios de trabalho põe de cabeça para baixo a relação entre o ser social e o trabalho: “o que deveria ser a forma humana de realização do indivíduo reduz-se à única possibilidade de subsistência do despossuído” (Antunes, 2015, p. 171).

Logo, a inter-relação do ser social com a natureza é transformada na relação entre trabalho assalariado e capital (Mészáros, 2016), fazendo com que os homens confrontem-se com o trabalho como uma força externa que os domina: não escolhem o quê produzem; como produzem; quando produzem; quanto e em que ritmo produzem. Isso porque a redução do trabalho à mercadoria força de trabalho separa, em classes sociais, aquele que organiza teleologicamente a ação (os capitalistas) daquele que põe em movimento a sua corporeidade rumo a transformação da causalidade dada em causalidade posta (os trabalhadores). Ao

---

<sup>2</sup> Há um debate sobre a alienação não ser restrita ao estranhamento. Lukács, (2013) defende que o estranhamento é uma das expressões da alienação; no entanto, a alienação corresponde, principalmente, à exteriorização do trabalho - aquilo que o trabalhador objetiva por meio da sua atividade. Ainda que estejamos conscientes desse debate e o consideramos fecundo, não iremos partir de tal distinção. Iremos tratar a alienação como sinônimo de estranhamento, e quando for necessário nos remeter a característica “positiva” da alienação usaremos o termo exteriorização. Para Isso nos apoiamos em Lessa (2012)

perder o controle de sua atividade vital e submeter-se ao domínio da força de outro, o trabalhador torna-se alienado ao *próprio trabalho*, enquanto força que movimenta a história (Marx, 2010).

A divisão social do trabalho é um exemplo desse estranhamento do trabalhador com o trabalho:

[...] cada um passa a ter um campo de atividade exclusivo e determinado, que lhe é imposto e ao qual não pode escapar; [...] deve permanecer se não quiser perder seu meio de vida. [...] O poder social, isto é, a força de produção multiplicada que nasce da cooperação dos diversos indivíduos condicionada pela divisão do trabalho, aparece a esses indivíduos, porque a própria cooperação não é voluntária [...], não como poder unificado, mas sim como uma potência estranha, situada fora deles, sobre a qual não sabe de onde veio nem para onde vai, uma potência que não podem mais controlar e que, pelo contrário, percorre agora uma sequência particular de fases e etapas de desenvolvimento, independentemente do querer e do agir dos homens e que até mesmo dirige esse querer e esse agir. (Marx & Engels, 2007, p. 37-38).

A alienação do trabalhador quanto ao próprio trabalho faz com que a relação social do capital apareça como natural e eterna: tudo sempre foi e sempre será assim. Ou, nas palavras de Mark Fisher (2022, p. 8) “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”. Esta tese é uma ilustração de que a alienação se liga a fenômenos ideológicos, semióticos, psicológicos etc. dado que uma sociedade alienada está fadada a produzir ainda mais alienação, pois “quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando, tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo” (Marx, 2010, p. 81). No entanto, essas outras expressões de alienação são determinadas, em última instância, pela autoalienação do trabalho.

Antes de darmos foco a elas, é preciso destacar que a autoalienação do trabalho é determinada e determina alienação do *produto do trabalho*: “o trabalhador se relaciona com o *produto de seu* trabalho como um objeto *estranho*” (Marx, 2010, p. 80. Destaque do autor). A organização capitalista do trabalho, além de impedir que o trabalhador se aproprie do que ele mesmo produziu, fragmenta o trabalho em várias camadas impossibilitando o trabalhador conhecer o quê, de fato, está produzindo. Mais que isso, a alienação do ser social em relação ao produto de sua atividade sensível cria barreiras à própria humanização, pois se saúde, educação, cultura etc., são mercadorias, só podem ser consumidas pela mediação do dinheiro, parte significativa da classe trabalhadora perde a possibilidade de humanizar-se. E consequentemente, “o homem (trabalhador) só sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber, procriar [...] e em suas funções humanas só [se sente] animal. O animal se torna humano e o humano, animal” (Marx, 2010, p. 83).

É reconhecendo essa contradição entre produção e apropriação que Marx (2010, p. 80.

Destaque do autor) disse:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. Com a *valorização* do mundo das coisas aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens.

Na medida em que o ser social é alienado dos produtos do trabalho e do próprio trabalho, ele é também alienado do *gênero humano*: “estranha do homem o seu próprio corpo, assim como a natureza fora dele, tal como a sua essência espiritual, a sua essência humana”<sup>3</sup> (Marx, 2010, p. 85). E como resultado imediato disso, há uma desvinculação do ser social da sociedade e da existência social (Netto, 1981), o que inclui a alienação do outro como ser social e sua representação como coisa, tal como fica explicitado nas letras do rapper brasileiro Djonga (2022. Destaque nosso):

Uma pessoa me tocou sem eu querer  
Usava farda e foi um tapa na cara  
É, 15 anos depois e ainda não sei porquê  
Tava eu e mó bondão, tinha uma mão pra cada  
Pra mim foi tipo: Acorda, isso aqui num é sua casa  
Foi tipo: Entende, neguin, nem sua casa é sua casa  
Foi tipo: Entende bem, ó, *você pra nós é coisa*  
Vai tá sempre no erro e não importa a causa

A alienação faz com que as pessoas apareçam diante do ser social como coisa. E, mais do que isso, ao serem convertidas em mercadoria as pessoas também passam a ser concebidas como tendo mais ou menos valor a partir de alguma característica específica. É importante destacar como isso é facilmente identificável nas relações sociais: a população negra aparece como uma coisa diante da polícia; os corpos femininos são representados como objetos a serem consumidos nos anúncios midiáticos ou na indústria de entretenimento; os trabalhadores são vistos e tratados assim por empresas-plataformas. Ou seja, as relações sociais se cristalizam como relações entre coisas, independente das vontades e das ações humanas (Lukács, 2018).

É importante destacar que embora a alienação seja um fenômeno objetivo que está na base econômica do capital, ela possui uma representação superestrutural: a ideologia. Lembremos das palavras de Marx (2008, p. 47-48. Destaque nosso) no *prefácio* de *Contribuição à crítica da economia política*:

---

<sup>3</sup> A essência humana na perspectiva marxista é determinada pelas condições históricas construídas a partir do trabalho.

[...] na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma *superestrutura jurídica e política*, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. [...] A transformação que se produz na base econômica transforma mais ou menos lenta ou rapidamente toda a colossal superestrutura. Quando se consideram tais transformações, convém distinguir sempre a transformação material das condições econômicas de produção - que podem ser verificadas fielmente com ajuda das ciências físicas e naturais - e as *formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas*, em resumo, as *formas ideológicas* sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim.

É a respeito das formas ideológicas que trataremos a seguir.

### 1.2.2. Ideologia

O conceito de ideologia no interior das ciências sociais, e mesmo do marxismo, é polissêmico e contraditório (Löwy, 2008). Abordar as controvérsias que o envolvem foge ao objetivo desta pesquisa. No entanto, não estamos nos esquivando da polêmica, ao contrário, tomamos partido: partimos da concepção lukacsiana de ideologia. Compreendemos que a grande contribuição de Lukács (2013), no que diz respeito à questão da ideologia, está em superar a noção gnosiológica, para a qual a ideologia seria uma falsa consciência, a partir da noção ontológica, que explica a ideologia como sendo aquelas representações que possuem uma função social. Isso significa deslocar o debate entre verdadeiro ou falso de uma ideia para sua dimensão prático-política.

Partindo de *Para ontologia do ser social* (Livro II), devemos compreender que uma ideia não é *a priori* ideologia, ela apenas pode vir-a-ser quando se apoderar das massas, isto é, quando é “transformado em veículo teórico ou prático [práxis] para enfrentar e resolver conflitos sociais, sejam estes de maior ou menor amplitude, determinantes dos destinos do mundo ou episódicos” (Lukács, 2013, p. 337). Dessa forma, a ideologia é um fenômeno ideal orientado para resolver conflitos postos no cotidiano. Ou, nas palavras de István Mészáros (2014, p. 65), “a ideologia não é uma ilusão nem superstição religiosa de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada”.

Tal concepção nos orienta a pensar a ideologia como uma representação ideal emergente da esfera produtiva que tem a finalidade de conscientizar o ser social para a práxis. Dado que a reprodução econômica não pode funcionar sem formar campos de atividades não

econômicas, tais como a educação, estado, rituais etc., que tornem possível, no plano teleológico do ser social, esse processo. Ou seja: “todo o ato social surge [...] de uma decisão entre alternativas acerca de posições teleológicas futuras” (Lukács, 2009, p. 231). As ideologias são as representações ontológicas criadas por comunidades, grupos, ou classes sociais, que atuam sobre o pôr teleológico secundário de homens para agir de determinado modo frente a um determinado conflito. Não é fenômeno restrito às sociedades de classes, nem ao modo de produção capitalista. É, em última instância, um produto da complexificação da relação entre os seres sociais: uma exigência para coletivização e divisão do trabalho. Mas isso só pode ser compreendido quando consideramos que os conflitos não estão circunscritos apenas a grupos sociais, mas entre o próprio indivíduo e a sociedade.

Apesar de já apresentar-se como complexo social nos primórdios da socialização, a ideologia alcança o seu ponto máximo de desenvolvimento nas sociedades de classe, onde a divisão do trabalho intelectual e manual é consolidada de fato, posto que

a partir desse momento [divisão do trabalho], a consciência *pode* realmente imaginar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente, representar algo realmente sem representar algo real - a partir de então a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e lançar-se à construção da teoria, da teologia, filosofia, da moral etc. puras (Marx & Engels, 2007, p. 35-36. Destaque dos autores).

Além disso, a divisão do trabalho e a consolidação da propriedade privada instauram na própria sociedade grupos sociais com interesses contraditórios: os capitalistas buscam ampliar as taxas de mais-valor por meio da exploração do trabalho; os trabalhadores visam se libertar da exploração a que estão submetidos. Neste momento, aflora a necessidade de um grupo generalizar os seus interesses, representações, valores, moral etc. particulares como universais. Um exemplo ilustre de como a burguesia consegue impor sua visão de mundo para classe trabalhadora, pode ser encontrado na crônica *A desmemória/4*, de Eduardo Galeano (2019, p. 115-116. Destaque do autor):

Chicago está cheia de fábricas. Existem fábricas até no centro da cidade, ao redor de um dos edifícios mais altos do mundo. Chicago está cheia de fábricas, Chicago está cheia de operários.

Ao chegar ao bairro de Heymarket, peço aos meus amigos que me mostrem o lugar onde foram enforcados, em 1886, aqueles operários que o mundo inteiro saúda a cada primeiro de maio.

— Deve ser por aqui — me dizem. Mas ninguém sabe. Não foi erguida nenhuma estátua em memória dos mártires de Chicago nem na cidade de Chicago. Nem estátua, nem monolito, nem placa de bronze, nem nada.

O primeiro de maio é o único dia verdadeiramente universal da humanidade inteira, o único dia no qual coincidem todas as histórias e todas as geografias, todas as línguas e as religiões e as culturas do mundo; mas nos Estados Unidos o primeiro de maio é um dia como qualquer outro. Nesse dia, as pessoas trabalham normalmente, e ninguém,

ou quase ninguém, recorda que os direitos da classe operária não brotaram do vento, ou da mão de Deus ou do amo.

Após a inútil exploração de Heymarket, meus amigos me levam para conhecer a melhor livraria da cidade. E lá, por pura curiosidade, por pura casualidade, descubro um velho cartaz que está como que esperando por mim, metido entre muitos outros cartazes de música, rock e cinema.

O cartaz reproduz um provérbio da África: *Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador.*

A dominação ideológica de uma classe sobre a outra, tal como a que é ilustrada no escrito acima, ocorre porque

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. (Marx & Engels, 2007, p. 47. Destaque dos autores).

É devido a essa característica da ideologia de representar, de maneira quase predominante, os interesses da classe dominante, que a ideologia assume a aparência, no modo de produção capitalista, de um caráter mistificador da realidade. Mas as ideias dominantes não são exclusivas. Em cada período histórico coexistem outras formas de representações ideológicas, construídas desde as classes dominadas, sobre os conflitos sociais.

Em síntese: o fenômeno da ideologia “está ligado à necessidade, para um grupo social, de conferir-se uma imagem de si mesmo, de representar-se, no sentido teatral do termo, de representar e encenar” (Ricoeur, 1977, p. 68). E tal como no teatro, em que um roteiro orienta a ação de cada ator e atriz, a práxis de homens e mulheres é orientada por representações ideológicas que podem levar à conservação e/ou transformação da trama social.

Considerando que a ideologia se expressa nos conflitos sociais concretos, é possível e necessário pensarmos em ideologias do trabalho, isto é, ideias e representações de classe que permeiam o que é o trabalho no interior do capitalismo. Esse debate pode ser encontrado em Anthony (2003); o centro de sua discussão são os diversos valores, crenças e pensamentos sobre o trabalho no século XX. Mas é na pesquisa de Coelho-Lima (2016, p. 150) que encontramos maior sistematização das ideologias do trabalho em termos lukacsianos:

Se a ideologia é toda ideia que assume a função social de orientar a práxis dos indivíduos no cotidiano para posicionarem-se diante dos conflitos sociais, as ideias que se orientam a justificar/refutar a forma como o capitalismo integra a força de trabalho no processo produtivo configuram-se em ideologias, no momento em que lidam com um conflito social específico [capital-trabalho].

Algumas representações ontológicas do conflito capital-trabalho aparecem na música *Trabalhador* de Seu Jorge (2007):

E sem dinheiro vai dar um jeito  
Vai pro serviço  
É compromisso, vai ter problema se ele faltar  
Salário é pouco não dá pra nada  
Desempregado também não dá  
E desse jeito a vida segue sem melhorar

Outras na poesia *Elegia 1938* de Carlos Drummond de Andrade (2012, p. 44)

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,  
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.  
Pratica laboriosamente os gestos universais,  
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

E poderíamos citar outros tantos exemplos de ideologias do trabalho, presentes nas mais diversas expressões culturais. Mas todas, das reacionárias às revolucionárias, cumprem a mesma função: conscientizar o ser social do uso da força de trabalho no sistema capitalista.

Dito isso, é necessário colocar luz ao fetichismo da sociedade capitalista, pois este fenômeno é a síntese da alienação e da ideologia dominante que mistifica a realidade, criando barreiras ao desenvolvimento da consciência.

### 1.2.3. Fetichismo

No cotidiano capitalista tudo aparece invertido (Coggiola, 2021): o trabalho não se representa diante dos homens como atividade livre e criativa que produz bens capazes de satisfazer suas necessidades, mas apenas como força de trabalho empregada pelo capital para a produção e circulação de mercadorias em troca de salário. Essa inversão no modo de representação é, como vimos, objetiva, devida à alienação; mas também possui uma forma ideal, conceituada como ideologia. O fetichismo é justamente o feitiço da realidade em se apresentar apenas a sua forma fenomênica, como algo natural e eterno.

Segundo José Paulo Netto (1981, p. 75. Destaque do autor) o fetichismo é uma modalidade particular da alienação que se apresenta no momento de maturidade do modo de produção capitalista, isto é, “instaura [...] uma forma *nova e inédita* que a alienação adquire na sociedade *burguesa constituída*, assim entendidas as formações econômico-sociais

embasadas no modo de produção capitalista dominante, consolidado e desenvolvido”. A matriz desse fetiche encontra seu fundamento na mercadoria, visto que ela oculta as relações sociais que a constituem.

A mercadoria apresenta-se para os indivíduos como uma coisa óbvia, trivial, que pode ser comprada, devido às suas qualidades do seu valor de uso para satisfazer as necessidades humanas. Entretanto, a natureza não produz mercadoria, ela é, como dissemos anteriormente, um produto do trabalho; ela não pode objetivar-se sem o trabalhador, mesmo com todo o aparato tecnológico e científico reunido no século XXI. O valor da mercadoria está no trabalho, mas

ela [mercadoria] reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores (Marx, 2013, p. 206).

Portanto, quando os produtos do trabalho são objetivados, separando-se do trabalhador, e assumem a forma mercadoria, eles se representam como produtos do capital, dotados de personalidades; e o trabalhador aparece como alguém que apenas realizou uma tarefa subordinada. Assim, produz-se o fetiche: uma relação social, entre trabalhadores e capitalistas, representa-se como uma coisa que domina os homens – o capital. Mais que isso, “o capital aparece como uma coisa, sem a qual o processo de trabalho seria impossível” (Coggiola, 2021, p. 110). E isto, ao mesmo tempo que oculta a relação de exploração do trabalho, cria representações ontológicas que obscurecem o caráter histórico do capital, contribuindo para sua aceitação e manutenção (Grespan, 2021).

Ou seja,

[...] o capital “se apresenta” na própria realidade social, de fato, como o criador das “forças produtivas” que substancialmente provêm do trabalho; desse modo ele cria formas de prática econômicas “representadas” de maneiras plásticas em símbolos que os agentes percebem, ou representam na sua imaginação, já na forma invertida pela “apresentação” original das “forças produtivas do trabalho como forças produtivas do capital” (Grespan, 2019, p. 14. Destaques do autor).

O fetichismo é central e organizador da crítica marxiana à Economia Política Clássica, uma vez que a sua compreensão forneceu a base para uma distinção e contraposição entre a essência das relações sociais e sua aparência. Como é recordado por Marx (2013) às categorias econômicas, valor de troca, propriedade privada, divisão do trabalho etc., foram apreendidas por David Ricardo e Adam Smith como naturais. A sua investigação, por sua vez, as inseriu na história, demonstrando que elas são categorias sociais, criadas pelo

conjunto da humanidade, e, portanto, que a aparência e essência não necessariamente coincidem. Ou seja, existem diversas mediações que fazem com que trabalho seja compreendido apenas como sinônimo de emprego, mas no cotidiano elas são suprimidas por um feitiço que automatiza e inverte as relações sociais, tanto objetivamente como idealmente (Netto, 1981).

A reprodução da sociabilidade capitalista está hipotecada ao fetichismo, pois esta sociedade necessita de agentes sociais anímicos, que se adequem flexivelmente às vivências reificadas e mantenham suas representações psicológicas apenas na realidade aparente (Netto, 1981). Mas, como estamos constantemente dizendo, a inversão no modo de representação é, antes de tudo, objetiva. Logo, a sua superação também deve ser. Propor-se a divulgar ‘a verdade’ não é suficiente para abolir as determinações sociais do fetichismo. A crítica deve, nos dizeres de Coggiola (2021, p. 114), “converter-se no programa da revolução” - na práxis da classe trabalhadora.

### 1.3. Trabalho na Era da Reestruturação Produtiva

Até o momento, realizamos uma análise do trabalho em sua dimensão concreta e abstrata, relacionando-o com as categorias de alienação, ideologia e fetichismo, posto que são imprescindíveis para compreendermos o trabalho e o ser social na produção capitalista. No entanto, o capital é uma relação social em movimento, está constantemente vivenciando crises que interrompem o processo de acumulação, mas também reorganizam o desenvolvimento produtivo do trabalho em uma outra direção, ao mesmo tempo que conservam a sua determinação mais essencial: a exploração do trabalho.

Segundo Netto e Braz (2012) a história do capitalismo é a história de uma sucessão de crises. Portanto, a crise não é um acidente, ou algo independente do movimento do capital, é, na verdade, “a séria manifestação do encontro do sistema com seus próprios limites intrínsecos” (Mészáros, 2000, p. 14). Há muitas contradições inerentes ao modo de produção capitalista que levam à crise, mas partindo de Jorge Grespan (2021) podemos destacar ao menos três: 1) quando o mercado é inundado de mercadorias que não encontram escoamento na esfera da circulação (crise de circulação); 2) quando uma mercadoria essencial a produção capitalista tem o seu valor elevado - seja esta mercadoria, força de trabalho, matéria-prima ou instrumentos (crise de circulação do capital); 3) quando a competição intercapitalista por mais-valia extraordinária leva à queda da taxa média de lucro (crise de produção).

Os estudos da Economia Política marxista sinalizam que o capital possuía um ciclo econômico: crise, recessão, retomada e auge (Netto & Braz, 2011). A partir da década 1970,

no entanto, a crise adquire caráter estrutural (Mészáros, 2000), isto é, torna-se constante e mais profunda. No interior desse movimento o Estado é fundamental. O Estado, como demonstrou Vladimir Ilitch Lênin (2017), é uma instituição de dominação burguesa que legaliza e consolida a opressão da classe trabalhadora; é ele quem cria as condições jurídicas para a exploração da força de trabalho e as condições necessárias à retomada do capital na crise. Isto deve ficar claro a seguir, ao abordarmos as rupturas e continuidades da produção capitalista no século XX. Este debate é fundamental para compreendermos como se abriu o caminho para a uberização do trabalho no século XXI.

### 1.3.1. Taylorismo-fordismo e Estado keynesiano

Desde a consolidação do capitalismo industrial no final do século XIX há uma busca por organização, gestão e controle do trabalho que possibilite aos capitalistas aumentar a produção, diminuir os custos, padronizar a qualidade das mercadorias, e, conseqüentemente, ampliar a taxa de mais-valia (Pinto, 2007). É deste contexto que começam a surgir os sistemas de administração científica do trabalho, cujo fundador é Frederick Taylor.

Segundo Pinto (2007), durante os anos em que se empregou como operário metalúrgico na fábrica de conhecidos de sua família, Taylor percebeu que a capacidade produtiva dos trabalhadores era sempre maior que a sua produção real, uma vez que na execução das atividades os operários adquiriam destrezas; mas, ao mesmo tempo, faziam “cera” nas trocas constantes de operação. Refletindo sobre essa disparidade entre produção real e produção potencial, chegou à conclusão de que a redução do total de uma atividade à pequenas tarefas, simples e repetitivas, como um esboço de gestos, poderia suprimir o tempo desperdiçado nas trocas de operações e expropriar os trabalhadores do conhecimento sobre o total da atividade, impedindo-os de baixar rendimento propositalmente. Esta experiência ofereceu as bases para o seu sistema de administração.

Sua proposta em *Princípios da Administração Científica* é, portanto,

Um sistema de administração pelo qual a “iniciativa” do trabalhador/a seja descartada como um meio para obtenção de produtividade. Esta deverá ser obtida não mais por concessões aos/às trabalhadores/as, mas pela gerência capitalista do conhecimento que detêm sobre o seu trabalho a fim de lhes impor, unilateralmente, uma nova forma de realização deste, tendo sempre como horizonte a extração de mais-valia (Antunes & Pinto, 2017, p. 20-21).

No sistema de administração taylorista a gerência assume a função de reunir todos os conhecimentos tradicionais que no passado pertenceram aos trabalhadores e classificá-los,

tabulá-los, reduzi-los a normas, leis e fórmulas, úteis ao processo produtivo (Taylor, 2006). Isto significa reduzir todo o saber-prático do trabalho a tarefas.

A ideia da tarefa é [...] o mais importante elemento na administração científica. O trabalho de cada operário é completamente planejado pela direção, pelo menos, com um dia de antecedência e cada homem recebe na maioria dos casos, instruções escritas completas que minudenciam a tarefa de que é encarregado e também meios para fazê-la. [...] além do tempo exato concebido para a sua execução (Taylor, 2006, p. 42).

Taylor (2006) ainda demonstrou que o estudo do tempo e dos movimentos é fundamental para encontrar '*the one best way*' - o melhor caminho para a execução da tarefa. Sua técnica consistia em: reunir os trabalhadores mais habilidosos num ambiente controlado; estudar o ciclo exato das operações e movimento de cada trabalhador; cronometrar o tempo gasto em cada movimento; para ao fim eliminar todos os movimentos falhos e desnecessários e acelerar os movimentos úteis. A partir do conhecimento exato do tempo e dos movimentos foi possível selecionar e treinar operários para desempenhar a tarefa com rapidez e qualidade.

Arelado ao estudo de tempo e movimentos, Taylor (2006, p. 89) propôs uma gratificação aos trabalhadores que executassem as tarefas no tempo fixado, de forma a motivá-los a acelerar a produção ainda mais:

É absolutamente necessário, então, quando os trabalhadores estão encarregados de tarefas que exigem muita velocidade de sua parte, que a eles também seja atribuído pagamento mais elevado, cada vez que forem bem-sucedidos. Isto implica não somente em determinar, para cada um, a tarefa diária, mas também pagar uma boa gratificação ou prêmio todas as vezes em que conseguir fazer toda a tarefa no tempo fixado.

Em linhas gerais, pode-se perceber que os princípios tayloristas têm como objetivo: a extração do conhecimento da classe trabalhadora, a fim de liquidar o poder de barganha dos trabalhadores em favor da classe capitalista (Antunes & Pinto, 2017); a especialização extrema de todas as funções e atividades, de forma a tornar desnecessário ao operário acumular conhecimento e habilidades além do mínimo (Pinto, 2007); a criação de uma imensa massa de trabalhadores que não conhece o total da atividade do seu trabalho e apenas executa tarefas a partir de ordenamento administrativo. Ou, nas palavras de Antonio Gramsci (2007, p. 266) o taylorismo:

[...] expressa com brutal cinismo o objetivo da sociedade americana: desenvolver em seu grau máximo, no trabalhador, os comportamentos maquinais e automáticos, quebrar a velha conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado, que exigia uma certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador, e reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico maquinal.

Essa redução do trabalhador a “apêndice da máquina” (Marx, 2013, p. 876), embora já se faça presente no sistema taylorista, intensifica-se no sistema de administração, organização e controle do trabalho fundado por Henry Ford.

O fordismo surgiu por volta de 1914, quando Ford introduziu na produção automobilística a linha de montagem automática - uma adaptação da esteira de rolamento utilizada nos frigoríficos de Chicago. Esta tecnologia criou uma minuciosa divisão do trabalho: cada trabalhador, em seu posto de trabalho, intervém sobre o objeto de trabalho, de forma especializada e simples, como já ocorria no taylorismo, quando este se apresenta diante dele na esteira de rolamento. Uma das melhores ilustrações desse processo pode ser encontrada no filme *Tempos Modernos* de Charlie Chaplin (1936).

Esta organização do trabalho reduziu o tempo de montagem do chassi de um automóvel de 12 horas para 1 hora e 33 minutos; a operação que antes era realizada por apenas um trabalhador passou a contar com a participação de 84 trabalhadores que executavam 45 operações mecânicas e extremamente simplificadas (Fleury & Vargas, 1983 citado por Antunes & Pinto, 2017). Como consequência, as instalações Ford produziam, no início do século XX, mais carros em três meses do que toda a Europa em um ano (Parkinson, 1995).

A intensificação do ritmo produtivo deu origem a um outro aspecto fundamental do fordismo: a produção de massa. Mas, como destaca David Harvey (2016), o especial em Ford era o reconhecimento de que produção em massa significava consumo de massa. Além disso, as altas taxas de mais-valia extraordinária acumuladas com a linha de montagem automática e o aprofundamento da divisão social do trabalho permitiram a redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias, cinco dias por semana, conforme reivindicada pelos trabalhadores. Segundo Ford (1995, p. 147-15, citado por Antunes & Pinto, 2017, p. 46) estabeleceu-se o dia de trabalho em 8 horas

[...] não porque seja terça parte do dia, mas porque verificamos que é dentro desse tempo que o operário produz seu melhor rendimento. [...] Nas nossas usinas verificamos que cinco dias de trabalho por semana bastam para a nossa produção, e que nestes cinco dias de oito horas podemos produzir mais do que em seis ou sete de dez horas. Esse dia de folga conquistado trará grandes vantagens: o operário aprenderá a viver melhor, criará novas necessidades e fomentará o consumo.

A fim de garantir aos trabalhadores a capacidade de consumo prudente, isto é, que não gastassem o salário com bebidas alcoólicas, Ford enviou uma multidão de assistentes sociais à casa de seus funcionários. Embora esta experiência não tenha durado muito tempo, ela demonstra que o fordismo é mais que um sistema de administração do trabalho que consagra,

incrementa e expande os princípios tayloristas, fomentando o trabalho parcelado e fragmentado de produção de massa (Harvey, 2016), o fordismo equivale ao “esforço coletivo até agora realizado para criar, com rapidez inaudita e com uma consciência do objetivo jamais visto na história, um novo tipo de trabalhador e de homem” (Gramsci, 2007, p. 266).

Entretanto, o fordismo atingiu seu ponto máximo de maturidade e hegemonia apenas após a Segunda Guerra Mundial, através das políticas impostas na ocupação, no Plano Marshall e nos investimentos americanos na Europa. Desse modo, a internacionalização do fordismo “ocorreu numa conjuntura particular de regulamentação político-econômica mundial e uma configuração geopolítica em que os Estados Unidos dominavam por meio de um sistema bem distinto de aliança militares e relações de poder” (Harvey, 2016, p. 132).

Mas para isso o fordismo precisou aliar-se firmemente com os postulados de John Maynard Keynes: “um sistema de “compromisso” e de “regulação” que [...] ofereceu a ilusão de que o sistema de metabolismo social do capital pudesse ser *efetiva, duradoura e definitivamente* controlado, regulado e fundado num compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Estado” (Antunes, 2009, p. 40. Destaques do autor). Em outras palavras, trata-se de uma união particular entre capital, trabalho e Estado que fora firmada na conferência *Bretton Woods* de 1944 (Castelo, 2013). A política econômica keynesiana atribui ao Estado uma série de obrigações para garantir o ciclo econômico capitalista, entre elas: investimentos pesados em capital fixo; uma combinação de políticas fiscais e monetárias; investimento público nos setores vitais para a produção e consumo em massa, como transportes e equipamentos públicos; e investimentos em seguridade social, assistência médica, educação, habitação e direitos de trabalhistas (Harvey, 2016).

Isto significa, nos dizeres de Harvey (2016, p. 125), que a expansão do fordismo dependeu de uma série de compromissos e reposicionamentos por parte dos principais atores capitalistas:

O Estado teve de assumir novos (keynesianos) papéis e construir novos poderes institucionais; o capital corporativo teve de ajustar as velas em certos aspectos para seguir com mais suavidade a trilha da lucratividade segura; e o trabalho organizado teve de assumir novo papéis e funções relativos ao desempenho nos mercados de trabalho e os processos de produção.

Todo este reordenamento societário foi necessário para conter os efeitos da Segunda Guerra Mundial e os potenciais avanços do socialismo para a Europa ocidental (Netto, 1995). E apesar de ter proporcionado um acelerado crescimento econômico, o período de 1965 a 1973 tornou evidente o esgotamento do pacto fordista em conter o encontro do capital com

seus próprios limites. Segundo Harvey (2016) essa problemática pode ser melhor compreendida por meio do conceito de rigidez: havia rigidez nos investimentos do capital; rigidez nos mercados e contratos de trabalho; nos investimentos do Estado em políticas sociais de saúde, educação, seguridade social etc. E qualquer tentativa de superar o problema da rigidez esbarrava no poder e organização da classe trabalhadora. A única resposta flexível do fordismo e keynesianismo era a política monetária - impressão de moeda em qualquer montante que parecesse necessário para manter a economia funcionando -, o que gerou os tsunamis inflacionários.

A esta conjuntura, somou-se: 1) o aumento do preço do petróleo, decidido pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), que como consequência mudou o custo relativo aos insumos de energia; 2) o fato da economia capitalista possuir muitos fundos e poucas áreas produtivas para investimento; 3) as manifestações de Maio 1968 que tomaram as ruas do mundo todo, reivindicando melhores condições de trabalho, principalmente para mulheres, negros e imigrantes.

Isto é, ocorreram mutações intensas na esfera econômica, política, social e ideológica que geraram a crise da década de 1970 (Antunes, 2009). Crise esta que demarcou uma verdadeira metamorfose da questão social, que atingiu não só a materialidade, mas teve repercussões na subjetividade da classe trabalhadora e na sua forma de ser (Antunes, 2015). A reestruturação produtiva foi a alternativa para dar continuidade ao movimento do capital de se autovalorizar. Seus efeitos são sentidos ainda hoje e estão diretamente ligados à uberização, por isso daremos foco a eles neste momento.

Todavia, é importante ressaltar que o conjunto dessas determinações não expressou-se da mesma forma nos países do Sul global. Na América Latina, por exemplo, nunca se viveu um estado de bem-estar social; nesta região geopolítica uma parcela bastante significativa da classe trabalhadora sobreviveu (e continua hoje a sobreviver) da informalidade - não possuem direitos sociais e trabalhistas garantidos. Isso porque, a sua inserção na divisão do trabalho internacional ocorreu sempre de forma subordinada, o que, por sua vez, originou uma estrutura de capitalismo *sui generis*: “uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência” (Marini, 2017, p. 327).

Dizer isso é fundamental para entendermos o movimento de uberização do trabalho, pois como demonstra Abílio (2019) essa forma de trabalho pode ser pensada também como uma generalização das formas de trabalho que ocorrem no Sul global. E se não nos atermos a

isso podemos cair em alguns problemas epistemológicos, como transposição de categorias que não se encaixam em nossa realidade.

Dito, podemos passar a discussão das novas configurações do trabalho a partir da crise 1970.

### 1.3.2. Acumulação flexível e Estado neoliberal

A transição da produção taylorista-fordista e do Estado keynesiano para a acumulação flexível e o Estado neoliberal marcou um momento crítico na evolução do capitalismo global. Essa reestruturação produtiva não foi apenas uma mudança superficial nas práticas econômicas; foi uma transformação profunda que reorganizou a própria sociabilidade capitalista. A adoção deste novo pacto entre capital, trabalho e Estado surgiu a partir da necessidade da classe burguesa de superar a crise e retomar os lucros do capital, repondo sua hegemonia.

As primeiras alternativas à rigidez da produção taylorista-fordista apareceram na Terceira Itália e em outras regiões da Europa, como Suécia e Alemanha. No entanto, foi o Japão o responsável por exportar o método de maior impacto na consolidação da acumulação flexível: o toyotismo (Antunes, 2015). De acordo com Coriat (1992, citado por Antunes, 2015) há quatro determinações que levaram ao desenvolvimento do toyotismo: 1) a introdução, nos mais diversos setores produtivos, da necessidade de o trabalhador operar simultaneamente diversas máquinas; 2) o aumento da produção sem o aumento do número de trabalhadores; 3) a importação da gestão dos supermercados dos EUA, que deram origem ao *kanban* - sistema baseado em cartões ou sinais visuais para gerenciar o fluxo de trabalho e o estoque em um processo de produção; 4) a expansão desse mesmo método (*kanban*) para as empresas fornecedoras e subcontratadas.

Mas antes de tudo, o toyotismo é a resposta japonesa ao crescimento lento no pós-guerra, quando havia a necessidade de elevar a produtividade empresarial, sem contar com um mercado aberto e cativo. O cerne desse modelo produtivo é obter flexibilidade para produzir pequenas quantidades de diversos produtos num mercado de demanda oscilante. Por isso, “adotou-se, então, um sistema de informações e de organização dos postos de trabalho e das tarefas de trabalho, pelo qual os pedidos feitos no setor de vendas é que disparam os processos produtivos e não ao contrário” (Antunes & Pinto, 2017, p. 67). O que significa uma inversão na relação produção e consumo: o primeiro passa a ser determinado pelo segundo.

Ou, em outras palavras, trata-se de uma produção *just-in-time*:

[...] ao contrário do fordismo, a produção sob o toyotismo é voltada e conduzida diretamente pela demanda. A produção é variada, diversificada e pronta para suprimir o consumo. É este que determina o que será produzido, e não o contrário, como se procede na produção em série e de massa do fordismo. Desse modo, a produção sustenta-se na existência do estoque mínimo. O melhor aproveitamento possível do tempo de produção (incluindo-se também o transporte, controle de qualidade e o estoque) é garantido pelo just in time. (Antunes, 2015, p. 45).

A produção por demanda elimina desperdícios de superprodução, de espera, de estoque, de trabalho, de processamento e de transporte, garantindo uma produção na exata medida da demanda. Para isso se fundamenta nos avanços tecnológicos e informacionais com vista a acelerar cadeia produtiva e, ao mesmo tempo, diminuir o uso da força de trabalho - a incorporação do método *kanban*, da robótica e dos computadores à produção são expressão desse processo; na horizontalização produtiva que dispersa a produção interna e recorre, frequentemente, à empresas terceirizadas para realizar parte significativa da produção; e em novas técnicas de gestão da força de trabalho, como trabalho em equipe e os Circuitos de Controle de Qualidade (CCQ) que exigem desempenho e participação do trabalhador, tendo em seu pôr teleológico, o aumento da produtividade capitalista (Antunes, 2009) - o que, ao invés de superar, aprofunda a alienação do trabalho por meio do envolvimento manipulatório (ideologia toyotista) (Antunes, 2015).

Esta forma flexível de administração, organização e controle do trabalho possibilitou ao Japão, não só a recuperação econômica, mas a sua transformação em uma das maiores economias do mundo. O milagre japonês, seu desenho organizacional, seu avanço tecnológico, sua capacidade de extração intensificada de mais-valor, bem como a combinação de trabalho em equipe, os mecanismos de envolvimento, o controle sindical, passaram a ser vistos pelos capitalistas do ocidente como uma via possível para a superação da crise de acumulação (Antunes, 2014). Entretanto, no processo de exportação o toyotismo sofreu um processo de ocidentalização: “mescla [...] elementos presente no Japão com práticas existentes nos novos países receptores, decorrendo daí um processo diferenciado, particularizado e mesmo singularizado de adaptação desse receituário” (Antunes, 2009, p. 59). Um exemplo é a segurança no emprego: enquanto o Japão ofereceu emprego vitalício para 30% da classe trabalhadora, o ocidente reduziu em larga escala o nível de segurança no emprego.

A flexibilização, como podemos ver, tornou-se o elemento mais essencial do padrão de acumulação capitalista. Esta, manifesta-se no mercado, na produção, no consumo, e, sobretudo, no trabalho (Harvey, 2016). O trabalho flexível pode ser entendido como

“liberdade da empresa” para desempregar trabalhadores; sem penalidades, quando a produção e vendas diminuem; liberdade, sempre para a empresa, para reduzir o horário de trabalho ou recorrer a mais horas de trabalho; possibilidade de subdividir a jornada de trabalho em dia e semana segundo as conveniências das empresas, mudando os horários e as características do trabalho (por turno, por escala, em tempo parcial, horário flexível etc.); dentre tantas formas de precarização da força de trabalho (Antunes, 2009b, p. 234. Destaque do autor).

Em direção muito semelhante, Harvey (2016, p.141. Destaques do autor) diz:

O trabalho organizado foi solapado [...]. A acumulação flexível parece implicar em níveis relativamente altos de desemprego “estrutural” (em oposição a “ficcional”), rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos (quando há) de salários reais e o retrocesso do poder sindical - uma das colunas políticas do regime fordista.

Diante da volatilidade do capital e do enfraquecimento do sindicato de classe, impôs-se à classe trabalhadora regimes e contratos de trabalhos flexíveis; que significam, em última instância, a redução do trabalho formal em favor do trabalho informal, parcial, temporário e subcontratado (Harvey, 2016).

Neste ponto devemos recordar da análise de Guy Standing (2014, p. 26), a qual demonstra que embora o trabalhador precário careça de garantias e segurança no trabalho, não podemos perder de vista as outras determinações e representações (ontológicas) que também passam a constituí-lo: “uma imagem positiva, tipificado um espírito romântico que rejeita normas antigas da classe trabalhadora mergulhada no trabalho estável”.

A metamorfose do mundo do trabalho metamorfoseou a própria forma de ser da classe trabalhadora. Ela não desapareceu, como querem fazer parecer alguns autores (Groz, 1982); em vez disso, adquiriu uma estrutura complexa, heterogênea e fragmentada (Antunes, 2015). Isto é consequência direta das tendências da acumulação flexível: desproletarização do trabalho industrial; crescimento do setor de serviços; subproletarização do trabalho; aumento da exploração da força de trabalho na economia informal; maior qualificação e, ao mesmo tempo, desqualificação do trabalho (Antunes, 2014).

Nesta direção, Antunes (2009) propõe uma ampliação da noção da classe trabalhadora para apreender a sua contemporaneidade, efetividade, processualidade e concretude. A classe trabalhadora inclui hoje:

[...] todos aqueles e aquelas que *vendem sua força de trabalho em troca de salário*, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviço, também o proletariado rural, que vende força de trabalho para o capital. Essa noção incorpora o *proletariado precarizado*, o *subproletariado moderno*, *part time*, o novo proletariado dos McDonald's, os *trabalhadores hifenizados* [...], os trabalhadores

terceirizados e precarizados das empresas *liofilizadas* [...], os trabalhadores *assalariados* da chamada “economia informal”, que muitas vezes são indiretamente subordinados ao capital, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva, na fase de expansão do *desemprego estrutural* (Antunes, 2009, p. 235. Destaques do autor)

Além disso, essa classe também é determinada por questões de raça, gênero, orientação sexual, imigração etc. Está submetida a formas de opressão que extrapolam o mundo do trabalho, mas que, ao mesmo tempo, intensificam a exploração da sua força de trabalho. Portanto, seu reconhecimento e organização é na atualidade um desafio, principalmente, porque a todas essas determinações somam-se a ideologia neoliberal que fomenta o individualismo e a competitividade.

O neoliberalismo, antes de ser o movimento ideológico de maior força já produzido pelo capitalismo, era apenas um projeto de reação política ao Estado keynesiano e ao socialismo (Anderson, 1995). Seu marco teórico inicial é a obra *O Caminho da Servidão* de Friedrich Hayek, publicada em 1944. Nesta, faz-se presente a tese contra qualquer mecanismo regulatório do Estado para com o mercado, justificada no princípio da liberdade, não só econômica, mas política; posto que, ao falhar em oferecer liberdade econômica de acumular privadamente, o Estado compromete a liberdade social e individual. Esta ideia é central no neoliberalismo, tanto que aparece na declaração de fundação da *Mont Pelerin Society* (a primeira organização neoliberal).

Os valores centrais da civilização estão em perigo. Em grandes extensões da superfície da Terra, as condições essenciais de dignidade e liberdade humanas já desapareceram. Em outros, eles estão sob constante ameaça do desenvolvimento das tendências atuais da política. A posição do indivíduo e do grupo voluntário é progressivamente minada por extensões de poder arbitrário. Mesmo aquele bem mais precioso do homem ocidental, a liberdade de pensamento e expressão, é ameaçado pela disseminação de credos que, reivindicando o privilégio da tolerância, quando na posição de uma minoria, procuram apenas estabelecer uma posição de poder na qual possam suprimir e obliterar todos os pontos de vista, exceto os seus próprios.

O grupo sustenta que esses desenvolvimentos foram fomentados pelo crescimento de uma visão da história que nega todos os padrões morais absolutos e pelo crescimento de teorias que questionam a conveniência do império da lei. Afirma ainda que foram fomentados por um declínio da crença na propriedade privada e no mercado competitivo; pois sem o poder difuso e a iniciativa associados a essas instituições, é difícil imaginar uma sociedade na qual a liberdade possa ser efetivamente preservada (Mont Pelerin Society 1947. Tradução nossa<sup>4</sup>).

---

<sup>4</sup> Texto original: The central values of civilization are in danger. Over large stretches of the Earth's surface the essential conditions of human dignity and freedom have already disappeared. In others they are under constant menace from the development of current tendencies of policy. The position of the individual and the voluntary group are progressively undermined by extensions of arbitrary power. Even that most precious possession of Western Man, freedom of thought and expression, is threatened by the spread of creeds which, claiming the

Assim, como é possível perceber, todo o conceito de liberdade do neoliberalismo está sustentado na ideia de livre mercado. O Estado, portanto, segundo a teoria neoliberal, deveria assumir um novo compromisso com o movimento de acumulação do capital. Embora tenha se tornado comum associar o Estado neoliberal a um Estado mínimo, acreditamos que ele se refere a um Estado forte para criar e preservar uma estrutura apropriada para suas práticas econômicas, mas pacato em investimentos sociais e em intervenções econômicas (Harvey, 2014).

Mesmo fazendo-se presente no âmbito acadêmico desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o neoliberalismo não dispunha de força prático-política, dado que o pacto fordista garantia ao capital seus anos gloriosos. A *Mont Pelerin Society*, foi, durante muitos anos, apenas uma organização que realizou encontros bianuais para combater o keynesianismo e preparar as bases de um outro capitalismo, mais puro e livre de regras (Anderson 1995). Este contexto só mudou com a eclosão da crise de 1970; a partir desse momento as ideias neoliberais se convertem em prática da classe burguesa.

Os intelectuais neoliberais atribuem a crise ao poder excessivo dos sindicatos e do movimento operário que corroeu as bases da acumulação capitalista reivindicando ao Estado melhores salários e políticas sociais (Anderson, 1995). Dessa forma, a primeira tarefa do Estado neoliberal para conter a crise era a quebra do poder sindical (Harvey, 2014). Processo que foi realizado de maneira dura por Margaret Thatcher no Reino Unido em 1979. Para isso, criou-se níveis massivos de desemprego, exauriu-se movimentos grevistas e impôs uma legislação anti-sindical. Essas reformas são responsáveis pela postura moderada que os sindicatos adquirem na contemporaneidade (Anderson, 1995).

Além da desmobilização da classe trabalhadora, o governo inglês contraiu a emissão monetária, elevou a taxa de juros, baixou drasticamente os impostos dos mais ricos e lançou um amplo programa de privatizações de serviços e indústrias públicas, como os de água, eletricidade, gás, petróleo, habitação etc., para reanimar a acumulação capitalista. Este receituário foi seguido por todos os países que aderiram ao neoliberalismo.

É necessário destacar que a consolidação do Estado neoliberal não ocorreu sem luta política; os trabalhadores ingleses realizaram inúmeras greves em diversos setores, algumas

---

privilege of tolerance when in the position of a minority, seek only to establish a position of power in which they can suppress and obliterate all views but their own.

The group holds that these developments have been fostered by the growth of a view of history which denies all absolute moral standards and by the growth of theories which question the desirability of the rule of law. It holds further that they have been fostered by a decline of belief in private property and the competitive market; for without the diffused power and initiative associated with these institutions it is difficult to imagine a society in which freedom may be effectively preserved.

delas chegaram a durar anos (Antunes, 2009). Esta luta manifestou-se também em países da Europa (Suécia, França e Grécia) e da América Latina (Chile, Venezuela, Brasil etc.) que resistiram às ofensivas neoliberais, mas, assim como os movimentos grevistas, sucumbiram às reformas.

Uma outra determinação fundamental na formação da hegemonia do neoliberalismo é o colapso do socialismo real em 1989. A União Soviética, mesmo em crise sob o domínio stalinista, representava uma alternativa concreta para a classe trabalhadora (Netto, 1995). O fim dessa experiência, reforçou a ideologia neoliberal de que não há alternativa viável ao capitalismo.

Mas é preciso dizer também que o neoliberalismo, além de uma práxis econômica, transformou-se numa racionalidade que afeta a globalidade das formas de sentir, pensar e agir do ser social. Nós nos relacionamos com os outros e com nós mesmos a partir da lógica empresarial: competimos com aqueles que deveriam ser nossos aliados; nos responsabilizamos constantemente por coisas que não dependem apenas da vontade; medicalizamos nossos sofrimentos porque somos compulsoriamente levados a valorizar apenas a felicidade; sentimos culpa por não estar sendo produtivo mesmo em dia de folga. Estes são exemplos cotidianos de viver o mundo neoliberal (Harvey, 2014). E isso tem papel decisivo na organização do psiquismo da classe trabalhadora nos tempos de uberização, como aprofundaremos a seguir.

Antes, para não perdermos de vista a dialética entre o singular, o particular e o universo, vale alguns apontamentos sobre como todo esse processo do desenvolvimento capitalista se expressou na América Latina.

#### 1.4. Trabalho na América Latina

Neste momento colocaremos em foco o continente geopolítico em que o nosso país está inserido. Sabemos que a América Latina envolve uma diversidade de etnias, línguas, geografia, cultura, história e economia. Apesar disso, ela está submetida, como uma unidade, à divisão internacional do trabalho; isto faz com que, mesmo com os aspectos singulares de cada estado nacional, encontremos determinações comuns a todos os países dessa região, particularmente no que diz respeito ao trabalho e sua inserção no capitalismo mundial. A eles nos deteremos agora.

A América Latina desenvolveu-se em estreita harmonia com o capitalismo mundial (Marini, 2017). A colonização ibérica, como sabemos, desde o início se caracterizou pela organização de colônias de exploração voltadas a implementar a acumulação primitiva do

capital nos países centrais. Isso se deu através da extração de recursos naturais, como açúcar, ouro, prata etc.; e da escravização da população africana e indígena, que desde seu início construiu movimentos de lutas por emancipação (Revolução dos Negros no Haiti, Quilombo dos Palmares no Brasil etc.). Essa estrutura demográfica e administrativa colonial formou as bases para o desenvolvimento do capitalismo industrial no século XIX. Período que no continente latino-americano corresponde aos movimentos por libertação nacional.

A inserção América Latina no capitalismo mundial, portanto, deu-se de forma tardia, originando uma estrutura de capitalismo *sui generis*, que determinou todo o (sub)desenvolvimento posterior dessa região. Essa estrutura particular de capitalismo pode ser mais bem compreendida por meio do conceito de dependência: “uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência” (Marini, 2017, p. 327). Isso porque, o desenvolvimento da indústria capitalista não seria possível sem países dependentes para garantir a exportação de produtos agrícolas e, conseqüentemente, a especialização dos países centrais na atividade industrial.

Entretanto, a América Latina, na divisão internacional do trabalho, propicia, além da exportação de matérias-primas, uma ampliação da mais-valia relativa nos centros capitalistas. Pois, o efeito da alta produção e exportação de alimentos para os países centrais, permite o rebaixamento do valor da força de trabalho. Portanto, como disse Galeano (1979, p. 41), “em nosso tempo a existência dos centros ricos do capitalismo não pode-se explicar sem a existência das periferias pobres e submetidas”; é o subdesenvolvimento que garante o desenvolvimento (Oliveira, 2011).

Essa contradição entre subdesenvolvimento do Sul e desenvolvimento do Norte deve ser compreendida por meio das trocas desiguais que se realizam entre centro e periferia. Como dissemos anteriormente, a América Latina, diferente dos países centrais, especializa-se na produção e exportação de matérias primas; o que permite aos países capitalistas do Norte, que detém o monopólio sobre mercadorias especializadas, burlar a lei do valor da qual falou Marx (2013). Visto que “o mero fato de que umas produzam bens que as outras não produzem, ou não o fazem com a mesma facilidade, permite que as primeiras iludam a lei do valor, isto é, vendam seus produtos a preços superiores a seu valor” (Marini, 2017, p. 332).

Diante da troca desigual realizada no mercado internacional os países dependentes criam o que Ruy Mauro Marini (2017, p. 332) chamou de mecanismo de compensação: uma superexploração da força de trabalho – seja através da intensificação ou do prolongamento do

trabalho; seja pelo rebaixamento do valor da força de trabalho. Tal mecanismo, ao invés de resolver o problema das trocas desiguais no mercado internacional pauperiza ainda mais a classe trabalhadora nesta região.

No entanto, a condição da América Latina na divisão internacional do trabalho gera constantemente movimentos de insurgências, como a Revolução Cubana; o sandinismo na Nicarágua; o Exército Zapatista de Libertação Nacional no México; a Ação Libertadora Nacional no Brasil; e as guerrilhas no Peru, Chile, Argentina, Colômbia etc. Mas a maioria desses são abatidos por balas de Washington (Prashad, 2020). Mesmo quando as alternativas à dependência são tomadas no âmbito institucional, como a de Salvador Allende (Chile) e Evo Morales (Bolívia), os golpes de Estado a neutralizam.

É necessário inclusive lembrar que a primeira experiência neoliberal teve início por meio do golpe de Estado no Chile. A ditadura de Augusto Pinochet implementou o receituário neoliberal de repressão sindical, desemprego massivo, reforma fiscal em favor dos ricos e privatização, um decênio antes de Thatcher (Anderson, 1995). Mas em 1989 o neoliberalismo se espalhou para todo o continente latino-americano a partir do Consenso de Washington – processo de imposição da reforma neoliberal por meio do FMI e do Banco Mundial para concessão de crédito (Harvey, 2014).

O desenvolvimento dependente da América Latina coloca em evidência a particularidade desta região no que diz respeito ao trabalho. Nesta parte do globo a industrialização se deu tardiamente; nunca se vivenciou o Estado keynesiano de bem-estar social; o trabalho informal está presente aqui há muito tempo; e as ofensivas de precarização do trabalho advindas da reestruturação produtiva encontram solo fértil – o Brasil é pioneiro na aprovação da Reforma Trabalhista que regulamenta, via CLT, o trabalho precário, intermitente e uberizado.

Dito, vamos passar ao debate sobre a uberização.

## 2. Uberização: Expressão do Movimento da Totalidade

*O capital é trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga*

*Karl Marx*

A uberização constitui-se como a expressão particular do movimento de transformações históricas do trabalho. Representa uma nova forma de organização, controle e gerenciamento da força de trabalho (Abílio, 2019), que engendra um modo específico de acumulação capitalista ao transferir para o trabalhador a responsabilidade pelos meios e pelos riscos do trabalho (Franco & Ferraz, 2019). É um processo que está diretamente relacionado às duas últimas grandes crises do modo de produção capitalista. Por isso deve ser concebido, por um lado, como reflexo do movimento amplo de precarização do trabalho, que tem suas raízes na acumulação flexível e na consolidação do neoliberalismo (crise de 1970) (Abílio, 2020a); e por outro, como uma nova ofensiva do capital contra o trabalho a partir do aparecimento da indústria 4.0<sup>5</sup> (crise de 2008) (Tonelo, 2020).

Apesar das plataformas digitais darem materialidade à uberização, este fenômeno não se inicia, nem se restringe às empresas-plataformas (Abílio, Amorim & Grohmann., 2021). Os elementos que fundamentam a uberização tratam de um tipo de uso específico da força de trabalho, que só é possível a partir dos processos de flexibilização e degradação do trabalho que se acumularam ao longo da reestruturação produtiva permanente do capital (Abílio & Santiago, 2024). Portanto, a uberização não se limita apenas a motoristas e entregadores de empresas-plataformas, mas engloba trabalhadores da limpeza, médicos, advogados, jornalistas, professores, psicólogos etc. Isto é, atinge diversas ocupações, com diferentes qualificação e rendimentos (Abílio, 2020b). Neste sentido, é uma tendência passível de ser generalizada para a totalidade das atividades laborais (Antunes, 2022).

Assim, o presente capítulo pretende apresentar os principais determinantes da uberização, quais sejam, as tendências do capitalismo contemporâneo, o processo de informalização do trabalho, a consolidação do trabalhador just-in-time e o gerenciamento algoritmo. Ainda, colocaremos foco nas determinações ideológicas que procuram orientar a práxis dos trabalhadores uberizados nesta etapa do conflito capital-trabalho em que vivemos.

---

<sup>5</sup> A indústria 4.0 é entendida como a quarta revolução industrial que se constitui a partir de um conjunto de tecnologias inovadoras, como a nanotecnologia, as plataformas digitais, a inteligência artificial, a robótica, a internet das coisas e outras, que representam o salto qualitativo na capacidade de organizar e controlar o trabalho (Gonsales, 2020).

Dessa forma, trataremos das representações ontológicas do empreendedorismo, da economia do compartilhamento e da crítica à uberização. Tal discussão pretende fornecer as bases para a análise empírica de como as ideologias da uberização atuam no psiquismo dos trabalhadores de empresas-plataformas.

## 2.1. Capitalismo contemporâneo

Antes de adentrarmos na discussão da uberização propriamente dita, faz-se necessário explicitar algumas das tendências do capitalismo contemporâneo, pois, como apresentamos no capítulo anterior, o capital é uma relação social em movimento, que se transforma ao longo da história, engendrando novos mecanismos de exploração da força de trabalho. Na atualidade, as empresas capitalistas expandem os lucros e acentuam a competitividade através dos processos de informatização e informalização do trabalho (Antunes, 2006). Ou seja, ao mesmo tempo que incorpora o arsenal tecnológico disponível para organizar, controlar e gerenciar o uso da força de trabalho, degrada as condições de trabalho.

Tal movimento, desde a crise de 1970, está intensificando-se cada vez mais com o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação e dos processos de flexibilização do trabalho. A crise de 2008 apenas aprofundou a tendência em curso dentro de novas condições econômicas. Isso foi possível a partir do aparecimento da indústria 4.0 e da nova onda de precarização do trabalho – a qual a uberização é parte (Tonelo, 2020).

A indústria 4.0 corresponde à proposta que nasceu na Alemanha em 2011 para gestar um novo e profundo salto tecnológico no mundo produtivo. Engloba um conjunto de inovações tecnológicas, como nanotecnologia, plataformas digitais, inteligência artificial, dataficação, algoritmos entre outras (Gonsales, 2020). E, representa a ampliação da produção automatizada e robotizada em toda a cadeia produtiva em escala global, de forma que a organização, controle e gerenciamento do trabalho é totalmente sustentada pelo maquinário informacional-digital (Antunes, 2020b). Entre os destaques estão as tecnologias *machine learning* que permitem às máquinas digitais desenvolverem uma capacidade cada vez maior de gerar dados e processar informações para oferecer soluções ao capital (Tonelo, 2020)

A principal consequência desse fenômeno é a ampliação do trabalho morto e a redução do trabalho vivo, do qual falou Marx (2013). Nesta direção, o McKisney Global Institute (2017 citado por Festi, 2020) aponta que até 2030 a automação poderá atingir cerca de 60% das ocupações existentes hoje e, como consequência, entre 11% e 23% dos trabalhadores perderão seus postos de trabalho. Porém, mesmo nesta nova etapa de

automação o trabalho vivo continua a ser indispensável; até mesmo porque o treinamento dessas novas tecnologias é feito por uma fração da classe trabalhadora mal remunerada e sem direitos trabalhistas (Grohmann e Salvagni, 2023). Exemplo emblemático são os trabalhadores quenianos que receberam menos de US\$2,00 por hora no desenvolvimento do ChatGPT (Time, 2023).

Não à toa vemos crescer os índices de trabalhadores subempregados, informalizados e intermitentes (Antunes, 2020a). Esta, é mais uma consequência da exploração sem limites do capital sobre o trabalho. Entretanto, a novidade neste cenário é o que Ursula Huws (2017, p. 28) chamou de “formalização da economia informal”. O capital tem transformado trabalhos antes improdutivos em trabalhos produtivos; trabalhadores da limpeza, do cuidado, do setor de entrega e locomoção urbana, são hoje subordinados a dinâmica produtiva do capital por meio de corporações globais que contratam, ainda que de forma velada, a força de trabalho e extraem dela mais-valia. São expressões desse amplo processo de precarização o *zero hour contract* na Inglaterra, o pagamento por *voucher* na Itália, o trabalho *on-demand*, a plataformização, a uberização e a Reforma Trabalhista no Brasil (Antunes, 2023).

Assim,

[...] o que assistimos é o início de um curso catastrófico e dramático para o mundo do trabalho. Em vez de as tecnologias estarem a serviços do bem-estar social, elas reforçam o caráter instrumental e opressor que sempre exerceram no interior da lógica do modo capitalista de produção (Festi, 2020, p. 158).

Tal processo, como vimos no capítulo anterior, está diretamente relacionado à consolidação do neoliberalismo, que retira os investimentos do Estado com políticas sociais e direitos trabalhistas, e ao mesmo tempo, cria impedimento às organizações sindicais de classe. Além disso, o neoliberalismo influi sobre a subjetividade dos trabalhadores, fazendo com que eles não se reconheçam como iguais, mas como competidores.

Apresentado este breve panorama do capitalismo contemporâneo, podemos nos deter especificamente à uberização do trabalho, uma vez que ela representa a síntese dessa tendência do capital. Este fenômeno que se espalha ao redor do mundo é o auge do que conhecemos como precarização, o que, por sua vez, não exclui a possibilidade de outras formas de degradação do trabalho num futuro próximo. No entanto, não podemos perder de vista que a precarização é um processo que pode tanto ser ampliado como reduzido, a depender diretamente da capacidade de resistência, organização e confrontação da classe trabalhadora (Antunes, 2020).

## 2.2. Elementos da uberização

Partindo da sistematização de Abílio (2020b), consideramos a uberização como a materialização de três elementos contemporâneos: 1) informalização do trabalho; 2) consolidação do trabalhador just-in-time; e 3) gerenciamento algoritmo. A seguir abordaremos cada uma dessas determinações para posteriormente discutirmos as representações ontológicas que legitimam e combatem a exploração do trabalho em tempos de uberização.

### 2.2.1. Informalização

Entrar no debate das diferentes concepções teóricas sobre a informalidade foge ao objetivo da nossa pesquisa, porém, podemos dizer, de modo geral, que esta categoria foi cunhada para explicar a criação de ocupação e renda não advindas do emprego formal, num contexto em que um país era considerado incapaz de criar emprego para todos os trabalhadores disponíveis (Manzano, Krein & Abílio, 2023). Portanto, fora tomada como uma anomalia do sistema econômico que deveria ser suprimida. No entanto, Francisco de Oliveira (2013) demonstrou que a informalidade na periferia do capitalismo sempre assumiu centralidade no processo de exploração e acumulação. A história brasileira mesmo nos mostra que desde os primórdios da formação do mercado de trabalho assalariado, parcela considerável da classe trabalhadora, sobretudo a população negra, nunca conseguiu ser incorporada ao mercado de trabalho formal (Costa, 2010). Portanto, ao invés de uma exceção, a informalidade no Brasil e em outros países do Sul global sempre se constituiu como regra.

É partindo desse princípio que Abílio (2020c) defende que a uberização pode ser entendida como uma espécie de generalização de características estruturantes do modo de vida dos trabalhadores periféricos. A novidade é que as antigas formas de se inserir desses trabalhadores, os bicos, o freelancer, os bóias-fria, o trabalho por conta e o se virar, são organizados agora por uma tecnologia digital que gerencia e controla o uso dessa força de trabalho, com o intuito de torná-la produtiva ao capital (Uchôa-de-Oliveira, 2020).

Inicialmente, o fenômeno da informalidade apresentou-se como estratégia de sobrevivência dos trabalhadores que se encontravam impedidos de vender a sua força de trabalho devido à escassez de trabalho formal. Mas posteriormente, principalmente a partir da reestruturação produtiva de 1970, o trabalho informal foi inserido estrategicamente nas relações de produção, circulação e realização do capital (Tavares, 2004). Ou seja, a informalidade tornou-se um dos mecanismos centrais do capital para ampliar seu processo de

valorização (Antunes, 2020a). Desse modo, podemos dizer que “[...] há uma sobreposição de uma velha informalidade histórica, que se renova no contexto de ausência de empregos suficientes com uma nova informalidade articulada com o coração mais dinâmico da economia”. (Manzano, Krein & Abílio, 2023, p. 234).

É esta nova informalidade que compreendemos como processo de informalização do trabalho. Ela corresponde a uma condição que extrapola a informalidade dos trabalhadores, atravessando o processo de trabalho como um todo (Abílio, Amorim & Grohmann, 2021). Segundo Abílio (2020a) a informalização expressa a perda de formas estáveis de trabalho, isto é, não há contratos estabelecidos, as predeterminações e distribuição da jornada de trabalho não são claras, e até mesmo a remuneração do trabalho não é previamente estabelecida. Assim, refere-se a meios eficientes e racionalizados de uso da força de trabalho, no tempo e no espaço, os quais são cada vez mais difíceis de reconhecer e fixar (Abílio, Amorim & Grohmann, 2021).

O conceito de organização na dispersão de Harvey (2015) nos ajuda a compreender essa tendência, uma vez que é utilizado para demonstrar que na acumulação flexível as empresas capitalistas podem dispersar o trabalho, sem perder o controle e a eficiência. Isso porque a globalização permitiu o deslocamento e a fragmentação das corporações no espaço e no tempo. Uma empresa como a Apple, por exemplo, realiza a produção e a montagem dos seus aparelhos celulares na China, desenvolve o sistema operacional no Vale do Silício, e utiliza trabalhadores da Índia e das Filipinas para prestar serviços de suporte e ajuda aos consumidores. Tudo isso sem necessariamente estabelecer qualquer relação formal de trabalho.

É através dessa dispersão do trabalho que empresas-plataformas têm utilizado uma multidão vigilante de trabalhadores para garantir seus lucros. Empresas globais, como a Uber, afirmam-se como empresas tecnológicas que apenas conectam milhões de trabalhadores autônomos com a demanda de trabalho. Mas o que vemos de fato é uma empresa de locomoção urbana que tem faturado bilhões de dólares a partir da exploração da força de trabalho de milhões de trabalhadores informalizados – só em 2023 foram US\$1,4 bilhões (Exame, 2024). A informalização apresenta-se, então, como uma tendência extremamente lucrativa para o capital, pois, ao mesmo tempo que desobriga a garantia de direitos trabalhistas, transfere para o trabalhador a responsabilidade pelos meios e os riscos do trabalho.

Assim, trabalhadores se deparam com uma série de elementos obscuros, indefinidos e permanentemente mutáveis: não há jornada de trabalho pré-determinada; não há valor da hora

de trabalho fixada; não há clareza ou acordo das regras que regem o trabalho (Abílio & Santiago, 2024). Conseqüentemente, “o trabalhador uberizado inicia sua jornada sem ter qualquer garantia sobre qual será sua carga de trabalho, sua remuneração e o tempo de trabalho necessário para obtê-la” (Abílio, 2020a, p. 116).

Até mesmo o contrato de trabalho, que se configura como termo de adesão, não define como os trabalhadores são selecionados, recrutados, suspensos ou desligados da empresa-plataforma. Também não estabelece critérios para distribuição e remuneração das atividades prestadas, ou seja, o trabalhador não sabe por que recebe ou não determinada corrida/entrega e não consegue calcular ou entender o valor da sua remuneração. E a fim de tornar tudo ainda mais obscuro e indeterminado, as empresas-plataformas atualizam constantemente os termos do contrato de adesão. Ao trabalhador resta apenas a escolha de aceitar tais condições, ou desligar-se da plataforma (Abílio, 2020b).

Portanto,

Estabelece-se [...] uma situação perversa na vida diária do trabalhador. Ele está disponível para o trabalho, mas não tem qualquer garantia sobre como sua força de trabalho será utilizada cada dia e também não tem clareza sobre como operam as regras que regem seu trabalho [...] Todos esses elementos caracterizam uma subordinação na qual o trabalhador perdeu toda e qualquer garantia de estabilidade, seja por tempo de trabalho, seja sobre a remuneração (Abílio & Santiago, 2024, p. 23).

A informalização do trabalho coloca uma série de problemas em relação ao reconhecimento, ou não, de vínculo trabalhista, pois as empresas-plataformas transferem para o trabalhador parte do gerenciamento do trabalho, porém esse gerenciamento não deixa de estar subordinado (Abílio, 2019). O trabalhador toma uma série de decisões sobre o trabalho, a hora que começa e termina a jornada de trabalho, os dias e os locais que trabalha etc. No entanto, tal gestão de si é determinada por empresas-plataformas, uma vez que

[...] o valor de cada tarefa é determinado exclusivamente pela empresa, de forma discriminatória; a distribuição da tarefa é determinada exclusivamente pela empresa, de forma discriminatória; resta ao trabalhador, portanto, adequar seu tempo de trabalho a essas determinações, assim como trabalhar para mais de uma empresa como modo de redução da instabilidade e insegurança a que está submetido nessa relação (Abílio & Santiago, 2024, p. 24).

Dessa forma, a uberização corresponde a consolidação de um autogerenciamento subordinado (Abílio, 2019). Ou seja, ainda que o trabalhador possa gerenciar aspectos do seu trabalho, tal gerenciamento é totalmente moldado e controlado pela empresa-plataforma. Como os próprios mecanismos utilizados para organizar, controlar e gerenciar o trabalho não são aparentes, há uma dificuldade no reconhecimento da subordinação. Por isso,

empresas-plataformas podem socialmente transferir os custos e os riscos do trabalho para o trabalhador, ficando desobrigada a garantir direitos trabalhistas ou a ofertar meios de trabalho.

Todo o processo de informalização resulta na consolidação do trabalhador just-in-time (Abílio, 2020a).

### 2.2.2. Trabalhador just-in-time

O conceito de trabalhador just-in-time coloca foco nas novas formas de controle, gerenciamento e exploração da força de trabalho. Este fenômeno traz no cerne de seu movimento uma nova complexidade à flexibilização do trabalho ao consolidar a transferência de riscos, custos e responsabilidades para o trabalhador, ao mesmo tempo que elimina proteção social e direitos trabalhistas. O trabalhador é abandonado à própria sorte durante a jornada de trabalho e precisa necessariamente arcar com a manutenção da sua força de trabalho. Mas o principal aspecto da consolidação do trabalhador just-in-time é a conversão de uma multidão de trabalhadores em trabalhadores informalizados que estão disponíveis para o trabalho e são utilizados e remunerados na exata medida da demanda determinada pela própria empresa (Abílio, 2020b).

Portanto, ser um trabalhador just-in-time significa estar constantemente disponível para o trabalho, sem nenhuma garantia sobre a duração da jornada de trabalho, a distribuição das atividades e a remuneração pelo trabalho (Abílio & Santiago, 2024). O *zero hour contract*, comentado anteriormente, é um exemplo emblemático dessa forma intermitente de trabalho: os trabalhadores ficam à espera de uma chamada por smartphone e, quando são convocados ao trabalho, recebem estritamente pelo que fizeram; o tempo que estavam disponíveis aguardando o trabalho não é remunerado (Antunes, 2020b). O mesmo acontece nas empresas-plataformas, os bikeboys da cidade de São Paulo que tem uma jornada de trabalho de 18 horas por dia, não são remunerados pelas 18 horas, a sua remuneração é feita com base no tempo em que pedalam com pedidos na bag; o tempo em que estão nas praças esperando a próxima entrega não é pago (Abílio, 2020b). A única diferença é que no trabalho uberizado os trabalhadores não podem recusar a corrida/entrega oferecida, caso façam correm o risco de sofrer sanções ou serem desligados da plataforma (Antunes, 2023).

Segundo Abílio (2020b) a figura do trabalhador que está disponível, mas só é remunerado na exata medida da utilização da força de trabalho não é novidade, ao contrário, é parte constitutiva do conflito capital-trabalho. Tal conflito materializa-se na luta entre reduzir o trabalhador a força de trabalho racionalmente utilizada no tempo e no espaço ou

reconhecê-lo como um ser humano que tem direito a descanso, segurança, envelhecimento etc. No entanto, o advento da uberização parece consolidar a redução do trabalhador a mero fator produtivo, uma vez que o trabalho just-in-time elimina quase que completamente as pausas de descansos que fazem parte da atividade produtiva - aquilo que Marx (2013) denominou como poros do trabalho.

Nesta direção, Antunes (2020b, p. 21) defende que o capitalismo de plataforma corresponde à protoforma do capitalismo: “em pleno século XXI, estamos vivenciando a recuperação de sistemáticas do trabalho que foram utilizadas durante [...] os primórdios do capitalismo”. Milhões de trabalhadores com jornadas de trabalho extenuantes, recebendo apenas pelas horas que estão produzindo mais-valia para o capital.

No Brasil, esta forma de exploração da força de trabalho já foi até mesmo legalizada. A Reforma Trabalhista de 2017 possibilitou que o trabalhador seja formal (tenha carteira assinada), mas viva em condições de insegurança e instabilidade permanente, sendo remunerado na exata medida da demanda e sem possuir direito a férias, décimo terceiro, seguro-desemprego etc. (Manzano, Krein & Abílio, 2023).

Todavia, no processo de uberização a multidão de trabalhadores intermitentes é organizada por algoritmos que gerenciam e controlam o trabalho.

### 2.2.3. Gerenciamento algoritmo

O maquinário informacional-digital contemporâneo permite o mapeamento pleno das diferentes etapas do trabalho (Zuboff, 2018). Este processo assenta-se no que podemos denominar de dataficação – acúmulo de dados de uma série de elementos da vida cotidiana, das dinâmicas sociais, da atividade coletiva e individual (Grohamann, 2020b). Não à toa, ideia de que os dados estão se tornando o novo petróleo está fortemente presente nesta etapa do modo de produção capitalista (The Economist, 2017), pois é a partir da extração de uma ampla gama de informações que as empresas gerenciam e controlam o comportamento de trabalhadores e consumidores.

Nesta direção, a pesquisa etnográfica de Gonsales (2023) no trabalho de bike-entregador nos mostra que para aderir ao trabalho uberizado é necessário conceder o acesso irrestrito do smartphone à empresa-plataforma. O que significa que a extração de dados do trabalhador ocorre para além do tempo em que está logado na plataforma; a empresa pode a qualquer momento ter acesso a conversas, áudios, contatos, fotos etc. Todas as informações coletadas são usadas para nutrir os algoritmos responsáveis por gerenciar o trabalho.

O gerenciamento algoritmo pode ser entendido como um processo de *gamificação* do trabalho (Abílio & Grohamann, 2020). Visto que, é desenvolvido por programadores de *games* para aumentar o engajamento do trabalhador; as mesmas técnicas empregadas para prolongar a experiência de *gamers* são utilizadas para prolongar e intensificar a jornada de trabalho. Na base desse processo está o ranqueamento dos trabalhadores promovido pela empresa-plataforma. Embora a nomenclatura para cada nível de classificação não seja o mesmo para as diferentes empresas-plataformas, todas a realizam. Além de disponibilizar mais pedidos quando o trabalhador melhora a sua classificação, são oferecidos alguns benefícios, como desconto em postos de gasolina, plano de saúde, produtos da própria empresa etc. (Gonsales, 2023).

Este mecanismo faz com que o trabalhador, principalmente aqueles que estão iniciando o trabalho na empresa-plataforma, fique constantemente disponível para o trabalho, aceite todas corridas e procure agradar os consumidores para receber boas avaliações, porque somente agindo assim conseguirá subir de nível e, conseqüentemente, receber mais demanda e remuneração. Porém, como o ranqueamento é um processo permanente no trabalho uberizado, mesmo os trabalhadores mais antigos precisam seguir as prescrições algorítmicas, posto que o seu nível pode cair a qualquer momento, acarretando na perda da estabilidade do fluxo de corridas ou entregas (Festi, 2023).

Além disso, os algoritmos são responsáveis por precificar o trabalho, determinar as regras de distribuição da demanda, determinar o controle sobre o tempo e movimento e criar estímulos de recompensa e punição à produtividade do trabalhador (Abílio & Santiago, 2024). É bastante conhecido entre os trabalhadores o fato de que se rejeitarem corridas a demanda diminui; o algoritmo cria uma espécie de suspensão informal, interrompendo o fluxo de demanda, ainda que o trabalhador continue disponível para o trabalho. Também é de conhecimento notório dos trabalhadores que na chuva há bonificações para os trabalhadores que se arriscam e alcançam a meta estipulada. No entanto, vale lembrar que é a própria empresa-plataforma que determina quais trabalhadores irão receber o número necessário de tarefas para receber o bônus (Abílio, 2020b; Festi, 2023; Gonsales, 2023). O conhecimento desse mecanismo de controle do trabalho é resultado da experiência dos trabalhadores, pois como dissemos, não há regras claras sobre esse processo.

Há, portanto, uma assimetria no gerenciamento do trabalho, pois enquanto empresas-plataformas possuem amplo conhecimento da ação de cada trabalhador, da distribuição do trabalho, da remuneração etc., os trabalhadores recebem informações parciais sobre cada etapa do trabalho. Um entregador da Deliveroo, por exemplo, recebe a informação

que o pedido precisa ser retirado em determinado restaurante, sem informações sobre o destino da entrega; apenas ao concluir a primeira etapa do trabalho que as informações restantes lhe são oferecidas (Woodcock, 2020). Embora esse mecanismo possa variar de uma empresa-plataforma para outra, as informações sobre as determinações do trabalho são sempre oferecidas parcialmente aos trabalhadores.

Então, o que assistimos nesse processo de gerenciamento algoritmo do trabalho é a reprodução do que há de mais tradicional na economia capitalista

Elas [empresas-plataformas] recolocam os trabalhadores - de maneira ainda mais acentuada que os processos passados - em concorrência contínua, negando-lhes o acesso e o compartilhamento de seu “bem comum” mais valioso, isto é, o algoritmo. Assim, mantém-se o princípio sagrado da propriedade privada e do segredo empresarial. (Festi, 2020, p. 157. Destaque do autor).

É necessário destacar que todos os trabalhadores sentem os impactos da transição tecnológica sobre a organização do trabalho, posto que enfrentam a corrosão dos direitos trabalhistas e uma subordinação à gestão algorítmica (Festi, 2023). Entretanto, as ideologias dominantes da uberização dificultam a representação consciente desse sentimento, pois estas ocultam e negam essas determinações negativas do trabalho uberizado.

### 2.3. Ideologias da uberização do trabalho

Conforme dito anteriormente, o modo de produção capitalista cria a necessidade de adequação dos trabalhadores ao trabalho abstrato. Mas como as formas de organização, gestão e controle do trabalho são constantemente metamorfoseadas, é possível verificar também uma atualização ideológica no interior do conflito capital-trabalho. Afinal, a subsunção do trabalhador ao capital é, em parte, garantida pelas ideologias dominantes que generalizam no pôr teleológico do indivíduo seus interesses e sua práxis (Lukács, 2013). Ou, nas palavras de Medeiros e Lima (2023, p. 48), “a barbárie capitalista não poderia progredir aceleradamente na ausência de uma cultura da conformação”. Assim, é completamente lícito falar em ideologias do trabalho uberizado. Esta mantém suas raízes nas ideologias que circulam em torno do conflito global do capital, mas também desdobra conteúdos e dinâmicas específicas desse conflito particular (Coelho-Lima et al., 2023).

Embora não haja uma sistematização completa das ideologias da uberização, a pesquisa de Coelho-Lima (2021) nos oferece algumas indicações das principais representações ontológicas dominantes que atuam nesta etapa do conflito capital-trabalho. São elas, o empreendedorismo e a economia do compartilhamento. Esta ideia é reforçada por Grohmann et al. (2021) ao analisar as estratégias de comunicação das empresas-plataformas

no Brasil. No entanto, as organizações, mobilizações e greves dos trabalhadores uberizados ao redor do mundo por direitos sociais e melhores condições de trabalho evidenciam o surgimento de uma ideologia de crítica à uberização (Gonsales, 2020). Assim, colocaremos foco nessas três principais formas de representar ideologicamente a uberização. A começar pelo empreendedorismo.

### 2.3.1. Empreendedorismo

Nosso cotidiano é marcado pela ideia que: ‘o seu sucesso só depende de você!’; ‘se você se esforçar, você consegue’; ‘seja resiliente, seja criativo, seja inovador e tudo dará certo’. Há, em todos os meios sociais menções a casos de indivíduos que não tinham nada, nem mesmo um dinheiro para o investimento inicial, mas que com esforço e dedicação estão hoje no mercado destacando-se em sua área. Lembremos do clássico do cinema de Hollywood, *À Procura da Felicidade*. O filme conta a história Chris Gardner, um jovem negro, pobre, sem casa e sem dinheiro, buscando por uma oportunidade de emprego para dar uma vida melhor para seu filho. Após enfrentar uma série de adversidades, e não desistir, o drama se resolve, Chris consegue o emprego e ainda se torna um empresário de sucesso, por seu esforço individual. Esta é apenas uma das expressões de como a ideologia do empreendedorismo é fomentada na cultura contemporânea.

O empreendedorismo alimenta-se de discursos éticos, políticos, psicológicos, acadêmicos e artísticos para formar uma nova espécie de indivíduo: o *homo economicus* (Dardot & Laval, 2016). Um indivíduo com autoestima, habilidade de gestão, capacidade de adaptação a mudanças, curiosidade e confiança em si mesmo, que deve ser constante, corajoso, trabalhador incansável, inovador e proativo (Guevara, 2017); que inicia algo novo, se aventura, sai da zona de conforto e parte para a ação (SEBRAE, 2023). É esse conjunto de habilidades e características que passa a determinar o êxito individual.

A generalização dessa representação ontológica para a totalidade das relações sociais remota a própria história do neoliberalismo. O neoliberalismo, conforme dissemos anteriormente, postula que o bem-estar humano pode ser maximizado com o livre mercado e a propriedade privada (Harvey, 2014). Assim, o Estado neoliberal orienta a flexibilização das políticas sociais e dos direitos trabalhistas, uma vez que esses elementos criam uma desigualdade para o desenvolvimento da meritocracia individual (Amorim, Moda & Mevis, 2021a). Nesta direção, o empreendedorismo, além de ser estimulado, transforma-se em política do Estado contra a pobreza: “diante da impossibilidade do governo de garantir um emprego, os desempregados são estimulados a se arriscar em atividades empreendedoras,

para a qual recebem capacitação para a aquisição de 'competências' e acesso a crédito” (Guevara, 2017, p. 67. Tradução nossa). Para aqueles que não se adequam aos princípios empreendedores e necessitam de alguma assistência do Estado, resta o rótulo social de incapazes, vagabundos etc. E em caso de fracasso: “você sente que o estúpido é você e que tudo isso acontece só com você. Só você falhou no negócio que poderia te libertar do infortúnio de temer por seu futuro e de seus filhos. [...] Só você.” (Guevara, 2017, p. 67).

É partindo desse princípio que Amorim, Moda & Mevis (2021b) defendem que o empreendedorismo tornou-se o modo vida hegemônico no capitalismo neoliberal. Em direção semelhante, Camilo Guevara (2017) aponta que o empreendedorismo tornou-se o novo espírito do capitalismo. Vale ainda recordar da tese de Pierre Dardot e Christian Laval (2016), a qual destaca que o neoliberalismo engendra a subjetividade empresarial - administração de si e das relações como uma empresa. Com isso, todos esses pesquisadores parecem indicar que a ideologia empreendedora assume centralidade nas relações sociais contemporâneas, visto que passa a orientar e organizar, de forma dominante, o sentimento, o pensamento e a ação dos indivíduos.

No entanto, o empreendedorismo também cumpre uma função social importante nesta etapa do conflito capital-trabalho. Esta ideologia organiza e intensifica o trabalho informal e precário (Amorim, Moda & Mevis, 2021a) e transfere para o trabalhador os riscos e os custos do trabalho (Abílio & Santiago, 2024). Dado que a individualização da responsabilidade pelo sucesso ou fracasso no trabalho, faz com que o trabalhador interiorize parte dos comandos gerenciais, engajando a sua própria subjetividade para controlar a produtividade, as metas, a renda e criar estratégias pessoais para garantir a sua reprodução social.

Na uberização o discurso promovido pelas empresas-plataformas é que os trabalhadores são “agentes econômicos independentes que se encontram no mercado e exercem livremente suas potencialidades, o que levaria a um equilíbrio geral entre oferta e procura e à promoção do bem-estar geral” (Abílio, 2019, p. 3). Ao classificar os trabalhadores como autônomos, as empresas-plataformas equiparam a força de trabalho a uma microempresa, transformando todos os trabalhadores em empresários-de-si-mesmo que concorrem livremente no mercado (Amorim, Mavis & Moda, 2021a). Portanto, sob o prisma dominante, o empreendedorismo apresenta-se como uma conquista de liberdade e autonomia do indivíduo sobre sua ação, suas escolhas e seu futuro.

Agora, desde o ponto de vista da classe trabalhadora, o empreendedorismo se traduz como “uma mescla de *burguês-de-si-próprio* e *proletário-de-si-mesmo*” (Antunes, 2020b, p. 36. Destaque do autor). Isso porque, conforme disse um dos trabalhadores da pesquisa de

Woodcock (2020, p. 44), o trabalho uberizado, é, “na verdade, um emprego de merda razoável, porque a ilusão da liberdade é realmente forte, você se sente mesmo como seu próprio chefe, porque nós podemos ficar aí e falar merda da Deliveroo [empresa-plataforma] o quanto quisermos [...] você não tem aquele espetáculo de autoridade”. A ideologia empreendedora engendra um sentimento de liberdade e autonomia frente ao trabalho, mas que não se efetiva na ação prática da realidade, afinal, há, como destacamos, mecanismos algoritmos que gerenciam a intensidade, a demanda, os preços e a meta do trabalhador.

O caráter de classe da ideologia empreendedora pode ser explicitado por três determinantes:

1. Reforça a conversão de todas as dimensões da sociabilidade às relações mercantis, a autoridade do mercado;
2. Afasta as trabalhadoras e trabalhadores de formas de experiência e solidariedade classistas e, portanto, de conhecerem as relações de trabalho em que estão inseridos e reconhecerem a “natureza” mercantil de tais relações sociais, propondo um modo de vida alternativo; e
3. Consequentemente, objetiva suprimir o conflito entre as classes sociais ao fazer parecer que todos são iguais ao serem empreendedores, mesmo em suas desigualdades no mercado, subordinando a força de trabalho aos objetivos do capital (Amorim et al. 2021, p. 856. Destaque dos autores).

Portanto, o empreendedorismo é a típica ideologia do capital, pois cria uma forma de representar a realidade que se mantém presa às imagens fetichizadas de liberdade; trabalho autônomo; somente com esforço é possível conquistar o sucesso; etc. E, ao mesmo tempo, oculta, no nível social e individual, a exploração e precarização do trabalho nos tempos de uberização. Assim, procura orientar a práxis dos trabalhadores a partir dos interesses vitais das classes dominantes.

A esta ideologia soma-se uma outra que dá continuidade ao movimento de intensificação da uberização: a economia do compartilhamento.

### 2.3.2. Economia do compartilhamento

Embora mais presente nos países do Norte global (Grohmann et al., 2021; Coelho-Lima et al., 2024), a ideologia da economia do compartilhamento tem a função de suprimir as contradições do conflito capital-trabalho através das representações de solidariedade, comunidade, confiança e sustentabilidade. Nesta direção, Tom Slee (2019) aponta que a economia do compartilhamento é descrita no cotidiano como um novo tipo de negócio, um movimento social que está fundamentado na ideia de que

a internet está promovendo um mundo mais promissor, não apenas por nos fornecer mais informação e aparelhos cada vez melhores, mas por remodelar a sociedade inteira. Nós agora temos a tecnologia para resolver os problemas que assolaram a

humanidade por séculos, tornando obsoletas as velhas instituições e as velhas regras, que são suplantadas com a computação (Slee, 2019, p. 33)

Entre os problemas sociais que a economia do compartilhamento promete resolver está a vulnerabilidade social. A economia do compartilhamento promete ajudar prioritariamente os indivíduos pobres a tomar o controle de suas vidas tornando-os empreendedores solidários. Este processo tem início nas trocas informais via internet - dar carona a um amigo, emprestar uma furadeira, levar os cachorros do vizinho para passear, disponibilizar um quarto da sua casa para um hóspede temporário etc. Cada troca ajuda alguém a fazer uma renda-extra e economizar tempo. Dessa forma, fortalece-se a perspectiva de que os indivíduos podem contar cada vez mais uns com os outros e menos com as grandes corporações globais sem rosto (Slee, 2019).

Além disso, esta ideologia também promete uma alternativa sustentável ao colapso ambiental em que vivemos. A máxima descrita por Slee (2019, p. 35) a esse respeito é a seguinte: “Por que todo mundo precisa de furadeira tomando pó numa prateleira se podemos compartilhar a mesma ferramenta? [...] Por que não usar a Uber ao invés de comprar um carro?”. Aqui, busca fazer-se presente a ideia de que é possível priorizar o compartilhamento ao invés da propriedade. Isto é, podemos ser menos materialistas, dando sentido a nossas vidas mais pelas experiências do que pelas posses...

Porém, essas são as promessas. Na prática o que estamos enfrentando é: o mercado desregulando relações sociais que antes eram protegidas; as corporações globais sem rosto estão monopolizando as trocas de intermediação entre cliente e prestador de serviço via internet; ao invés de criar uma cultura de confiança nas trocas, criou-se uma cultura do medo - o prestador de serviços vive com medo de ser delatado pelo cliente; ao invés de “renda extra”, a situação econômica exige que essas negociações sejam feitas para tentar ter o mínimo necessário para pagar as contas; e na contrapartida da sustentabilidade, a ideia do compartilhamento está criando formas de consumos nunca antes experimentadas.

A contradição entre teoria e prática abre os caminhos para a construção, desde os trabalhadores, de uma outra forma de explicar a realidade da uberização.

### 2.3.3. Crítica à uberização

A exploração do trabalho no modo de produção capitalista sempre encontrou resistência da classe trabalhadora. Isso porque os interesses dos trabalhadores divergem dos interesses do capital - esteja este corporificado na fábrica industrial ou nas empresas-plataformas. Embora as empresas-plataformas apresentem o trabalhador como

prestadores de serviço autônomo, ainda há evidentes contradições entre os trabalhadores e as corporações (Woodcock, 2023). Podemos tomar como exemplo a questão do salário. As empresas-plataformas remuneram o trabalhador apenas no momento em que está sendo produtivo e esperam que ele arque com os custos e os riscos do trabalho. Além disso, orientam aos trabalhadores a se esforçar mais, dirigir mais rápido e para mais longe, e receber um valor ainda mais baixo por isso. É fato que essas determinações vão contra os próprios trabalhadores, por isso emergem os processos de resistência e de crítica à uberização.

A resistência pode ser pensada como um processo ampliado, que está além das organizações políticas e greves. Woodcock (2023), por exemplo, defende que a resistência pode envolver atitudes consideradas como mau comportamento - qualquer coisa que você faça que não deveria fazer. Dado que, essas ações individuais frequentemente são estratégias de sobrevivência dos trabalhadores para lidar com as condições de exploração do trabalho. Grohmann (2023), por sua vez, entende a formação de cooperativas administradas por trabalhadores também como uma forma de resistência da classe trabalhadora à uberização. Ainda que essa definição ampliada de resistência chame atenção para os habituais conflitos do trabalho, a greve e ação coletiva direta continua a ser a ferramenta vital para a luta dos trabalhadores.

Um exemplo concreto dessa ação direta é a mobilização de trabalhadores brasileiros, em meio a pandemia de COVID-19, denominada de *breque dos apps*. No cenário catastrófico de crise sanitária e isolamento social, os entregadores de empresas-plataformas foram alçados por governantes e por parte da população, como uma das soluções para o enfrentamento do isolamento social, assumindo os riscos de contaminação. Mas, o aumento dos riscos não foi acompanhado de um aumento na remuneração, já que quanto maior o número de trabalhadores disponíveis, menor o valor pago por seu tempo de trabalho (Gonsales, 2020). Dadas essas condições, os trabalhadores promoveram, em 1 julho de 2020, a primeira greve nacional do setor, que contou com apoio internacional de trabalhadores da Argentina, México, Peru, Equador, Guatemala, Costa Rica e Espanha (Gonsales, 2020).

Ainda que esta e outras ações diretas de luta dos trabalhadores não resultem em negociações ou acordos institucionais, elas cumprem um importante papel no conflito capital-trabalho, pois despedaçam no ar aquilo que antes parecia sólido: a crença de que a internet, a tecnologia e a iniciativa empreendedora resolveriam as mazelas sociais. As organizações dos trabalhadores acabam produzindo um discurso ideológico que orienta a práxis dos trabalhadores. A crítica à uberização se propõe a preencher as lacunas, explicitar o não dito das ideologias anteriores: trabalhadores têm sua jornada de trabalho prolongada à

12h diárias, seis dias por semana; não possuem dias de descansos, férias ou décimo terceiro; assumem os gastos com a manutenção dos instrumentos de trabalho; estão vulneráveis aos mais diversos tipos de violência e acidentes de trabalho; e mal conseguem garantir as condições mínimas para a reprodução da sua vida social. Portanto, faz circular outras representações ontológicas sobre o que significa a uberização e o próprio trabalhador.

Faz-se mister destacar outro aspecto fundamental da resistência da classe trabalhadora em tempos de uberização: o seu caráter internacionalista. As determinações sócio-técnicas da uberização parecem, mais que nunca, unificar os trabalhadores de diferentes localizações geopolíticas, se não concretamente, potencialmente. Porém, não podemos romantizar tais organizações, como disse Huws e Grohmann (2021, p. 231): “há um perigo - inerente a todas as perspectivas sindicalistas - de supor que, dado que os sindicatos podem organizar e representar com sucesso uma vanguarda de trabalhadores, isso poderia substituir uma política mais geral para representar os interesses de toda a classe trabalhadora”.

Assim,

Uma coisa é clara por enquanto: precisamos parar de falar sobre a resistência como emergente do trabalho de plataforma” A resistência claramente já está acontecendo, desde os entregadores da Deliveroo de Londres, os entregadores da Uber de Bangalore, até os trabalhadores de Meituan de Guangzhou. Uma recomposição da classe trabalhadora está rapidamente em andamento. A questão-chave agora é entender quais formas de lutas podem ser bem-sucedidas além do curto prazo e como elas podem ser compartilhadas de forma mais ampla pela classe trabalhadora, tanto desconectando as plataformas quanto rompendo amplamente com o capitalismo (Cant & Woodcock, 2022 citado por Woodcock, 2023, p. 445)

Apresentado o panorama da uberização do trabalho e os seus desdobramentos ideológicos, podemos passar a discussão do desenvolvimento do psiquismo. Retornaremos a essa discussão no capítulo IV, ao realizarmos a análise empírica de como o conjunto ideológico da uberização se relaciona com as formas de sentir, pensar e agir dos trabalhadores.

### 3. Psiquismo: Totalidade Resultante do Trabalho

*O que é o homem? [...] Para nós é a personalidade social = o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo (funções psicológicas, construídas pela estrutura social)*

*Lev Semionovitch Vigotski*

O psiquismo tem o seu desenvolvimento marcado pelo trabalho. Foi o trabalho que possibilitou a evolução da base anátomo-fisiológica que assegura a construção do psiquismo em nossa espécie; é o trabalho que cria a cultura que ao ser interiorizada passa a compor as funções psicológicas superiores; é o trabalho que determina o tipo de organização psicológica necessária a reprodução social; é o trabalho que potencializa, e muitas vezes limita, o desenvolvimento do psiquismo. No entanto, o psiquismo não pode ser reduzido às determinações objetivas do trabalho de forma alguma, visto que nele estabelece-se uma complexa organização entre as funções psicológicas superiores. É determinado internamente por motivos, afetos, significados e sentidos. Tem uma construção singular em cada indivíduo. E, desenvolve-se numa espiral que contém avanços e retrocessos. O que significa que para compreender o psiquismo precisamos necessariamente considerar seus nexos ontológicos com a produção da vida material, mas sem diluir sua totalidade na totalidade do trabalho.

Nesta direção, trabalho e psiquismo devem ser compreendidos como uma unidade de opostos contraditórios: é a existência de um que garante a existência do outro. Afinal, como dissemos anteriormente, o trabalho depende do desenvolvimento de posições subjetivas que coloque o ser social em movimento rumo à transformação da realidade. Ou seja, ele depende da atenção do indivíduo para selecionar entre os múltiplos estímulos aqueles que são importantes para a execução da atividade; da imaginação para antecipar os caminhos necessário à produção de determinado valor de uso; do pensamento para buscar formas mais eficazes de realizar o processo; do autocontrole da conduta para colocar o corpo em movimento rumo a transformação da natureza; etc.

Por isso, o objetivo deste capítulo é apreender a dinâmica própria do psiquismo: seu desenvolvimento; sua organização sistêmica; sua configuração dramática; e a forma como a produção capitalista implica em sua constituição. Na exposição daremos ênfase a categoria de drama, visto que ela é central para compreendermos o psiquismo como uma totalidade em movimento. Assim, as considerações feitas aqui correspondem ao subtexto da análise

empírica do modo como as ideologias da uberização atuam na dinâmica do psiquismo dos trabalhadores.

### 3.1. Desenvolvimento do psiquismo

A questão do psiquismo nos remete a um problema metodológico que acompanha o desenvolvimento da Psicologia como ciência: para compreender o psiquismo humano devemos focar nossa análise nos aspectos objetivos ou subjetivos? Na história da psicologia não encontramos uma resposta definitiva, ela muda de acordo com a teoria psicológica que a pessoa se apoia para responder. Um neuropsicólogo dirá que devemos focar no primeiro; um psicanalista dirá que é no segundo. Há inúmeras teorias, com ampla gama de princípios explicativos, que optam por um ou por outro caminho de análise. O que torna ainda mais evidente a tese de Lev Semionovitch Vigotski (2004) sobre a crise da psicologia ser produto da luta entre o idealismo e o materialismo psicológico.

Esta questão nos remete ao dualismo cartesiano: corpo *versus* mente. René Descartes (1996) marcou a história da ciência moderna com a sua filosofia de que os seres humanos são compostos por duas substâncias completamente distintas e independentes (corpo e mente) que se unem substancialmente pela glândula pineal no cérebro. Tal concepção ao transferir-se para a Psicologia resultou num beco sem saída, em que ora se estuda o psiquismo reduzindo-o ao fisiológico, ora abstraíndo-o totalmente de sua base material (Costa, 2020).

Então, como resolver esse imbróglio?

Vigotski (2004) disse que do ponto de vista metafísico ele é insuperável. Mas do ponto de vista dialético o problema se apresenta, na verdade, como um equívoco, pois o psiquismo é, ao mesmo tempo, material e ideal. Ele tem o cérebro como sustentação material, portanto, é, antes de tudo, matéria, mas nele constroem-se representações ideais, signos, que complexificam o seu funcionamento e modificam por completo a sua dinâmica. Trata-se de uma unidade em que os aspectos fisiológicos e psicológicos se determinam mutuamente. A separação desses é simples produto da abstração; o psicológico não é, como disse Baruch Espinosa (citado por Vigotski, 2004), algo que está além da natureza, um estado dentro de outro, mas uma parte da própria natureza, ligada diretamente às funções da matéria altamente organizada em nosso cérebro. Ou em outras palavras, o psicológico existe como instância ideal, mas “sofre, desde o início, a maldição de estar ‘contaminado’ pela matéria” (Marx & Engels, 2007, p. 34).

A solução do problema metodológico com o qual se defronta a psicologia é o primeiro passo para compreender o desenvolvimento do psiquismo, mas nem de longe é suficiente. Este deve ser analisado como síntese de duas linhas de desenvolvimento: a natural e a cultural.

A origem do desenvolvimento natural, bem como a sua evolução, foi explicada por Charles Darwin (2012). Sua investigação demonstrou que todas as espécies guardam semelhanças umas com as outras, corroborando a tese de um ancestral comum. Além disso, o naturalista evidenciou que a mutabilidade das espécies é resultado da seleção natural: um processo lento e gradual de intercâmbio entre organismo e meio, que garante aos indivíduos e espécies melhor adaptados a perpetuação de suas características nas outras gerações. Porém, não negou, de forma alguma, que mutações e recombinações genéticas ‘aleatórias’ advindas do meio alterem os rumos evolutivos de uma espécie. Exemplo disso é o estudo de Herculano-Houzel (2016), que aponta uma conexão entre a evolução do cérebro do *homo sapiens* e o domínio do fogo, uma vez que esse instrumento permitiu a cocção de alimentos, garantindo maior absorção calórica em menor tempo e, conseqüentemente, uma maior quantidade de neurônios no cérebro.

No entanto, Vigotski (2004, p. 115) nos alertou que

Não existe fundamento para supor que o cérebro humano tenha experimentado biologicamente uma evolução importante no transcurso da história da humanidade. Tampouco se deve supor que o do homem primitivo se diferencia do nosso e seja um cérebro deficiente, com uma estrutura biológica distinta da nossa. Todas as investigações biológicas conduzem à ideia de que o homem mais primitivo que conhecemos merece biologicamente o título completo de homem. A evolução biológica do homem já tinha terminado antes que começasse seu desenvolvimento histórico. E a tentativa de explicar a diferença entre nossa forma de pensar e a do homem primitivo, considerando que este se encontra em outro nível de desenvolvimento biológico, constituiria uma confusão grosseira entre os conceitos de evolução biológica e desenvolvimento histórico [cultural].

Ou seja, por mais fundamental que seja a evolução do cérebro, ela por si mesma não é capaz de explicar as várias expressões e organizações psicológicas da nossa espécie ao longo da história. E não podemos, de maneira alguma, supor que os povos do Cafre, que aparecem nos relatos antropológicos de Levi-Bruhl (1930 citado por Vigotski, 2004), por tomarem decisões mediante a sonhos são menos humanos; eles dispõem da mesma estrutura filogenética que o humano contemporâneos. Portanto, a explicação dessas diferenças deve ser buscada na cultura.

O conceito de cultura no pensamento vigotskiano assume um sentido específico: cultura é tudo aquilo que foi produzido ao longo da história pelo conjunto dos seres humanos,

a partir do trabalho (Sirgado, 2000). Vigotski foi um marxista! Procurou compreender o homem como um ser que trabalha; que estabelece uma relação de intercâmbio com a natureza, age sobre ela e a transforma em valores de uso, materiais e imateriais, para satisfazer suas necessidades (Vigotski, 2021a). Como dito anteriormente, o trabalho mediado por instrumentos permitiu ao ser social afastar as determinações biológicas e, ao mesmo tempo, o submeteu às determinações históricas; e isto é central para Vigotski. Ora, não é mero acaso ele abrir o texto *História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores*, com a frase de Engels (2020, p. 145): “as leis eternas da natureza cada vez mais se transformam em leis históricas”. Esta representa a síntese de toda a sua discussão sobre o desenvolvimento do psiquismo humano.

A fim de compreender como essas duas linhas, natural e cultural, atuam no desenvolvimento ontogenético do indivíduo recorreremos aos estudos pedológicos de Vigotski (1998; 2006; 2018; 2021b). Embora o desenvolvimento da criança não seja o foco da nossa pesquisa, a discussão sobre este aspecto é imprescindível para aprender a trama do psiquismo, pois é justamente neste momento do desenvolvimento que podemos ver como ocorre a transformação do natural em cultural. Além disso, é sempre importante destacar que o desenvolvimento não se encerra na infância; as leis e determinações sobre este processo permanecem ao longo de toda a vida dos indivíduos.

Segundo Vigotski (2006) o desenvolvimento infantil se constitui mediante um processo dramático, uma vez que na criança as duas linhas de desenvolvimento, que na filogênese estão separadas, unem-se, formando uma única e complexa trama. Isto é, ambos os planos de desenvolvimento interconectam e formam a unidade sociobiológica do desenvolvimento infantil. Posto que o desenvolvimento natural, por ocorrer no meio cultural, transforma-se num processo biológico historicamente condicionado; e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento cultural adquire um caráter especial porque ocorre simultaneamente com a maturação orgânica da criança. As diferentes combinações e conexões desses dois planos formam uma síntese complexa que determina a especificidade do desenvolvimento infantil em cada idade e o tipo de desenvolvimento da criança (Vigotski, 2021a).

Entretanto, essa unidade do desenvolvimento infantil não é constante e permanente; em cada idade altera-se o peso da linha natural e da linha cultural. Trata-se de uma unidade dinâmica e mutável, em que ora predomina o natural, ora o cultural. Mas nenhuma dessas determinações se reduz a zero. Portanto, o desenvolvimento do psiquismo é um processo encenado em vários atos (Vigotski, 2006).

Vigotski (2018) demonstrou, a partir de estudos genéticos comparativos com gêmeos univitelinos e bivitelinos, que quanto maior o caminho de desenvolvimento de uma função menor a influência da hereditariedade; e quanto menor o caminho maior a influência desta. Por exemplo, se considerarmos o aspecto motor da criança veremos que esta função, por surgir logo no início do desenvolvimento, é mais determinada pela linha natural; mas se considerarmos a volição, as formas voluntárias de movimento, estaremos diante de uma função em que predomina o cultural, posto que seu desenvolvimento ocorre tardiamente mediante ao desenvolvimento de outras funções psicológicas superiores, como a fala, emoção, pensamento etc. Todavia, é necessário lembrar que estamos falando de uma mesma função em momentos distintos do desenvolvimento infantil.

A transformação de uma forma em outra pode ser melhor compreendida através do conceito de superação:

Podemos dizer que os processos e padrões elementares e inferiores [naturais] que as direcionam representam uma categoria superada. Hegel disse que devemos atentar para o sentido dual da palavra alemã “superação”. Entendemos essa palavra, primeiro, como “remoção”, “rejeição”, e por isso podemos dizer que as leis são revogadas, “canceladas”, mas a mesma palavra significa “preservada”, e dizemos então “preserva” alguma coisa. O significado dual do termo “superação” costuma ser traduzido muito bem em russo pela palavra *skhoronit* que também possui significado positivo e negativo – destruição e preservação. (Vigotski, 2021a, p. 153-154. Destaques do autor).

Esta análise supera a posição metafísica, a qual considera as funções elementares (naturais) e superiores (culturais) como essencialmente distintas e estáticas, sem conexão entre si e sem possibilidade de conversão. Nenhuma função psicológica superior é possível sem a existência das funções psicológicas elementares, mas a presença das formas elementares não esgota o desenvolvimento da forma superior.

No sentido biológico, a superação de uma função psicológica elementar por uma função psicológica superior pode ser compreendida a partir de duas leis fundamentais formuladas pelo psiquiatra alemão Ernst Kretschmer (1924, citado por Vigotski, 2021a): 1) lei da estratificação; 2) lei da superestrutura. A primeira postula que com o desenvolvimento dos centros superiores, os centros inferiores, mais antigos na história do desenvolvimento, não são deixados de lado, mas continuam a trabalhar em união, subordinados à direção dos centros superiores, de tal modo que não podem ser separados no sistema nervoso. A segunda, por sua vez, indica que os centros subordinados não mantêm seu funcionamento inicial, mas entregam uma parte substancial de seu funcionamento aos novos centros que são formados acima deles.

Dessa forma, o psiquismo

[...] revela-se a nós, não somente como um sistema estático de reações já elaboradas, mas sim como um processo ininterrupto de aparecimento de novas conexões, de estabelecimento de novas relações de dependência, de elaboração de novos super-reflexos e, ao mesmo tempo de interrupção e destruição das conexões anteriores, de desaparecimento de reações prévias [...] como *um processo dinâmico de luta entre o homem e o mundo dentro do próprio homem* (Vigotski, 1998, p. 157. Destaque nosso).

O surgimento de novas características no desenvolvimento infantil é produto da relação particular que se estabelece entre a criança e o meio cultural. Vigotski (2006, p. 264) denomina essa relação de situação social do desenvolvimento, e diz: “ela determina completa e inteiramente as formas e o caminho que permitem à criança adquirir novas características de personalidade, transformando o social em individual”. Todavia, mesmo essa relação é dinâmica, pois embora o meio seja o mesmo nos diferentes períodos do desenvolvimento, a relação que a criança estabelece com ele muda completamente em cada período. Por exemplo, a fala das pessoas que estão ao redor da criança é a mesma quando ela tem seis meses, dois anos ou cinco anos; entretanto a relação que a criança estabelece com a fala é completamente diferente em cada um desses períodos - no primeiro momento não compreende nada, no segundo está começando a compreender e no terceiro já consegue estabelecer uma comunicação efetiva com as pessoas ao redor.

Neste momento é importante destacar dois aspectos. Primeiro, o conceito pedológico de idade, empregado para se referir a diferentes períodos do desenvolvimento infantil, não coincide com o conceito de idade cronológica; embora ele ocorra no tempo, cada idade possui o seu ciclo de desenvolvimento, seu tempo e conteúdo específico – é esse ciclo que denominamos de idade pedológica. Segundo, as alterações qualitativas do desenvolvimento, devida à passagem de um período a outro, são determinadas por alterações nas relações sociais da criança. Vamos aprofundar neste segundo aspecto.

Ao tratar do problema do meio no desenvolvimento da criança, Vigotski (2018) atribuiu a este o papel de fonte do desenvolvimento das características especificamente humanas na criança. Em suas palavras: “o homem é um ser social e, fora da relação com a sociedade jamais desenvolveria as qualidades, as características que são resultado do desenvolvimento metódico de toda a humanidade” (Vigotski, 2018, p. 90). Portanto, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores resulta das condições objetivas do meio.

É deste princípio fundamental que Vigotski (2000, p. 26) formulou a Lei Genética Geral do Desenvolvimento Cultural da criança:

[...] qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos – primeiro no social, depois no psicológico, primeiro entre as pessoas como categoria interpsicológica, depois – dentro da criança [como categoria intrapsicológica]. [...] Por trás de todas as funções superiores e suas relações estão relações geneticamente sociais, relações reais das pessoas. Homo duplex. Daí o princípio e método da personificação na pesquisa do desenvolvimento cultural, isto é a divisão das funções entre as pessoas, personificação das funções: por exemplo, atenção voluntária: um domina – outro está dominado. Divisão novamente em dois, daquilo que está unido em um (veja o trabalho moderno), desenvolvimento experimental do processo superior (atenção voluntária) em um pequeno drama.

Assim, toda função psicológica superior está, num primeiro momento, dividida entre duas pessoas, dois cérebros. Desse modo, consiste em um processo psicológico mútuo. Posteriormente ela aparece apenas em meu cérebro: eu ordeno e eu mesmo obedeco. Mas como destaca Vigotski (2000, p. 26) “evidentemente, a passagem de fora para dentro transforma o processo”. Ou seja, o que eu ordeno pode ser, e muitas vezes é, completamente diferente do que uma outra pessoa ordena a mim. Nesta direção, as funções psicológicas superiores são, ao mesmo tempo, coletivas e individuais; são coletivas porque produziram-se ao longo da história humana, e são individuais porque são interiorizadas por cada indivíduo singular. Isso decorre do fato da interiorização da função não ser uma simples transposição do externo para o interno, ao contrário, é um movimento complexo que exige uma posição ativa do indivíduo para se apropriar dos conteúdos culturais (Santos & Leão, 2014). É tendo em vista essa personificação da função no indivíduo que Vigotski diz que elas se interiorizam como um pequeno drama.

Podemos indicar a imitação como mecanismo básico de interiorização da função externa em função interna (Vigotski, 2021a). Pois, como destaca Delari Jr (2011) o conceito de imitação para Vigotski não é uma mera reprodução; a imitação é um ato criativo que possibilita a interiorização das relações sociais. Quando a criança numa brincadeira imita um professor, o pai ou a mãe, ela isola e generaliza para si, ainda que de forma fragmentada, características específicas da relação social: o professor é aquele que ensina e fica bravo quando os alunos não fazem silêncio; a mãe é quem dá ordens; etc. No entanto, como dissemos, a imitação é o mecanismo básico, existem outros mais complexos que surgem no desenvolvimento, como é o caso da linguagem que abordaremos adiante. Neste momento é suficiente dizer que a linguagem, por representar, do ponto de vista psicológico, sempre uma generalização, possibilita a interiorização das relações sociais de uma forma mais complexa.

Segundo Vigotski (2000) a interiorização das funções psicológicas superiores passa por três estágios básicos: em si; para o outro; e para si. Pino aponta que o fundamento desta ideia é retirado da dialética de Hegel, para quem

[...] o “em si” é o “dado”, aquilo cuja existência não depende da ação do homem, e o “para si” é o “em si” como objeto da consciência do homem, uma réplica do “dado” no plano simbólico. Mas Vigotski introduz aí um elemento novo, o “para os outros”, equivalente do “para si”, mas como consciência do outro, exterior à do eu e mediadora entre este “dado” ou “em si”. (Pino, 1999, p. 45. Destaques do autor)

O que Vigotski (2021a) parece querer indicar com isso é que, por um lado o desenvolvimento passa necessariamente pelo outro - “por intermédio dos outros nos tornamos nós mesmos, e essa regra não se refere apenas ao indivíduo, mas também a história de cada função em separado” (Vigotski, 2021a, p. 199). Por outro, ele chama atenção para o fato do mediador da relação indivíduo e outro ser a significação – aquilo que a pessoa generaliza para si mesma da relação social que é interiorizada e passa a compor a consciência (Pino, 1999).

Não obstante, toda a discussão das funções psicológicas superiores ganha outro sentido quando Vigotski introduz a ideia de sistema psicológico

A ideia principal (uma ideia extremamente simples) consiste em que, no desenvolvimento histórico do comportamento, alteram-se não tanto as funções como havíamos dito antes (esse foi nosso erro), não tanto a estrutura delas, não tanto o seu sistema de movimento; o que se altera e se modifica são as relações, as ligações das funções entre si, surgem novos agrupamentos, antes desconhecidos no estágio precedente. Portanto, a diferença essencial na passagem de um estágio a outro é com frequência não uma alteração intrafuncional, mas interfuncional, uma alteração das relações interfuncionais, da estrutura interfuncional (Vigotski, 2023, p. 179).

Veja, com isso não se está negando que cada função representa, uma generalização para si de um comportamento que se estabelece com o outro, ou até mesmo que as funções superiores se desenvolvem separadamente. Está apenas indicando que a principal mudança em cada etapa do desenvolvimento infantil não é simples produto de uma transformação da função isolada, mas, principalmente, dos nexos que ela estabelece com as outras funções. Em outras palavras, devemos ter em vista que é o desenvolvimento do sistema psicológico que determina o desenvolvimento das funções psicológicas em separado (Vigotski, 2018).

A título de esclarecimento, vamos colocar em foco uma analogia feita por Vigotski entre o desenvolvimento motor e o desenvolvimento do psiquismo:

O desenvolvimento motor do bebê carrega um caráter de movimento global, ele se move com o corpo inteiro. Um dos investigadores mostrou que, se você oferecer ao bebê faminto algo agradável, digamos, um mingau de sêmola, ele se curva feito um aro ao encontro do alimento, estica as perninhas, estica os braços, a cabeça, e lembra um aro com a parte aberta direcionada ao objeto. Se você oferecer algo desagradável –

pingar algo amargo na sua língua –, ele vai se encurvar para o lado oposto. Esse é um movimento de um todo, não é diferenciado, não está fragmentado em movimentos de certos órgãos. Em que consiste o desenvolvimento motor do bebê? Consiste no fato de que, desse movimento não fragmentado, não isolado do corpo inteiro, *aos poucos começam a se destacar os movimentos diferenciados das pernas, dos braços e dos pés*. [...] essa analogia permite esclarecer também o que encontramos no período inicial do desenvolvimento [psicológico] do bebê, mais precisamente, a não fragmentação, a indiferenciação de certas funções (Vigotski, 2018, p. 98. Destaque do autor)

Desta maneira, num primeiro momento não há no psiquismo da criança o desenvolvimento de funções isoladas (percepção, memória, atenção, pensamento etc.); há apenas um todo indiferenciado. Mas em cada idade essas funções vão se diferenciando e integrando-se ao sistema psicológico emergente.

Na primeira infância, um grupo de funções, ainda indiferenciadas entre si, entram em cena e assumem o papel principal na trama do desenvolvimento. Estamos nos referindo a percepção afetiva – emoção e percepção ainda não diferenciadas. Esta, isola-se do todo, criando uma divisão entre centro e periferia no psiquismo; no centro encontra-se a percepção afetiva, na periferia está o todo, o conjunto de funções indiferenciadas, que começa agir por meio desta função dominante (Vigotski, 2018). Tomemos como exemplo o caso do pensamento. Sabemos que a principal característica do pensamento é a sua capacidade de operar abstratamente através de conceitos; mas na primeira infância, este ainda não se desenvolveu, o que existe é um pensamento voltado à ação prática sobre aquilo que afeta a criança, isto é, um pensamento que opera apenas no limite do que é percebido emocionalmente. Nisso expressa-se a relação de submissão e dependência do pensamento ao sistema psicológico emergente. O mesmo vale para todas as outras funções psicológicas.

A separação e a dominância de determinada função no psiquismo, cria, em cada período etário, um sistema interfuncional específico. Mais que isso, a função psicológica superior ao assumir o centro do psiquismo se desenvolve de modo acelerado e particular, dado que todas as outras estão disponíveis para servi-la. Vigotski (2018, p. 105) complementa dizendo que: “em cada período a função dominante realiza um desenvolvimento intenso ao máximo não apenas em comparação com as demais funções no mesmo período, mas também em comparação com a sua própria história anterior e posterior”. Este, é o seu período mais rico de desenvolvimento.

Entretanto, o desenvolvimento posterior ao surgimento do primeiro sistema interfuncional não ocorre de forma exatamente igual. Posto que, quando as primeiras funções psicológicas se dirigiram ao centro elas não tinham oponentes; agora a situação é outra: ela

tem um rival potente. A trama se adensa. Vigotski explica o movimento de ressubordinação do seguinte modo:

[...] a nova função é traiçoeira. Desejando ocupar o lugar da função que dominava antes, faz com esta um acordo, se eleva em seus próprios ombros. Resumindo, a nova função chega à situação de dominância por meio da que dominava antes, se apoia nela [...]. Por meio da função que dominava antes, por meio da percepção, a nova função ressubordina a si as demais funções (Vigotski, 2018, p. 108).

Dessarte, a estrutura interfuncional antiga se transforma de tal forma que a nova função passa a dominar as funções antigas e liga-se a elas por meio do centro, reestruturando todo o sistema (Vigotski, 2018).

Estas transformações do psiquismo não ocorrem de maneira harmônica, há crises, conflito entre as funções psicológicas superiores (Vigotski, 2000). Parafraseando Marx e Engels (2005), uma luta entre o velho que ainda não morreu e o novo que ainda não nasceu. Ora, a submissão de todo o sistema psicológico a tirania de uma função não pode se dar sem confronto. Nesta luta é o meio cultural que determina quem ganha e quem perde, pois ele é a fonte do desenvolvimento, uma vez que toda função psicológica foi outrora relação real entre pessoas (Vigotski, 2023). Assim, é o meio que impõe novas exigências à criança e impulsiona uma determinada função psicológica a assumir o centro do sistema psicológico (Vigotski, 2018).

Deste modo, o psiquismo se caracteriza pela regularidade de períodos estáveis - quando uma função psicológica assume a predominância e acumula características quantitativas em seu desenvolvimento - e períodos críticos - quando a crise perturba a ordem do desenvolvimento e impõe uma revolução no psiquismo, transformando o acúmulo quantitativo em qualitativo – reestruturação do sistema interfuncional (Pasqualini, 2020).

Mesmo no psiquismo do indivíduo adulto a disputa pela hierarquia entre as funções psicológicas superiores no sistema interfuncional permanece. Embora a consciência seja a função que subordina todas as outras, essa relação é mutável; uma determinada situação, como por exemplo a morte de alguém querido, pode fazer com que a emoção se sobressaia no sistema psíquico. Assim como o trabalho que o indivíduo realiza faz com que o sistema psicológico ganhe características próprias. Portanto, pode-se dizer que o permanente no sistema psicológico é o movimento. A noção de drama nos ajuda a compreender este movimento

### 3.2. Drama do psiquismo

O drama é um conceito oriundo da Arte usado para representar o teatro, tanto na composição do texto como na sua encenação (Nancy, 2003 citado por Delari Jr, 2011). Segundo o teatrólogo Constantin Stanislavski (2014), o alicerce fundamental da arte dramática do teatro é a ação: em cena é sempre necessário o ato. Uma peça teatral é marcada por vários atos - cada ato é repleto de tensões e conflitos que alteram todo o destino da história. Lembremos do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna (2018): quando todas as acusações à João Grilo são comprovadas e assumidas por ele; quando a decisão de o mandar para o inferno parece certa, há um apelo a Virgem Maria, mãe de Deus, aquela que roga pelos pecadores. O apelo reorganiza toda a trama. Se antes o conflito central era culpado ou não, agora o cerne da trama é se o culpado merece perdão ou não.

É fato que Vigotski tem uma íntima relação com as artes, este é um dos caminhos que o levam a Psicologia (Molon, 2015). Inclusive, foi fortemente influenciado por Stanislavski (Capucci, 2017). Mas é também em Politzer (2004) que o autor encontra a concepção de drama como análise do psiquismo.

Georges Politzer foi um pensador e ativista marxista de origem húngara radicado na França. Também defendeu a tese da crise na Psicologia, e buscou escrever um tratado de crítica aos seus fundamentos. Porém, a ascensão do nazifascismo o levou a abandonar o projeto para travar uma batalha maior – aderiu ao partido comunista francês e engajou-se na luta contra o fascismo. Morreu fuzilado pela Gestapo em 1942. Mas deixou publicado o primeiro volume de sua crítica à Psicologia, mais especificamente à Psicanálise. É necessário destacar que a ausência da conclusão do projeto não implicou na impossibilidade de Vigotski apropriar-se dos seus pressupostos para a construção da sua teoria psicológica.

O principal objetivo de Politzer (2004) era a construção da Psicologia concreta. Em sua concepção a Psicologia tradicional buscava por um humano ideal, que não existe na realidade – um ser que não trabalha, não é explorado, nem sofre em decorrência da própria estrutura social. Nesta direção, defendeu que a Psicologia enquanto ciência deveria se ocupar da primeira pessoa:

a transformação própria da Psicologia seria precisamente a que considera em “primeira pessoa” todos os fatos com que essa ciência possa ocupar-se, mas de tal maneira que, para todo o ser e para toda significação dos fatos, a hipótese de uma primeira pessoa fosse *constantemente* indispensável. Pois só a existência de uma primeira pessoa explica logicamente a necessidade de intercalar na série das ciências uma ciência “psicológica”, e se esta pode, como todas as outras, abandonar, no curso da sua evolução, os motivos temporais que lhe deram nascimento, não pode

abandonar essa relação com a primeira pessoa, pois só ela dá aos fatos a originalidade de que precisa (Politzer, 2004, p. 62-63. Destaques do autor)

Assim, defendeu que a Psicologia deveria ocupar-se da vida singular do indivíduo, isto é, “*a vida no sentido dramático*” (Politzer, 2004, p. 63. Destaques do autor). Nesta direção indicou que para voltar a vida, a Psicologia devia imitar o teatro (Politzer, 2004 citado por Gabbi Junior, 2004). Assumindo que os comportamentos humanos não devem ser simplesmente analisados, mas interpretados de maneira profunda, como um crítico das artes faz com uma peça de teatro; dado que a análise é um movimento exterior, no qual se tem um parâmetro fixo de comparação, enquanto a interpretação atinge o íntimo da história, procura apreender os diferentes elementos que compõe o drama do indivíduo que está diante de nós, ainda que muitas vezes tais elementos não se expresse imediatamente.

Portanto,

O drama é original. De fato, ele nada tem a ver com a matéria ou o movimento puros e simples. A extensão, o movimento e mesmo a energia, com todos os seus estados e todos os seus processos, não são suficientes para constituir o drama. Pois o drama implica o *homem* tomado em sua totalidade e considerado com o centro de um certo número de acontecimentos que, por relacionar-se a uma primeira pessoa, têm sentido. É o *sentido* relacionado a uma primeira pessoa que distingue radicalmente o fato psicológico de todos os fatos da natureza. Enfim, a *originalidade do fato psicológico é dada pela própria existência de um plano propriamente humano e da vida dramática do indivíduo que nele se desenrola*. (Politzer, 2004, p. 187. Destaques do autor).

Ou seja, ao analisarmos o psiquismo não devemos considerar este em si mesmo, mas o psiquismo materializado num indivíduo concreto. Trazer para a cena a primeira pessoa. Pensar, não o pensamento, mas a pessoa que pensa (Vigotski, 2000) - suas relações, seu contexto, seus afetos, seus motivos etc. apenas assim poderemos compreender o seu drama (a pessoa concreta). Afinal, há nuances na construção das funções psicológicas superiores em cada indivíduo, portanto, a forma de sentir, significar, pensar é singular. E só podemos compreender os atos que levaram o indivíduo ao drama presente se nos atermos à concreticidade. Quando dizemos ato estamos nos referindo a ação, no entanto precisamos lembrar que a ação não é resultado de uma simples resposta a determinado estímulo; existem emoções, motivos, significados e sentidos em jogo.

Vigotski (2000) exemplificou isso a partir do caso de um juiz que precisa julgar a própria esposa por um crime. Como juiz condena; mas como marido ama e quer absolvê-la. O conflito entre emoção e pensamento; entre os diferentes papéis sociais; os diferentes motivos; o indivíduo e o meio; constituem o drama! Afinal,

O drama realmente está repleto de luta interna impossível nos sistemas orgânicos: a dinâmica da personalidade é o drama. [...] em sonho a esposa traiu (Othello), deve morrer: tragédia. O drama sempre é a luta de tais ligações (dever e sentimento; paixão, etc.). Senão, não pode ser drama, isto é, choque dos sistemas. A psicologia “humaniza-se”. (Vigotski, 2000, p. 35).

A questão central do drama na análise do sistema psicológico é o fato de romper com a lógica linear. O psiquismo não é uma relação de causa e efeito; existem incontáveis possibilidades dentro do ser social que podem se transformar em resposta (ação!) a determinado estímulo (Santos, 2015). O juiz pode absolver ou condenar a esposa, mas pode também desistir de realizar o julgamento - embora desistir possa soar como fugir de tomar uma decisão, precisamos lembrar que esta é também uma ação. A decisão, seja ela qual for, redireciona o drama. Novos conflitos devem surgir e colocar o indivíduo novamente diante de uma situação tão dramática quanto a anterior. Este é um movimento que não cessa, pois como mostrou Cecília Meireles (2012), somos cotidianamente levados a decidir entre isto ou aquilo.

Mas como escolher entre uma ou outra coisa?

A escolha é um processo complexo. Para explicar esse movimento, Vigotski (2021) tomou anedota do Asno de Buridan - situação hipotética em que um asno é colocado à mesma distância de um fardo de palha e um recipiente com água, mas que padece de fome e sede por não saber para onde ir primeiro. Esta anedota é usada para ilustrar que nossa vontade é determinada por motivos, e quando os motivos possuem a mesma intensidade a escolha torna-se quase impossível. Embora seja um caso ideal, em muitos momentos do cotidiano nos encontramos diante de situações em que escolher parece uma ação irrealizável, o que, por sua vez, resulta numa recusa temporária da escolha, uma inatividade prolongada que paralisa a função da vontade. No entanto, o indivíduo é um ser de pensamento, jamais morreria de fome ou sede na situação do asno, posto que o pensamento é uma mediação que nos auxilia no processo de tomada de decisão; na pior das hipóteses iríamos arremessar uma moeda para decidir entre um estímulo ou outro. Dissemos pior das hipóteses porque a liberdade consiste no reconhecimento da necessidade e na escolha da melhor ação para satisfazê-la; decidir na sorte como agir pode representar a não compreensão de si e das suas necessidades, levando o indivíduo a agir contra ele mesmo. Porém, a escolha não é um ato puramente racional, as emoções também atuam como mediador na tomada de decisão.

Em última instância, é o sistema interfuncional da consciência do indivíduo que irá determinar sua escolha e seu agir. Por isso, acreditamos ser importante nos determos à

dinâmica que se estabelece entre a consciência e o inconsciente neste momento, visto que a própria consciência atua a partir dos processos inconscientes.

### 3.3. Dinâmica consciente-inconsciente

A questão da consciência é central na Psicologia Sócio-Histórica. Vigotski encontrou os fundamentos teóricos deste conceito em Marx e Engels, mas ao incorporá-los na dialética da sua psicologia, ele ofereceu contribuições originais para a interpretação e análise da consciência (Toassa, 2015a; Toassa, 2015b). Mesmo a discussão do inconsciente aparece como uma forma de aprofundar o estudo da própria consciência, visto que a lógica dialética nos ensina que qualquer fenômeno é mais bem compreendido a partir da relação com o seu oposto contraditório (Santos & Sawaia, 2022). Considerando isso, vamos analisar neste momento como a consciência se integra ao psiquismo e como ela se relaciona com o inconsciente em nossa perspectiva.

Sabemos que o conceito de consciência em Vigotski se modifica ao longo de sua trajetória na Psicologia. Inicialmente encontramos algumas concepções que mais tarde foram superadas e passaram a integrar um todo maior. Em nosso trabalho não abordaremos esse percurso, visto que não é esse o nosso objetivo; e este esforço já foi empreendido por outros pesquisadores (Toassa, 2006; Delari Junior, 2013; Molon, 2015). Focaremos na ideia que representa a concepção mais desenvolvida da consciência.

A consciência é uma estrutura que representa a síntese da organização sistêmica do psiquismo (Vigotski, 2009); é desde o princípio algo integral (Vigotski, 2023); um todo único cujas funções particulares (atenção, memória, imaginação, pensamento, emoção etc.) estão indissolivelmente entrelaçadas (Vigotski, 2018). Em cada etapa do desenvolvimento a estrutura da consciência (todo) e os nexos entre as funções (partes) se modifica por completo, posto que uma função particular (como a linguagem) ao adentrar na trama do sistema psicológico altera qualitativamente as conexões interfuncionais da consciência.

Este caráter sistêmico da consciência opera como um instrumento psicológico que, gradativamente, destaca o indivíduo do mundo e, ao mesmo tempo, o torna mais apto a conhecer os nexos de intermediação desse mesmo mundo, de modo a ter maior domínio sobre sua existência dentro dele (Delari Junior, 2013). É, portanto, um órgão seletor, uma peneira que filtra o mundo e o modifica de forma que seja possível agir de maneira intencional e voluntária sobre a realidade. (Vigotski, 2004, p. 284).

Em resumo, podemos dizer que ação consciente é aquela em que os processos sentir, pensar e agir estão unificados, dado que os seres humanos ao serem afetados por determinações sociais ou psíquicas, as registram como sentimentos, mas em decorrência da complexidade social, estes exigem a elaboração do pensamento sobre o que é o afeto, para que possa agir sobre ele e transformá-lo (Leão, 2021). Assim, estar consciente significa explicar o quê eu fiz; como eu fiz; e porque eu fiz. Isto é, quais motivos me levaram a agir desta e não de outra forma (Santos, 2015).

No entanto, toda a organização da consciência é permeada por uma estrutura semântica (Vigotski, 2009). Posto que a palavra é uma interface entre o social e o psíquico, o externo e o interno, que se configura, tanto no plano das relações sociais quanto no âmbito individual, em formas de sentir, pensar e agir. É através da palavra que podemos abstrair e generalizar ideias, vivência e relações presentes na cultura. Pois, “*a palavra ao nomear um fato, proporciona ao mesmo tempo a filosofia do fato, sua teoria, seu sistema*” (Vigotski, 2004, p. 301. Destaque do autor).

Quando digo: estou sentindo saudade. Eu estou comunicando um sentimento melancólico causado pelo afastamento de uma pessoa, uma coisa ou um lugar, ou até mesmo a ausência de uma experiência prazerosa já vivida (Michaelis, 2016). Apesar deste sentimento não ser referenciado em nenhuma outra língua, a saudade é uma emoção comum na cultura brasileira; é recorrentemente retratada na Música Popular Brasileira, em novelas, filmes, literatura etc. Logo, aprendemos a viver com a saudade, a reconhecer quando a sentimos e a comunicá-la aos outros.

Este movimento é possível porque há um significado cristalizado na palavra. O significado é uma complexa unidade, capaz de condensar uma série de explicações, concepções e compreensões da realidade (Vigotski, 2009). Ele representa, do ponto de vista psicológico, sempre uma generalização (Vigotski, 2018). Em sua forma mais desenvolvida é um conceito: síntese de múltiplas determinações que permite ao indivíduo ter consciência da realidade, visto que a generalização nele contida possibilita a interiorização da realidade no psiquismo (Vigotski, 2009).

Além disso, o significado é, ao mesmo tempo, um fenômeno da linguagem e do pensamento; é uma unidade indecomponível de ambos os processos.

A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo o significado é um traço constitutivo e indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior. Deste modo parece que temos todo o fundamento para considerá-la como um fenômeno do discurso. Mas como nos convencemos reiteradas vezes, ao longo de nossa investigação, do ponto de vista psicológico o significado da

palavra não é se não uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos. Toda generalização, toda a formação de conceito é o ato mais específico, mais autêntico e mais indiscutível de pensamento. Consequentemente, estamos autorizados a considerar o significado da palavra como um fenômeno de pensamento (Vigotski, 2009, p. 398).

Todavia isso não significa uma filiação externa a dois diferentes campos da vida psicológica. O significado só é um fenômeno do pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado; e é um fenômeno da linguagem apenas na medida em que a linguagem está vinculada ao pensamento e focalizada por sua luz. Ou em outras palavras, trata-se de uma unidade que surge na ontogênese devido ao meio cultural, fazendo com que a linguagem se torne intelectual e o pensamento verbalizado.

Neste momento nos aproximamos do aspecto mais importante do significado: ele se desenvolve. Vigotski (2009) ao estudar experimentalmente o desenvolvimento dos conceitos demonstrou que ele é formado por meio de três estágios. O primeiro estágio, que podemos denominar de sincrético, responde a uma formação plural não informada e não ordenada. A criança generaliza o mundo com base na percepção imediata, fazendo com que muitas vezes um único significado represente uma imensidade de objetos e relações presentes no meio - isso porque a base da generalização são os vínculos subjetivos que acabam de surgir nas impressões da criança.

O segundo estágio conduz à formação de novos vínculos, ao estabelecimento de relações entre diferentes impressões concretas, a unificação e à generalização de objetos particulares, ao ordenamento e à sistematização de toda a experiência. Neste estágio, a generalização apresenta-se como complexos de objetos particulares ligados não mais aos aspectos subjetivos da criança, mas ao próprio objeto; a criança isola características particulares, mas não apreende ainda a sua totalidade. É neste estágio que surgem os pseudoconceitos.

O pseudoconceito evoca relações e conexões que estão diretamente relacionadas com a experiência direta do indivíduo. Os pseudoconceitos “praticamente coincidem com os significados das palavras [...] mas no seu interior diferem profundamente delas” (Vigotski, 2009, p.193). Embora a análise do pseudoconceito esteja atrelada ao desenvolvimento da criança, Vigotski indica que o cotidiano faz com que esses se manifestem também nos adultos, pois em diversos momentos empregamos significados que não dão conta de representar toda a complexidade da situação que vivenciamos. Mas é justamente o aparecimento dos pseudoconceitos que criam os nexos internos para a formação do conceito propriamente dito.

Portanto, o terceiro estágio incorpora numa superação dialética todo o desenvolvimento anterior; se antes a criança generalizava apenas as particularidades contidas no objeto, agora ela dispõe de condições psicológicas para representar o todo. Em síntese, este estágio consiste em que, pela primeira vez, a criança ao abstrair determinados atributos, destrói a situação concreta, o vínculo imediato com objeto, e cria uma combinação única por meio da abstração.

A fim de identificar o estágio conceitual por trás das palavras, Luria (2001) desenvolveu o método de determinação do conceito. Este método consiste em buscar enlaces conceituais empregados pelo indivíduo frente a determinada palavra. Há enlaces reais-imediatos, como quando o indivíduo representa determinado significado com foco nas características e traços aparentes; e há enlaces lógico-verbais, quando o indivíduo introduz o significado ao sistema de conceitos e o representa com categorias não imediatas. Para esclarecer, tomemos como exemplo o conceito de uberização. O indivíduo pode representar a uberização como um ato empreendedor, autonomia, liberdade etc. (enlace real-imediato); mas pode também dizer que a uberização representa uma forma de trabalho subordinado, precarizado e explorado (enlace lógico-verbal). Cada uma dessas respostas apresenta determinadas formas de generalização e operações psicológicas; uma foca no imediato, outra no não-imediato.

No entanto, todo o desenvolvimento desses significados é integrado ao sistema psicológico na forma de sentido. O sentido é a totalidade de todos os eventos psicológicos que a palavra (significado) desperta na consciência; é uma formação dinâmica, fluida e complexa que tem várias zonas de estabilidade – o significado é apenas uma dessas zonas. É inconstante: numa situação ele pode adquirir uma forma e em outra adquire outra (Vigotski, 2009).

Assim, o sentido pode ser melhor compreendido a partir da compreensão de subtexto, que se origina na técnica desenvolvida por Stanislavski. Ao preparar uma peça o teatrólogo soviético oferecia uma explicação, uma emoção, um contexto que o ator ou atriz deveria ter em mente na hora de encenar. De forma que o personagem pode dizer textualmente uma coisa, mas esta representar outra. Podemos tomar como exemplo uma situação de Torto Arado de Itamar Vieira Junior (2019). Quando o dono da fazenda diz a família de Bibiana e Belonísia: pode só casa de barro! Ele também está dizendo que aquele lugar não é deles, que não há nenhuma propriedade ou garantia de permanência e que a qualquer momento todos os vínculos e relações deles podem se desfazer - as relações entre patrões e empregados pode também ser tão facilmente destruído quanto uma casa de barro. Há por trás dos significados

utilizados uma série de emoções, motivos e ideologias que podem não aparecer textualmente, mas estão ali. É como o caso do significado autônomo para representar trabalho uberizado; há por trás dessa palavra uma série de emoções, pensamentos e ideologias que levam o trabalhador a identificar-se com essa representação, mas nem sempre elas são expressas.

Isso porque, no sentido existe uma predominância predicativa, afinal, ele se expressa na fala interior como um diálogo entre eu e mim. Dessa maneira, o sujeito e o juízo a ser enunciados são conhecidos antecipadamente e, portanto, o caráter fonético da fala se perde, de modo que uma única palavra passa exprimir uma enorme gama de relações, pensamento, emoções, vivências etc. Ou ao contrário, precisamos de muitos significados para expressar um sentido (Santos, 2015).

Logo, é o sentido que organiza as relações interfuncionais no sistema psíquico. Visto que é o sentido que atribuo à atividade que determina a organização das funções psicológicas superiores para que eu possa agir. Entretanto, o sentido não se restringe a linguagem ou a consciência, ele pode prescindir destas (Toassa, 2020). Pois, “se as palavras podem existir sem sentido, de igual maneira o sentido pode existir sem palavras” (Vigotski, 2009, p. 467). A ideia de sentido está mais diretamente vinculada ao aspecto emocional porque incorpora ao significado a forma como a realidade afeta o indivíduo. Isto faz com que, em alguns momentos ajamos sem ter consciência dos motivos que mobilizam a nossa ação. E neste momento começamos a nos aproximar da discussão do inconsciente.

Vigotski não iguala o conceito de consciência ao de psiquismo, “[...]consideramos que em psicologia é completamente lícito falar do psicologicamente consciente e inconsciente: o inconsciente é potencialmente consciente.” (Vigotski, 2004, p. 156). Em nossa perspectiva, o inconsciente não está separado da consciência por uma muralha intransponível; é, na verdade, uma grandeza que deriva da consciência. Mais que isso, o inconsciente atua no psiquismo garantindo o funcionamento da própria consciência, visto que só podemos agir conscientemente quando os conteúdos alheios a determinada atividade são deslocados do sistema psicológico. Há uma dinâmica única, viva e permanente entre a consciência e o inconsciente – passamos muito da consciência para o inconsciente e vice-versa (Vigotski, 2001).

Afinal,

[...] uma consciência que se desse conta de tudo, não se daria conta de nada [...]. Nossa consciência encontra-se encerrada entre dois limiares, vemos apenas um pequeno fragmento do mundo; nossos sentidos nos apresentam um mundo compendiado em extratos que são importantes para nós. E no interior desses limiares absolutos tampouco se capta toda a diversidade de mudanças e matrizes, mas a

percepção das mudanças depende de novos limiares. É como se a consciência seguisse a natureza por saltos, com omissões, com lacunas. A psique seleciona certos pontos estáveis da realidade em meio ao fluxo geral. Cria para si ilhas de segurança no fluxo de Heráclito (Vigotski, 2004, p. 284).

Destarte, os processos e os conteúdos conscientes possuem características inconscientes. Assim como o inconsciente contém aspectos conscientes, ainda que na forma de potencialidade (Santos & Leão, 2014). A relação entre essas duas instâncias psíquicas é mobilizada por meio dos significados e sentidos. Para que o inconsciente se torne consciente é necessário que seja encontrado o significado capaz de representar determinado sentido. No entanto, este é um processo dramático. Pois, como indicamos anteriormente, a conversão do sentido em significado é como uma tradução; às vezes precisamos de muitos significados para expressar um sentido, ou ao contrário, um único significado pode carregar uma gama imensa de sentidos.

Porém, precisamos lembrar que o psiquismo é resultado das condições concretas do trabalho. Então, se

[...] na realidade a divisão do trabalho separa aquele que executa a ação daquele que organiza a ação, ou seja, entre o que pensa e o que realiza; e se essa forma de relacionar nega a essência do homem e faz da produção da própria existência um sofrimento constante, também no psiquismo essa organização é reproduzida: faço, mas não sei. Sei, mas não faço. Acima de tudo, o que sinto não é determinante na minha forma de relacionar-me com o mundo porque independente disso tenho que fazer aquilo que me é exigido pela coletividade - ou melhor dizendo, pela classe dominante da coletividade da qual faço parte, cujos interesses e necessidades não são os mesmos que os meus (Santos, 2018 p. 134-135).

É necessário destacar que nem sempre existe uma unidade entre os processos de sentir, pensar e agir, dada a complexidade da realidade; em um mesmo instante somos afetados por incontáveis e diferentes estímulos, temos diferentes pensamentos e sentimentos às vezes relacionados ao mesmo objeto e a variedade de pensamentos e sentimentos também não podem ser todos transformados em ação. No entanto, no modo de produção capitalista existem situações que provocam rompimentos e impossibilidade de concretização dessa relação.

A cisão entre os processos de sentir, pensar e agir ocorre porque o modo de produção capitalista se funda na alienação. A alienação, como dissemos anteriormente, é um fenômeno que surge da autoalienação do trabalho: é quando o trabalhador perde o domínio sobre o produto do seu trabalho e sobre o próprio trabalho. Entretanto, ela extrapola a esfera produtiva e se liga aos conteúdos ideológicos e psicológicos.

Assim, se em termos dinâmicos, o inconsciente é potencialmente consciente, na sociedade de classes isso não é necessariamente verdadeiro (Santos & Sawaia, 2022). Isso porque, objetivamente, a alienação limita que nos apropriamos de certos conteúdos culturais, fazendo com que muitas vezes ao invés de conceitos tenhamos disponíveis no máximo pseudoconceitos, que impedem a compreensão de toda a complexidade das relações sociais. Entretanto, a própria alienação cria condições para o seu enfrentamento; a classe trabalhadora não é passiva no conflito capital-trabalho, ela resiste e busca formas de transformar a realidade. Logo, o encontro com a organização e resistências de classe pode fazer com que o indivíduo encontre conceitos capazes de expressar o sentido inconsciente, tornando-os conscientes.

A ideologia complexifica ainda mais esta relação. São as ideologias que possibilitam aos indivíduos se conscientizarem dos conflitos sociais que permeiam nossas relações. Ela se materializa nos significados sociais – “o significado é o veículo pelo qual a ideologia toma corpo em determinado momento histórico” (Coelho-Lima, 2016, p. 96). Na sociedade de classes há um grupo que busca orientar as ações dos indivíduos para manter a situação vigente e um outro que procura alterar a ordem das coisas. Tal conflito é materializado nos significados, fazendo com que este se torne uma das arenas da luta de classe (Bakhtin, 2006). Estes significados são integrados ao psiquismo e, com isso, passam também a ter um sentido para o indivíduo. É necessário, no entanto, compreender que o sentido, embora completamente relacionado com o significado, não se resume e nem se fixa nele: “o significado é apenas uma pedra no edifício dos sentidos” (Vigotski, 2009, p. 465). Nesta direção, o sentido pode contradizer ou negar o próprio significado, fazendo coexistir no psiquismo do indivíduo outras representações sobre determinado significado. Contudo, é preciso que esse sentido integre-se a forma de significados para tornar o indivíduo consciente sobre a realidade e agir rumo a sua transformação.

Mas como a realidade é síntese de múltiplas determinações, “pode parecer-nos que fazemos algo por uma causa determinada, mas na realidade a causa é outra. Podemos supor, com toda a certeza que nos dá a vivência direta, que gozamos de liberdade, de vontade e nos equivocarmos cruelmente a este respeito” (Vigotski, 2004, p. 151). No entanto, na sociedade de classe isso se torna muito mais intenso e comum, pois as ideias da classe dominante são em cada época as ideias dominantes. Isto é, a ideologia dominante ao generalizar a realidade a partir da imediatividade, limita a nossa compreensão sobre as determinações que não-imediatas. Vamos tomar as ideologias da uberização para aprofundar um pouco mais esta discussão.

Os principais significados que permeiam a uberização do trabalho são: liberdade, autonomia, empreendedorismo e responsabilidade social. Estes buscam representar a ideia de que a uberização é uma forma de trabalho livre de relações de assalariamento, exploração e controle, posto que nela os trabalhadores podem decidir quando, onde e por quanto tempo trabalham; têm autonomia para aceitar e rejeitar corridas e/ou entregas; e não possuem padrão; e ganharão em conformidade com a quantidade de trabalho que terão. Estas representações, ao serem integradas ao psiquismo, ligam-se aos processos de sentir, pensar e agir, organizando e direcionando esses processos. Todavia, no cotidiano o que esses trabalhadores vivenciam é: uma jornada de trabalho extensa; não possuem dias de descansos e férias; são punidos se rejeitam entrega/corrída; assumem os gastos com a manutenção dos meios de trabalho; estão vulneráveis aos mais diversos tipos de violência e acidentes de trabalho; e mal conseguem garantir as condições mínimas para a reprodução da sua vida social. Portanto, os significados não respondem às teorias que os sustentam e o trabalhador sente isso no corpo; tanto que alguns se organizam para lutar por direitos e melhores condições de trabalho. Mas os significados que permitem a esses trabalhadores agir sobre seus afetos não está disponível para todos igualmente, então, muitos apenas sentem, sem conseguir transformar o sentido em significado e, mais do que isso, muitas vezes sem perceber que esse afeto está relacionado ao trabalho: é possível que eles sintam um cansaço inesgotável e uma frustração com diversos aspectos da realidade, mas sem associar diretamente isso ao trabalho que exercem; é possível que eles reproduzam as ideologias tais quais são propagadas, sem perceberem as contradições que se expressam no seu cotidiano.

Como a emoção é um dos principais mediadores do psiquismo, é válido fazer algumas notas sobre essa função psicológica superior.

### 3.4. Emoção

Vigotski (2023), partindo de Espinosa, compreende os afetos como as afecções do corpo, pelas quais a potência de agir é estimulada ou refreada. Logo, o caráter nodal da dimensão afetiva não é que ela representa um distúrbio que deve ser controlado, mas sim a base da atividade humana, do conhecimento e da transformação social (Sawaia et al, 2022). Ora, não é à toa que ele diz “o afeto é o alfa e o ômega, o primeiro e o último elo, o prólogo e o epílogo do desenvolvimento psíquico” (Vigotski, 1999, p. 299). São as afecções advindas do meio que impõe a necessidade ao indivíduo de apreender e agir sobre a realidade; e neste movimento constituir a si mesmo. No entanto, é apenas mediante ao uso da razão que

podemos compreender o que nos afeta e agir rumo a transformação. Então, nossa atividade no mundo depende, em última instância, das representações que fazemos sobre os afetos (Espinosa, 2008).

Nesta direção, Espinosa diferenciou ideias adequadas de ideias inadequadas; ambas nos constituem, porém, as primeiras se referem a representação concreta da causa dos afetos, enquanto as segundas configuram-se como representações fragmentadas e mutiladas advindas exclusivamente da imaginação. Isso não significa que a imaginação seja negativa; a imaginação é o primeiro nível do conhecimento que advém das imagens, portanto, é necessária. Todavia, quando mantemos nossas representações apenas nas imagens não compreendemos as relações que estão por trás dela (Santos, 2015). Quando a ideia representa o afeto de maneira adequada, a potência de agir é elevada. Agora, se a ideia representa o afeto de forma inadequada, a potência de agir é refreada; e neste caso podemos cair no reino das ilusões e, conseqüentemente, lutar pela liberdade em nome da servidão.

É considerando esses pressupostos que Vigotski (2023, p. 201) diz:

Espinosa expressou uma relação genética correta. No processo de desenvolvimento ontogenético, as emoções estabelecem ligações com orientações gerais tanto em relação à autoconsciência da personalidade quanto em relação à consciência da realidade. Meu desprezo por uma pessoa estabelece uma relação com a apreciação dessa pessoa, com a sua compreensão. [...] O desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste, fundamentalmente, em que as ligações primárias, nas quais eles são dados, se alteram e novas ordens e ligações surgem.

Nesta direção, parte-se da premissa que o psiquismo organiza-se, desde o princípio, como um sistema único – as funções psicológicas superiores não operam, nem se desenvolvem separadamente, mas numa complexa trama de inter-relação. Os nexos que são criados no sistema psíquico ao longo do desenvolvimento ontogenético transforma as próprias funções superiores. É este o caso da emoção. No início do desenvolvimento infantil predomina nesta função psicológica um radical biológico; uma reação corpórea do afeto. Por exemplo, a criança recém-nascida quando sente fome chora, aciona o reflexo de sucção, fica inquieta etc., cabe aos cuidadores compreenderem a causa dessas reações fisiológicas e satisfazer a necessidade da criança. No entanto, com o surgimento de novas funções psicológicas no sistema psíquico, principalmente da linguagem e do pensamento, a emoção se altera, tal como a influência biológica que a dominava num primeiro momento – é o indivíduo quem passa a representar para si a causa dos seus afetos. Isso porque nossos afetos agem numa relação complexa com os sistemas de conceitos, visto que quando pensamos nas coisas que são externas a nós, estas não se alteram em nada. Mas o fato de pensar os afetos

altera muito a vida psíquica, porque os coloca em outra relação com o intelecto e funções psicológicas, oferecendo a possibilidade de significar e agir sobre as afecções (Vigotski, 2023).

Entretanto, a relação entre emoção e conceitos se alteram mediante ao contexto ideológico:

[...] quem não sabe que o ciúme de um sujeito ligados a conceitos maometanos sobre fidelidade de uma mulher e de um sujeito que está ligado a um sistema de representação oposta sobre a fidelidade da mulher são diferentes?; quem não compreende que esse sentimento é histórico, que eles se altera fundamentalmente em meios ideológicos e psicológicos distintos, embora se mantenha um radical biológico, com base no qual essa emoção surge (Vigotski, 2023, p. 201)

Portanto, as emoções são históricas e sua manifestação depende do meio ideológico e, ao mesmo tempo, da própria ideia que o sujeito e a comunidade tem sobre os afetos.

Além disso, Vigotski (2014) afirmou que a conjunção emocional é uma das formas de ligação entre imaginação e realidade. Dado que, todo sentimento e emoção tende a revelar-se em determinadas imagens, impressões e pensamentos que lhe corresponde em consonância com determinado estado de humor e disposição que nos domina em certo momento; na tristeza e na alegria percebemos a realidade de maneiras distintas. Ou seja, o sentimento não tem apenas sua expressão no corpo, mas possui uma expressão interior que se manifesta na própria consciência do indivíduo. O medo, por exemplo, não se expressa apenas na palidez do rosto, no tremor, na alteração da respiração e do batimento cardíaco, ele se expressa, ainda, em todas as impressões percebidas pelo homem nesse momento – todos os pensamentos se subordinam, de modo geral, ao sentimento de medo que o domina naquele momento.

Contudo, há uma relação recíproca entre emoção e imaginação. Do mesmo modo que a emoção subordina a imaginação, esta pode subordinar aquela. Para explicar esse segundo movimento, podemos utilizar um exemplo dado por Vigotski (2014, p. 18)

Imaginemos uma situação simples de ilusão: ao entrar no quarto escuro, a criança imagina que o vestido pendurado é uma pessoa estranha, um ladrão que entrou na casa. A imagem do ladrão criada pela fantasia da criança não é real, mas o medo que a criança sente, o seu susto são, de fato impressões reais para ela. Algo semelhante acontece com qualquer representação.

A situação descrita acima pode ser tomada como uma analogia à ideia inadequada sobre o afeto, pois a representação do vestido como um ladrão limita a ação da criança: ela teme entrar no quarto; nega-se a dormir ali; etc. No entanto, isso não significa que a emoção sentida seja falsa, ela é sempre verdadeira, é a representação que a criança faz do afeto que a

impede de agir sobre a realidade. Esta discussão é importante para pensarmos as formas como os trabalhadores uberizados representam a uberização a partir daquilo que ela marca para eles, no cotidiano da própria experiência.

Vale ainda realizar uma breve exposição sobre a categoria de personalidade, uma vez que ela será importante para a nossa análise do próximo capítulo.

### 3.5. Personalidade

A personalidade representa a síntese do desenvolvimento do psiquismo; corresponde ao desenvolvimento cultural das funções psicológicas superiores e, ao mesmo tempo, organiza as formas de sentir, pensar e agir do indivíduo frente à realidade. Portanto, é uma unidade que condensa os processos interpsicológicos e intrapsicológicos, expressando-se, mais especificamente, como visão de mundo: “o que caracteriza o comportamento de uma pessoa em geral, a relação cultural da criança [indivíduo] com o mundo exterior” (Vigotski, 2021, p. 443). Esta relação é sempre mediada por significados que permitem ao indivíduo apreender a realidade e lhe atribuir sentido. Logo, não é uma instância fixa e imutável, corresponde a relação real entre pessoas, de modo que alterações no meio, na atividade do indivíduo, ou no sistema de conceitos, podem alterar também a visão de mundo e a personalidade.

Vigotski (2023) disse que a vida social forma o indivíduo e determina os aspectos mais importantes de toda a constituição da sua personalidade. Então, é preciso considerar o caráter de classe da personalidade, pois

Assim como a vida social não é um todo único e homogêneo e a sociedade está dividida em classe, a constituição da personalidade humana não é, em cada época histórica, algo homogêneo, uniforme, e a psicologia deve considerar o fato básico de que a consequência direta da posição geral recém-formulada é o reconhecimento de que a formulação do tipo humano tem um caráter de classe, uma natureza de classe e distinções de classe. A contradição interna desse tipo de estrutura também se expressa na constituição da personalidade, na estrutura do psiquismo de dada época (Vigotski, 2023, p. 163).

Ou seja, no modo de produção capitalista, todo o desenvolvimento da personalidade está necessariamente relacionado às classes sociais; “nada escapa à incidência das classes sociais no processo de desenvolvimento” (Souza, 2015, p. 73). No entanto, faz-se necessário recordar que o contexto é de luta de classe; do mesmo modo que a classe dominante procura representar sua visão de mundo para a classe trabalhadora, esta empreende esforços para resistir e transformar a realidade. Tal confronto é reproduzido no psiquismo. Por isso,

Vigotski (2000, p. 35. Destaque do autor) disse: “*a dinâmica da personalidade é o drama*”. No interior do indivíduo, existe uma luta permanente entre os significados e sentidos de classe; uma disputa na hierarquia do sistema psíquico que irá determinar a sua ação no mundo. Então, nosso psiquismo

[...] lembra uma estação para a qual confluem cinco ferrovias, mas da qual só por uma há partida; de cada cinco trens que ali chegam, apenas um consegue irromper para fora, e assim mesmo depois de uma luta cruel, pois os outros quatro permanecem na estação. Assim, o sistema nervoso lembra um campo de batalha permanente, e nosso comportamento realizado representa uma ínfima parte do que existe em forma de possibilidade, que foi acionado, mas não encontra vazão. Como na natureza a parte realizada da vida representa uma parcela ínfima de toda a vida que poderia ter surgido, como cada vida que nasce deve-se milhões de vidas que não nascem, assim, em nosso sistema nervoso parte da vida realizada supõe a parte menor da realmente contida em nós (Vigotski, 1999b, p. 312).

Contudo, nenhuma das representações e impressões que chegam em nosso psiquismo desaparece sem deixar vestígios, tudo parece conservar-se em algum ponto das esferas inconscientes e tornar a penetrar na consciência numa posição modificada (Vigotski, 2009). No capítulo a seguir discutiremos mais especificamente esse processo a partir da análise da entrevista de um trabalhador uberizado.

#### **4. Drama do Psiquismo em Tempos de Uberização: Uma Outra Expressão da Totalidade**

*Pensar é um ato. Sentir é um fato*

*Clarice Lispector*

Ao longo dos capítulos anteriores procuramos apreender teoricamente o movimento das categorias trabalho, uberização e psiquismo. Compreendemos que o trabalho é a mediação fundamental na constituição do ser social, pois é a partir dele que a humanidade cria valores de uso capazes de satisfazer suas necessidades. No entanto, o modo de produção capitalista inverte a relação do ser social com o trabalho, e o que era liberdade torna-se servidão. Isso porque, “o sentido do trabalho que estrutura o capital acaba sendo desestruturante para a humanidade; na contrapartida, o trabalho que tem sentido estruturante para a humanidade é potencialmente desestruturante para o capital” (Antunes, 2009, p. 12).

Como o capital é uma relação social que está constantemente encontrando seus próprios limites de acumulação, as formas de organização, gestão e controle da força de trabalho são constantemente reestruturadas; ainda que se mantenha nestas o radical da exploração do trabalho. As transformações mais recentes resultaram na uberização: um amplo processo de informalização, gestão algorítmica, e trabalho just-in-time (Abílio, 2020a), que se representa mediante as ideologias do empreendedorismo, da autonomia, (Antunes, 2020b) e da responsabilidade social (Slee, 2018). Entretanto, as organizações dos trabalhadores uberizados têm feito emergir ideologias de críticas à uberização - estas explicitam a precarização e a exploração do trabalho e orientam a classe trabalhadora a lutar por direitos e melhores condições de trabalho.

O psiquismo, por sua vez, corresponde às relações sociais concretas que são transformadas ao serem apropriadas pelo indivíduo. Logo, o conjunto das determinações do trabalho uberizado afetam as formas de sentir, pensar e agir dos trabalhadores. Mas justamente por as funções psicológicas superiores corresponderem a relações reais entre pessoas (Vigotski, 2021), elas carregam a contradição presente na realidade, o que imprime ao psiquismo um caráter dramático. O drama do psiquismo é intensificado na sociedade capitalista, pois a luta de classe faz com que a realidade se apresente através de diferentes prismas ideológicos. Assim, o psiquismo da classe trabalhadora encontra-se numa situação trágica:

está cindido, desdobrado, entregue a dois mundos, vivendo duas vidas sempre recordando a Sombra: está entregue a uma outra consciência [...] Ele vive duas vidas porque vive simultaneamente em dois mundos. Por isso está constantemente em plena fronteira, em pleno limite, em pleno limiar, no último marco desta vida (Vigotski, 1999c, p.81).

Neste capítulo, partiremos de tais pressupostos para analisar empiricamente como as ideologias da uberização do trabalho constituem o psiquismo e compõem o drama de um trabalhador uberizado. Portanto, este capítulo representa a síntese de nossa pesquisa, uma vez que busca responder como as ideologias da uberização se relacionam com as formas de sentir, pensar e agir dos trabalhadores de empresas-plataformas. Inicialmente faremos algumas considerações metodológicas sobre a parte empírica da pesquisa, para, em seguida, apresentarmos o resultado e a discussão dos dados.

#### 4.1. Considerações Metodológicas

Para começar, é importante reforçar mais uma vez: nós partimos da Psicologia Sócio-Histórica, cujo fundamento é o Materialismo Histórico-Dialético. Nessa perspectiva parte-se da distinção entre o caráter empírico e concreto da realidade. O empírico corresponde ao imediato, aquilo que captamos a partir dos nossos órgãos sensoriais; portanto, o empírico manifesta apenas parcialmente o concreto. O concreto, por sua vez, é a síntese das múltiplas determinações que incidem sobre o fenômeno na realidade. Todavia, tais determinações não são captadas automaticamente pelo sujeito, fazendo-se necessária uma postura ativa do pesquisador para apreender as determinações, contradições e mediações que constituem o fato pesquisado. Isto é, devemos sair do domínio da aparência do objeto e buscar, pela mediação da abstração, a essência que o constitui (Marx, 2015).

O caminho do empírico ao concreto exige a mediação de categorias que nos permitam fazer tal movimento. Em nossa pesquisa esta categoria é a linguagem, uma vez que no discurso materializa-se tanto as representações ideológicas de classe, quanto o pensamento, o sentido, a visão de mundo e os afetos do indivíduo (Lane, 2012). Logo, as representações que o indivíduo faz de si e do mundo constituem o dado empírico sobre o qual nos debruçamos para captar a mediação ideológica, as contradições e o próprio pensamento que engendrou o discurso (Lane, 1989).

Nossa principal técnica de coleta de dados foi realizar entrevistas com trabalhadores de empresas-plataformas de locomoção urbana. Vale destacar novamente que os dados

utilizados em nossa pesquisa empírica são parte do projeto multicêntrico: *Nexos da uberização: uma análise a partir dos trabalhadores*.

#### 4.1.1. Participante representativo

Por nosso objetivo ser a análise da relação das ideologias da uberização com o drama do psiquismo, optamos por analisar apenas uma entrevista. Essa escolha deu-se principalmente porque analisar todas as entrevistas seria inviável; e analisar apenas algumas questões seria superficial para o nosso objetivo. Compreendemos que aprofundar a análise de uma única entrevista seria mais adequado para responder ao objetivo. Além disso, é sempre importante lembrar que “o social existe até onde há apenas um só homem e suas emoções” (Vigotski, 1999, p. 315). Ou seja, no indivíduo está cristalizada características do grupo que pertence, então, mesmo a amostra única manifesta aspectos sociais indiscriminadamente.

A escolha da entrevista foi feita com base no aprofundamento das respostas dos participantes. Selecionamos a entrevista em que os aspectos ideológicos da uberização foram explorados de forma mais intensa durante o diálogo pesquisador-participante.

O participante representativo de nossa pesquisa responde ao pseudônimo de Lulu - uma referência ao personagem principal do filme italiano *A classe operária vai ao paraíso*, dirigido por Elio Petri. Lulu é um homem de 51 anos, pardo, que estudou até a oitava série. Trabalha para a empresa-plataforma Uber, tanto no serviço de entrega como no de locomoção urbana, há seis meses. Porém, anteriormente já trabalhou como entregador para o Ifood. Ele possui uma moto própria e obtêm em média uma renda mensal aproximada de dois salários-mínimos (R\$2.604,00). Anteriormente trabalhou como motorista de taxi e motorista de caminhão, mas decidiu trabalhar para a empresa-plataforma Uber por conta da autonomia que esse serviço oferece.

A análise das representações de Lulu sobre a uberização foi realizada a partir da técnica de Análise Gráfica do Discurso.

#### 4.1.3. Análise Gráfica do Discurso

Esta técnica, desenvolvida por Lane (1989), tem o objetivo de distinguir no processo de análise o que é do participante e o que é do pesquisador. Isso não significa uma postura neutra do pesquisador, mas sim a formulação de uma análise do discurso que não importa quem faça, chega-se à mesma estrutura básica sobre a qual incidirá a interpretação do pesquisador. Para isso, parte-se dos seguintes pressupostos: 1) não fragmentar o discurso, pois qualquer critério utilizado para tanto já traz em si uma interpretação externa; 2) as

relações entre os significantes devem ser mantidas constantes; 3) o discurso, produto, da interação entre pensamento e linguagem, se processa em espiral, havendo assim, retornos e avanços, semelhanças e diferenciações; 4) este movimento em espiral caracteriza significações centrais e periféricas.

Na construção da Análise Gráfica do Discurso é evidenciada a contribuição de Vigotski, principalmente em relação à categoria de mediação, que possibilita a transformação da objetividade em subjetividade, tomando a primeira como parte integrante e causa da segunda. Ainda, é nítido o aporte vigotskiano sobre a questão dos significados, pois Lane apoia-se na tese de que o significado, por ser uma unidade integrante da palavra e do pensamento, da sociedade e do indivíduo, constituem a consciência e as demais funções psicológicas superiores (Leão, 2007).

A técnica parte “do discurso articulado em representações sociais (empírico) para, através de análises de conteúdo, chegarmos ao movimento da consciência que se processa pela articulação entre pensamento e linguagem” (Lane, 1989, p. 37). Desse modo, podemos apreender o concreto, isto é, os aspectos ideológicos, as contradições e motivações afetivas que engendraram pensamento e discurso. Tal como o nível da consciência que o indivíduo tem de si do fenômeno investigado (Lane, 2012).

A Análise Gráfica do Discurso inicia-se com a normalização do discurso. Este momento consiste na inclusão de algumas palavras [em colchetes] que se perdem quando transformamos a linguagem oral em linguagem escrita. Isso porque, a própria estrutura da fala de uma e outra forma são diferentes. Quando estamos em uma conversa verbal podemos omitir certas palavras porque o contexto permite que sejamos entendidos mesmo com a suas omissões; mas quando estamos diante de um texto faz-se necessário explicitar uma outra estrutura de fala. Portanto, não se realiza nenhuma interferência no discurso, apenas o preenche com as palavras que foram omitidas com o intuito de facilitar a sua compreensão e retomar a ideia principal. No nosso caso, a entrevista – e, portanto, as perguntas do entrevistador e as respostas do entrevistado – são tratados como um texto único; isso porque é a participação do entrevistador que cria o contexto e a reorganização do pensamento do entrevistado, atuando ativamente no psiquismo dos dois sujeitos envolvidos.

Feito isso, passa-se a identificação dos núcleos de significação. Separamos e assinalamos os significados que se repetem no discurso, tal como seus sinônimos, e agrupamos no núcleo que lhe corresponde. Nesta etapa temos que nos ater tanto a estrutura do significado quanto a do sentido, pois um significado, como plataforma, pode aparecer no

discurso de outra forma: ela; essa; aplicativo etc. Então, precisamos ir e voltar ao discurso para aprendermos o sentido da palavra materializado no significado utilizado pelo participante. Os núcleos representam as significações centrais e periféricas em torno das quais o discurso foi elaborado.

Em nossa pesquisa optamos por realizar a Análise Gráfica do Discurso na versão simplificada proposta por Leão (2007). Assim, apreendemos apenas as significações centrais, o que nos permitiu focar nos principais movimentos do pensamento do trabalhador. Além disso, a versão simplificada propõe que após serem identificados os principais núcleos, eles sejam contados e separados de acordo com a ordem de incidência, ao invés da articulação de todos os núcleos, independente da incidência, como formulou Lane (1989).

Realizado o procedimento de identificação e organização dos núcleos, elabora-se o gráfico. Este representa o movimento do pensamento, expõe os significados e sentidos centrais para o sujeito e, ao mesmo tempo, conserva a relação com o restante do discurso. Nesta direção, o gráfico nos oferece a ideia não desdobrada durante o discurso. “Ou seja, o conteúdo condensado do qual nem o próprio sujeito teve consciência quando tentava elaborar o discurso sobre a temática” (Leão, 2007, p. 74). Como utilizamos a versão simplificada, nosso gráfico foi elaborado a partir da articulação decrescente da incidência dos núcleos.

Ao final desse processo temos diante de nós um enunciado que representa a síntese do pensamento do participante da pesquisa. A fim de torná-lo compreensível e fluido incorporamos a alguns pronomes e preposição entre parênteses, com o cuidado de não se constituir como uma inferência do pesquisador. As inclusões são sempre de forma e confrontadas com o discurso tal e qual foi apresentado. Isso porque existe, sempre, uma relação dialética entre a linguagem interior e a linguagem exterior, e é sempre o dito que serve de mediação para a compreensão do não dito – o que se expressa nas escolhas das palavras, na entonação, na repetição, etc. A entrevista completa encontra-se no Anexo IV

Explicado o procedimento de análise, vamos aos resultados.

## 4.2. Resultado

Por utilizarmos a versão simplificada da Análise Gráfica do Discurso, incorporamos em nossa análise apenas os núcleos com mais de 16 incidências. Neste caso, os núcleos de significação ficaram organizados na Tabela 1 da seguinte forma:

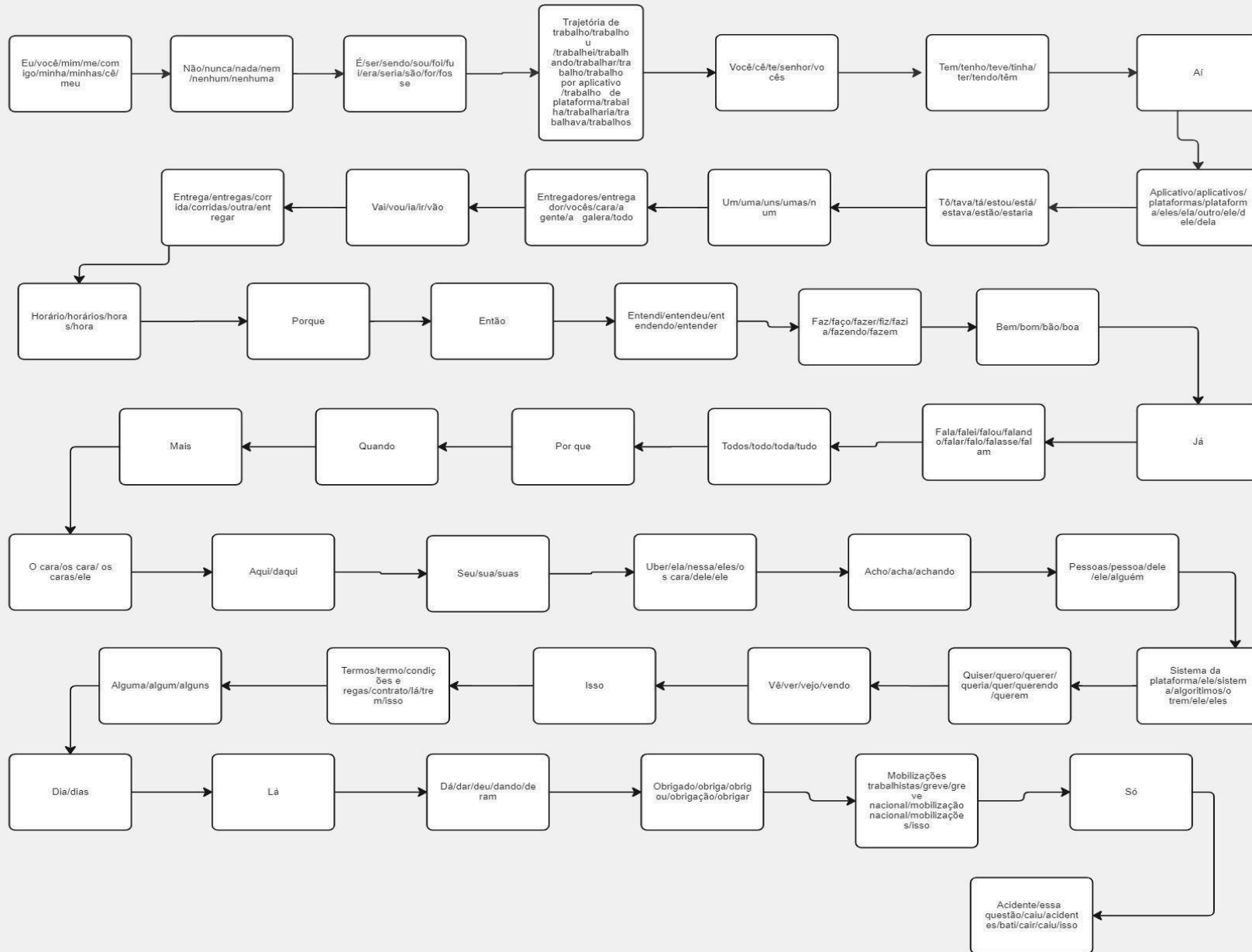
### **Tabela 1**

<i>Núcleos de significação</i>	<i>Frequência</i>
Eu/você/mim/me/comigo/minha/minhas/cê/meu	254
Não/nunca/nada/nem/nenhum/nenhuma	201
É/ser/sendo/sou/foi/fui/era/seria/são/for/fosse	181
Trajétoria de trabalho/trabalhou /trabalhei/trabalhando/trabalhar/trabalho/trabalho por aplicativo /trabalho de plataforma/trabalha/trabalharia/trabalhava/trabalhos	118
Você/cê/te/senhor/vocês	114
Tem/tenho/teve/tinha/ter/tendo/têm	104
Aí	92
Aplicativo/aplicativos/plataformas/plataforma/eles/ela/outro/ele/dele/d ela	90
Tô/tava/tá/estou/está/estava/estão/estaria	87
Um/uma/uns/umas/num	85
Entregadores/entregador/vocês/cara/a gente/a galera/todo	74
Vai/vou/ia/ir/vão	53
Entrega/entregas/corrída/corridas/outra/entregar	45
Horário/horários/horas/hora	45
Porque	41
Então	41
Entendi/entendeu/entendendo/entender	40
Faz/faço/fazer/fiz/fazia/fazendo/fazem	40

Bem/bom/bão/boa	31
Já	30
Fala/falei/falou/falando/falar/falo/falasse/falam	30
Todos/todo/toda/tudo	25
Por que	25
Quando	24
Mais	24
O cara/os cara/ os caras/ele	24
Aqui/daqui	23
Seu/sua/suas	23
Uber/ela/nessa/eles/os cara/dele/ele	22
Acho/acha/achando	22
Pessoas/pessoa/dele/ele/alguém	21
Sistema da plataforma/ele/sistema/algoritimos/o trem/ele/eles	21
Quiser/quero/querer/queria/quer/querendo/querem	21
Vê/ver/veja/vendo	21
Isso	21
Termos/termo/condições e regas/contrato/lá/trem/isso	20
Alguma/algum/alguns	17
Dia/dias	17
Lá	17

Dá/dar/deu/dando/deram	17
Obrigado/obriga/obrigou/obrigação/obrigar	16
Mobilizações trabalhistas/greve/greve nacional/mobilização nacional/mobilizações/isso	16
Só	16
Acidente/essa questão/caiu/acidentes/bati/cair/caiu/isso	16

O gráfico apresentou-se assim:



Do emaranhado de significado e sentidos condensados no gráfico, chegamos ao presente enunciado:

*Eu não sou (o) trabalho. / Você tem aí (a) plataforma (que) estou: um entregador vai (e) entrega (por) horas, porque, então, entendeu (que) faz bem. Já falei todo (o) por quê! / Quando mais caras aqui, seu Uber acha. Pessoas (do) algoritmo querem ver isso. / (O) contrato algum dia lá deu obrigação. Greve e mobilização? Só acidente!*

#### 4.3. Discussão

Antes de passarmos para a discussão, vale destacar que não elegemos categorias *a priori*, nós realizamos a discussão por meio daquelas categorias que emergiram do processo de análise dos dados, tal como preconizou Lane (1989).

##### 4.3.1. Eu não sou (o) trabalho

O primeiro núcleo da Análise Gráfica do Discurso nos remete a categoria de personalidade, uma vez que condensa os significados e sentidos do trabalhador em relação a si mesmo em tempos de uberização. Este é sempre o principal núcleo de uma entrevista, visto que apresenta a compreensão do indivíduo sobre si e sobre o mundo frente a determinado contexto.

Sabemos que a personalidade é uma categoria que engloba a própria vida do indivíduo – seu contexto, sua atividade, seus significados e sentidos, suas emoções e as inúmeras relações sociais que estabelece na concreticidade. Por isso, não dispomos de instrumentos para analisar todo o conjunto da personalidade de Lulu, o que empreendemos é uma análise em relação a uberização.

Neste ponto, faz-se necessário retornar a questão da alienação, pois é ela a base objetiva da inversão social da personalidade e dos significados e sentidos em relação ao trabalho. A alienação, como destacamos no primeiro capítulo desta pesquisa, corresponde à condição material de inversão da relação do ser social com o trabalho; o trabalho deixa de ser fonte de efetivação e libertação e se torna fonte de desefetivação e dominação. Isso porque, a sociabilidade capitalista interpõe entre o ser social e a natureza um conjunto de mediações - propriedade privada, valor de troca e divisão do trabalho – que separam produção e consumo, fazendo com que o trabalhador seja impelido a submeter a sua força de trabalho à vontade daquele que detém os meios de produção em troca de um salário, para, assim, satisfazer suas

necessidades. Por consequência, a personalidade encontra-se condicionada pelo valor de troca, colocando-se ao nível de mercadoria, o que significa sua própria negação (Martins, 2004). É exatamente o processo de negação de si frente ao trabalho que Lulu indica neste primeiro núcleo.

Lulu é um trabalhador do setor de serviço de locomoção urbana e entrega. O produto do seu trabalho é uma mercadoria imaterial que é consumida no ato de sua produção: o transporte de pessoas e/ou encomendas. Ele se desloca de uma região da cidade a outra, não para satisfazer uma necessidade essencialmente sua, mas para obter em troca de sua atividade um salário. A mediação do valor de troca desloca o sentido do trabalho, criando um estranhamento do trabalhador frente ao produto do trabalho; ele não se reconhece no que produz, e produz, exclusivamente, pelo salário que receberá. Embora esse movimento seja comum no capitalismo, nesta forma de trabalho se intensifica justamente porque o indivíduo sequer tem a possibilidade de se apoiar no trabalho como um dos constituintes da sua personalidade. Isso é expresso no comportamento de Lulu quando rejeita corridas/entregas devido à baixa remuneração oferecida. Em suas palavras: “você escolhe as corridas que você vê a que dá... lucro... A que não dá [lucro] você deixa passar, entendeu?”. Mas o estranhamento de si frente ao produto do trabalho manifesta-se, principalmente, quando Lulu diz que se não fosse pelo dinheiro não trabalharia “nem mais um minuto”.

No ato da produção de mercadorias, Lulu produz uma taxa de mais-valia para a empresa-plataforma a que está subordinado. A mais-valia é extraída por meio de um percentual retido pela empresa-plataforma à remuneração do trabalhador – o percentual varia de plataforma para plataforma, mas é retido por todas. Entretanto, esse processo não é percebido imediatamente por Lulu, já que diz: “Agora eu tô tendo essa liberdade de trabalhar para mim, entendeu? Se eu fizer 100 [reais], 70 [reais], 80 [reais], é meu [esse dinheiro], pago minhas contas e pronto, entendeu?”.

Justamente por isso, Lulu diz que se sente totalmente livre para aceitar as corridas/entregas e escolher os horários que trabalha. E afirma sentir tal liberdade o tempo todo; afinal, é proprietário da maioria dos meios de trabalho utilizados para produzir a mercadoria (moto, celular, internet etc.), e pode interromper a jornada de trabalho a qualquer momento. Porém, para prestar o serviço é necessário subordinar-se aos termos, condições e regras da empresa-plataforma, que, por meio de um gerenciamento algoritmo, organiza o trabalho: o que irá fazer, se entrega de encomenda ou transporte de pessoa; quanto irá receber; o ponto de partida e de chegada; todo o trajeto que precisará percorrer; e até mesmo a forma como deve se comportar, se pode ou não conversar com o passageiro. Logo, a

liberdade é subordinada. A maior parte do controle do trabalho é exercido, ainda que de maneira velada, pela empresa-plataforma. Mesmo o autogerenciamento de si para aceitar ou rejeitar as corridas/entregas é subordinado. E mesmo afirmando a liberdade no trabalho, Lulu também reconhece isso:

[...] esses algoritmos aí, fica rastreando. [...] o trem é... tão, o sistema... é o sistema, né? [...] Esse sistema aí, ele, ele controla. Por que que ele controla? Se eu, por exemplo, rejeitar três corridas, aí eles já começa a me mandar menos corrida. Se eu aceitar mais corrida, aí eu não paro. Ele não deixa eu parar. Vai uma em cima da outra. É! Largando e pegando outra. Mas se eu rejeitar umas três...

O gerenciamento algoritmo faz com que o trabalho assuma as características de um jogo, cujas regras não estão claras e são extremamente flexíveis (Abílio, 2020a). Por mais que Lulu tenha consciência da correlação entre recusa e demanda, existem uma série de determinações que escapam a sua consciência, posto que os algoritmos são um terreno nebuloso; existem diversos mecanismos ainda não compreendidos. Há o caso emblemático das promoções e bônus oferecidos pelas empresas-plataformas. Os algoritmos aprenderam que na chuva a maioria dos motoristas/entregadores não vão para a rua trabalhar, por isso em situações assim a empresa-plataforma oferece bônus e promoção aos trabalhadores que se arriscam. Os bônus e promoções são pagos quando o trabalhador atinge a meta estipulada – um número X de corridas/entregas em determinado período de horas. Todavia, há relato de trabalhadores que ficam constantemente disponíveis para o trabalho e não conseguem alcançar a meta, pois a última corrida/entrega não chega (Abílio, 2020b).

Além disso, o gerenciamento algoritmo também age intensificando o ritmo do trabalho, tanto que Lulu afirma: “[quando tem bônus e promoção] eu boto fechado pra fazer... aí aquelas corridas que era ruim, eu faço tudo, que é mais rápido, né?”. Isto reforça mais uma vez o controle da empresa-plataforma sobre o processo de trabalho, pois mesmo que não obrigue diretamente o trabalhador a aceitar as corridas e acentuar o ritmo de trabalho, ela desenvolve mecanismos indiretos para fazer o trabalhador se comportar desta maneira.

Todo esse processo é expressão da alienação do indivíduo frente ao processo de trabalho. Há um resultado ainda mais grave decorrente disso: a negação dos direitos trabalhistas historicamente conquistados pela classe trabalhadora.

Conforme demonstramos no segundo capítulo da dissertação, a uberização tem no centro de seu movimento o processo de informalização e desregulamentação jurídica do trabalho; os trabalhadores passam a ser responsabilizados por tudo que acontece durante a jornada. Lulu tem consciência de que se ocorrer algum acidente durante o trabalho a

empresa-plataforma oferece suporte imediato apenas ao cliente; ele, para obter auxílio, precisa realizar uma série de procedimentos burocráticos, como apresentação de um relatório com laudo médico, receita, atestado, comprovação de que estava realizando corrida/entrega no momento do acidente etc. Na ausência de qualquer documentação lhe é negado qualquer suporte, e é ele quem arca com a manutenção da sua vida durante o período de recuperação. E, mesmo a apresentação de todos os documentos não garante o auxílio, há uma avaliação rigorosa por parte da empresa-plataforma. E, aqui, precisamos lembrar que uma das características centrais da uberização é a consolidação do trabalhador jus-in-time, logo, não trabalhar por estar em processo de recuperação implica em não receber. Portanto, é evidente que a condição de desproteção social cria uma barreira à humanização do trabalhador.

No entanto, quando questionamos Lulu sobre o que ele pensava da regulamentação do trabalho, ele disse que não concordar com tal proposta, pois em sua perspectiva o reconhecimento do vínculo trabalhista iria retirar a autonomia do trabalho. Em suas palavras:

Você ganha X por mês, você tem que rodar, ué. Tá vendo como que é complexo isso aí [de reconhecer o vínculo trabalhista]? Porque aí vai te exigir você a rodar, se ele te mandar você sair daqui e ir [em] Aparecida [de Goiânia] pegar um passageiro, você vai ué, tem que ir, você não tem liberdade [para dizer]: “Não, não vou”. Se você cancelar [a corrida ou entrega], com certeza, vai mandar [mensagem] no aplicativo: “Porque você recusou, se você ganha por mês?”.

Assim, ainda que se afirme socialmente que o trabalhador tem liberdade e autonomia durante a jornada de trabalho, a alienação do trabalhador está preservada na uberização. E como disse Marx (2013), a autoalienação do trabalhador frente ao produto e ao processo do trabalho implicam em mais alienação: alienação do trabalhador em relação ao gênero humano e a si mesmo.

A alienação de Lulu frente ao gênero humano é expressa em uma série de determinações que negam a possibilidade do reconhecimento de si como pertencente ao conjunto da humanidade. Como, por exemplo, a solidão que o ritmo do trabalho impõe: “a gente [entregadores] quase não [se vê] ... É muito rápido, entendeu? É muito rápido! E você não para muito né? E quando para é solitário também”. A pesquisa de Antunes (2020a) mostra que o isolamento do trabalhador contemporâneo é uma estratégia operada por empresas globais para desmobilizar qualquer tipo de organização ou atuação conjunta da classe trabalhadora frente às condições precárias de trabalho.

Mas, a solidão não é pétrea. Existem laços de solidariedade no trabalho. Estes ficam explícitos quando Lulu fala sobre a relação entre os trabalhadores em caso de acidente: “Não,

aí [quando tem] acidente, aí a galera [ajuda], quando vê que é [entregador] do aplicativo vai para cima, pra dar ajuda, dar [algum] socorro [...] Eu já fiz isso”.

É preciso recordar também da violência e discriminação que se fazem presente no cotidiano dos trabalhadores uberizados de empresas-plataformas. Encontramos cotidianamente notícias de agressão, física e verbal, direcionada a esse grupo de trabalhadores, principalmente quando são indivíduos negros. Inclusive, na semana que escrevíamos essa discussão, um trabalhador foi ferido com arma de fogo por um Policial Militar no Rio de Janeiro, simplesmente por se recusar a subir até o apartamento para entregar o pedido (Augusto et al., 2024). Não é um caso isolado; é a ilustração concreta da violência, da discriminação e do racismo que impera no dia a dia dos trabalhadores. A pesquisa de Festi (2023) com entregadores de delivery do Distrito Federal também corrobora isso, uma vez que indica que 85% dos trabalhadores entrevistados se sentiram discriminados ou foram ofendidos durante as corridas e/ou entregas.

Estas determinações objetivas da alienação resultam na alienação subjetiva do trabalhador: a negação da sua personalidade frente ao trabalho. Aqui, é importante inserir a variável da ideologia, uma vez que na contemporaneidade, o capital tem empreendido novas estratégias de reificação a partir de representações ontológicas que negam o reconhecimento do trabalhador. As classes dominantes procuram identificar a subjetividade do trabalhador com a subjetividade do capital – isto é, a criação do *homo economicus* (Dardot & Laval, 2016). Tal empreendimento é realizado por meio de (pseudo)conceitos apologéticos que reconhecem o trabalhador como “colaborador” “parceiro”, “empreendedor” ou “autônomo”. Isso porque, os significados materializados nesses conceitos ocultam, no nível social e individual, as relações de assalariamento, precarização, informalização e exploração, e, ao mesmo tempo, transferem os riscos do trabalho para o indivíduo. Como consequência, os donos de capitais maximizam o engajamento do trabalhador na atividade laborativa e os seus lucros, já que são dispensados de garantir os meios de trabalho e os direitos trabalhistas (Antunes, 2020a).

Neste momento precisamos lembrar que o que está em jogo não é apenas uma palavra, mas é o conjunto de explicações e concepções que ela carrega. É o significado cristalizado na palavra que permite ao indivíduo generalizar para si a realidade; é o significado que, ao ser interiorizado, cria no psiquismo uma organização semântica que irá determinar as formas de sentir, pensar e agir do indivíduo sobre a realidade. Então, “chamar as coisas de uma forma ou de outra não é, portanto, indiferente [...] porque é consciente de que um erro nas palavras

implica um erro na compreensão” (Vigotski, 2004, p. 305) e, complementando, uma forma distinta de atuar na realidade.

Trabalhador e autônomo não são sinônimos; cada um desses significados carrega determinadas generalizações da uberização e implicam em formas particulares do trabalhador se perceber nesse contexto. Vejamos algumas das explicações e concepções condensadas nessas palavras.

Trabalhador é aquele que trabalha; aquele que está subordinado a um empregador, em razão de contrato de trabalho, com vínculo empregatício (Dicionário Michaelis, On-line). É retratado na poesia *O operário em construção*, de Vinicius de Moraes (1959), como aquele que produz tudo o que existe. É o produtor de mais-valia, do qual fala Marx (2013) em *O capital*. É lembrado no *Manifesto Comunista* (Marx e Engels, 2005) como o sujeito revolucionário que deve se unir ao redor do mundo para transformar as condições de opressão a que está submetido. E, possui um longo histórico de lutas e greves por melhores condições de trabalho desde a consolidação do capitalismo industrial.

Autônomo, por sua vez, é aquele que tem autonomia; que não está sujeito a potência ou influência estranha; que se governa por leis próprias; que goza de liberdade administrativa e política; que exerce o direito de se autogovernar por meio de suas próprias leis e costumes; que age independentemente da vontade ou devido a causas ou influências internas; aquele que exerce atividade remunerada, em caráter não permanente, sem vínculo empregatício (Dicionário Michaelis, On-line). É cotidianamente retratado nos meios de comunicação como sujeito livre e responsável por seu próprio negócio.

É nítido que os significados materializados nessas duas palavras para representar a uberização são conflitantes - um reconhece o vínculo trabalhista, o outro o nega; um explicita a subordinação administrativa, o outro afirma a liberdade e autonomia como normativas do trabalho. O embate entre esses significados sintetiza o conflito ideológico de classe nos tempos de uberização, posto que afirmar a autonomia e liberdade do trabalhador tem sido o principal mecanismo das empresas-plataformas para driblar as legislações trabalhistas (Filgueiras & Cavalcante, 2020). Enquanto, por outro lado, a explicitação das formas de assalariamento, controle e subordinação tem conquistado avanços no debate da regulamentação do trabalho uberizado (Filgueiras & Antunes, 2020).

No psiquismo de Lulu, o que prevalece é o reconhecimento de si como autônomo; em diversos momentos da entrevista utilizamos o significado “trabalhador” para se referir a ele e a todo o grupo que representa, mas ele não emitiu nenhuma vez tal significado. Ao contrário, nos lembrou constantemente que é autônomo, ninguém o obriga a trabalhar, ele trabalha para

si mesmo, faz seu horário e pronto. É disso que resulta o reconhecimento de si como não trabalho.

Este processo está intrinsecamente relacionado à organização social capitalista que faz com que a maior parte dos indivíduos da classe trabalhadora só tenham acesso aos significados ideológicos dominantes, pois é a classe dominante de cada época que dispõe dos meios, materiais e espirituais, para generalizar sua visão de mundo (Marx & Engels, 2007). Como a estrutura de exploração capitalista necessita que os indivíduos mantenham suas representações psicológicas apenas na realidade aparente, ao invés de conceitos, as classes dominantes disponibilizam apenas pseudoconceitos: “significados que não são passíveis de abarcar a complexidade do fenômeno e que referem apenas à própria experiência, a algo mais imediato” (Santos, 2015, p. 177).

Ao empregarmos o método de determinação do conceito (Luria, 2001), do qual falamos no capítulo anterior, podemos perceber que a uberização é representada por Lulu por meio do significado autônomo: “você não é obrigado trabalhar”, “trabalha quando quer”, “faz seu horário”. Porém, como vimos, o trabalhador autônomo não é governado por nenhuma força estranha, ele se autogoverna independente de influências externas e dispõe da capacidade jurídica de negociar o preço do seu trabalho. Dessa forma, o conceito que orienta a atividade do trabalhador uberizado não se sustenta na prática, afinal ele está totalmente subordinado a empresa-plataforma, não possui nem mesmo condições objetivas para compreender como é feito o cálculo da sua remuneração - todo esse processo é domínio da empresa-plataforma (Abílio & Santiago, 2024). Ou seja, a sua representação é construída a partir de pseudoconceitos fetichizados que dificultam o desenvolvimento da consciência da exploração e precarização que vivencia.

Sabemos que o significado autônomo carrega valores e interesses de classe que não a de Lulu, criando motivações que não são oriundas da sua vivência, mas de construções culturais que buscam intensificar a exploração e precarização do trabalho, o que, por sua vez, implica numa ação que não responde a suas necessidades internas. Tais estruturas, “[...] manifestam-se sob a forma de vontade e concretizam-se em ações que não apenas não potencializam como são passíveis de irem contra o próprio sujeito” (Santos, 2015, p. 179). Mas justamente por este significado ideológico não abarcar a intensidade e complexidade das relações que Lulu estabelece na uberização, surge uma lacuna entre o conceito dominante e a atividade cotidiana. Por isso ele denuncia durante a entrevista o controle algoritmo da empresa-plataforma sob a recusa das corridas/entregas; a baixa remuneração por alguns deslocamentos; a impossibilidade de negociar o contrato de trabalho; a ausência de direitos e

suporte em caso de acidente; e a impossibilidade de fazer durar cooperativas de trabalhadores devido ao monopólio das empresas-plataforma.

A partir disso, podemos afirmar que embora seja o significado ideológico dominante (uberização como autonomia) que oriente a visão de mundo de Lulu, os sentidos atribuídos à uberização são mais ramificados e, inclusive, contradizem o próprio significado de autonomia em alguns momentos. E, justamente pelo sentido indicar a lacuna entre o significado e a atividade, existe a possibilidade de transformação da visão de mundo. Retornaremos nessa discussão ao fim da análise. Neste momento já podemos avançar para o próximo núcleo.

4.3.2. Você tem aí [a] plataforma [que] estou: vai um entregador [e] entrega [por] horas, porque, então, entendeu [que] faz bem. Já falei todo [o] por quê!

O segundo núcleo da Análise Gráfica do Discurso coloca foco nas categorias de atividade e emoção, posto que indica o modo como os significados e sentidos que Lulu atribui a si mesmo no contexto da uberização se ligam aos processos de sentir e agir. Conforme destacamos no capítulo anterior, as emoções constituem-se como as representações conceituais sobre os afetos; elas são responsáveis por colocar o indivíduo em atividade, seja para transformar a realidade, seja para reproduzir as condições dominantes. Portanto, o afeto é a base sobre a qual se desenvolve o pensamento e a atividade do indivíduo.

Como ficou demonstrado no núcleo anterior, Lulu trabalha exclusivamente pelo salário, caso não precisasse do dinheiro não trabalharia nem mais um minuto. Esta representação do trabalho é ainda mais evidente quando questionamos se existe algum sentimento ou emoção que predomina no trabalho uberizado, e ele responde: “a emoção é ganhar dinheiro!”. De início precisamos lembrar que embora essa seja a representação de Lulu, muito provavelmente ela atinge a maioria absoluta dos trabalhadores, pois a alienação e a ideologia dominante generaliza no pôr teleológico da classe trabalhadora o trabalho como mediação do dinheiro.

Entretanto, a Análise Gráfica do Discurso nos revelou que Lulu também trabalha para a empresa-plataforma porque representa a uberização como algo que lhe faz bem. A representação deste afeto é expressa em diferentes momentos da entrevista, mas podemos ilustrá-la por meio do seguinte diálogo:

*Pesquisador:* O que que o senhor considera de positivo e o que que o senhor considera de negativo no trabalho [de plataforma] que o senhor faz?

*Lulu:* Não, negativo... é mínimo, é mínimo o negativo, né? Porque você tem escolha, você não é obrigado a fazer aquilo que não dá [para fazer]. Entendeu? Então, você tem escolha, você faz seu [próprio] horário, você escolhe as corridas que você vê a que dá... lucro... A que não dá [lucro] você deixa passar, entendeu? Então, eh, [em] questão de perdas é muito mínimo, eu acho, na minha parte [é].

Aqui, pode-se perceber que são os significados e sentidos de autonomia que ele atribui ao trabalho que o fazem se sentir bem e mobiliza sua atividade: fazer entrega por horas. Tal interpretação é confirmada no próprio enunciado quando indica: “já falei todo o por quê!” – a justificativa para o afeto nos remete ao que foi dito no núcleo anterior, isto é, a representação de si e do que faz como não trabalho.

Em nossa perspectiva esse sentimento de Lulu pode ser melhor compreendido quando consideramos a estrutura do mercado de trabalho formal no Brasil; a baixa remuneração, o assédio na relação patrão-empregado, a superexploração do trabalho; a informalidade e as condições precárias fortalecem socialmente a negação do trabalho como algo positivo.

Mas precisamos nos ater às contradições entre emoção e atividade. Veja, Lulu nos disse que trabalha em média 10 horas por dia – começa a trabalhar pela manhã, faz uma pausa para almoçar em casa e descansar por algumas horas e depois retorna ao trabalho. Quando perguntamos qual a estratégia utilizada para definir as horas da jornada de trabalho, ele nos respondeu que se organiza de acordo com a necessidade de pagar as contas: “Se o boleto chegar daqui três dias, aí [eu vou] trabalhar forte, aí [se] demora 10 dias para chegar o outro [boleto] aí é... [dá para trabalhar] mais folgado.” Então, se precisar de dinheiro mais rapidamente, Lulu prolonga sua jornada de trabalho até 12 horas diárias – o máximo de horas permitido pela empresa-plataforma que trabalha. E ainda afirma: “[...] se você trabalhar às 12 horas, você vai manter suas despesas”.

No entanto Lulu, destaca que alguns entregadores trabalham muito mais que 12 horas:

[...] tem uns [cara] que trabalha mais, né? Que desliga um aplicativo, [e começa a] trabalha no outro. Aí quando tá vencendo [as horas] na outra [plataforma], ele liga o outro [aplicativo], aí desliga o outro [aplicativo], entendeu? Aí roda aí 16 [horas], 17 horas; roda 8 [horas] nessa: na Uber; roda 8 [horas] na 99, entendeu? Aí [tem] esse aí.

Por mais que trabalhe muitas horas para as empresas-plataformas, o sentimento de liberdade e autonomia para interromper a jornada de trabalho quando quiser faz com que os trabalhadores se sintam bem no trabalho. Afinal, é exatamente isso que leva milhares de trabalhadores a essa modalidade de trabalho, como é o caso de Lulu:

*Pesquisador:* O que que levou o senhor para [trabalhar] [n]o aplicativo?

*Lulu:* Ah, pra [eu] trabalhar [como] autônomo né? Trabalhar empregado é muita encheção de saco também, né? E [trabalho] autônomo você tem seu horário; a hora que você quiser trabalhar, você trabalha.

No entanto, é necessário lembrar que Lulu trabalha em média 10 horas por dia porque é essa jornada de trabalho que lhe oferece a possibilidade de pagar as contas. Logo, não há possibilidade de se trabalhar menos, ainda que ele queira, pois o mesmo afirma que ao fim do mês a renda precisa ser superior às contas, caso não seja é preciso trabalhar mais intensamente.

Anteriormente tentamos demonstrar que as empresas-plataformas oferecem pseudoconceitos que não apreendem toda a complexidade da uberização, pois coloca foco apenas nas determinações aparentes: a autonomia do trabalhador. Por sua vez, é essa representação que se liga ao aspecto emocional, e orienta Lulu a agir entregando muito mais horas da sua vida para maximizar o lucro das empresas-plataformas capitalistas. O conceito ideológico dominante ao integrar-se com a emoção impede Lulu de compreender e atuar sobre as determinações prejudiciais da uberização. Contudo, não podemos de modo algum dizer que a ideologia dominante produz uma falsa emoção, pois, como indicou Vigotski (2014), a emoção é sempre real, mesmo que se manifeste de maneira oposta à própria realidade.

O que podemos perceber é que a representação do trabalhador sobre o afeto está presa às imagens fetichizadas da uberização, constituindo-se como uma ideia inadequada do afeto, o que diminui a sua potência de agir para transformar a própria realidade, fazendo-o reproduzir as relações sociais de exploração e precarização. A despontencialização que resulta desse movimento é explícita quando Lulu fala sobre os planos para o futuro do trabalho:

Aposentar, eu sei que nós não vai mais, isso aí é o futuro que, você tem que trabalhar para você ter alguma coisa, para você garantir o remédio, porque não vai ter [mais] aposentadoria. Essa geração mais nova igual a vocês não vai ter [aposentadoria] não, eu que estou mais velho um pouquinho já não vai ter mais [aposentadoria], então eu não tenho essa expectativa [de aposentar], então, eu quero trabalhar para mim conquistar alguma coisa para mim comprar, um remédio no futuro... Só isso que eu penso [em relação ao futuro no trabalho]

A aceitação das condições objetivas, assim como a impossibilidade de se apoiar nos conteúdos culturais para transformar a realidade que é prejudicial ao indivíduo, é uma das marcas do inconsciente – muitas vezes agimos contra nós mesmos acreditando que agimos em favor de nós (Santos & Sawaia, 2022). Este parece ser o caso de Lulu, pois mesmo

reconhecendo que as prospecções para o futuro no trabalho não são favoráveis, ele acaba resignado: aceita a realidade ao invés de empreender esforços para transformá-las. Isso porque em seu horizonte imaginativo a mudança não parece possível. É mais fácil imaginar que se irá morrer trabalhando do que lutar por aposentadoria e melhores condições de trabalho. O que confirma a tese de Espinosa sobre a ideia inadequada limitar a nossa imaginação e atuação no mundo, colocando-nos na posição de servos do destino.

4.2.3. Quando mais caras aqui, seu uber acha. Pessoas [do] algoritmo querem ver [isso].

Este núcleo traz para cena as determinações que estão no subtexto da atividade de Lulu: o monopólio das empresas-plataformas.

Dadas as condições atuais, tem-se falado da consolidação de uma nova etapa do modo de produção capitalista, o capitalismo de plataforma (Srnicek, 2016). Embora o conceito possa e deva ser problematizado, ele se mostra importante na medida em que realiza uma descrição do capitalismo contemporâneo, qual seja, a “referência a fase informacional-digital-financeira do capitalismo na qual o sistema depende cada vez mais do uso intensificado das plataformas digitais” (Antunes, 2023, p. 17-18). Ao mesmo tempo, chama a atenção para a expansão do poder das corporações do ramo da tecnologia que se encontram hoje entre as empresas mais valorizadas do mundo, desbancando aquelas que ocupavam o topo do capital no período anterior à explosão informacional-digital (Antunes, 2023).

Essas corporações aparecem na economia capitalista oferecendo ganhos maiores para os trabalhadores e reduzindo os custos para os consumidores, de modo a levar à falência empresas que anteriormente dominavam o setor de serviço de entrega e locomoção urbana. Mas o grande triunfo desse modelo de negócio assenta-se sob o desemprego estrutural, a informalização e o gerenciamento técnico da multidão de trabalhadores (Abílio & Santiago, 2024). E, mais ainda, sob o fetichismo capitalista.

O fetiche corresponde à forma particular da alienação que inverte as relações sociais, fazendo predominar aparência como essência. No contexto da uberização, isso expressa-se do seguinte modo: se na essência são os trabalhadores assalariados que garantem a taxa de lucro das empresas-plataformas; na aparência são as empresas-plataformas que oferecem aos trabalhadores autônomos a possibilidade de possuir alguma renda. Este fetichismo da uberização é interiorizado e passa a organizar as formas de sentir, pensar e agir dos

trabalhadores, contribuindo, como vimos anteriormente, para que os trabalhadores se sintam dono do próprio negócio e aceitem trabalhar 10 horas ou 12 horas por dia.

No entanto, a vivência cotidiana da uberização desmonta algumas dessas representações fetichizadas, posto que, ao mesmo tempo que as empresas-plataformas afirmam o trabalhador como autônomo, estas o impedem de negociar os preços, recusar as corridas, e, ainda, determinam a forma como devem se comportar durante o trabalho. É justamente na lacuna entre teoria e prática que está a possibilidade de conscientização e organização coletiva para transformar a realidade.

Nesta direção, muitos trabalhadores têm se organizado para resistir à uberização por meio da criação de cooperativas próprias, isto é, plataformas que não tem o objetivo de extrair capital da força de trabalho. Entretanto, essas cooperativas encontram diversos obstáculos devido ao monopólio das empresas-plataformas globais. Lulu fala um pouco sobre essas dificuldades:

[...] quantas [plataformas], quantos aplicativos criou para destruir o Uber e o 99? Mas não deram conta irmão, sabe por quê? Porque os caras se implantou no sistema. Não adianta [criar cooperativa], aqui em Goiânia, quantos [aplicativo] já não criou, moço, eu já participei de vários [aplicativos], era mob, não sei que, blá blá blá e não deu certo, por quê? Porque as pessoas [não usam], não tá na mente das pessoas mais. Vocês estão entendendo? Pode criar 10 cooperativas, que o povo [não vai usar]. Aí a Uber lança sabe o que, uma placona aqui, ó, plau: “agora a partir de hoje você liga e você vai ganhar uma semana de graça na sua entrega.” Já desbancou tudo, né? [Isso] Ai tá no cérebro: Uber! Vou chamar [na] Uber, num procura a outra [plataforma]. Ah [tem o] aplicativo de Goiânia, não procura! Por quê? Porque tá no sangue, entendeu?

No relato acima, fica explícito a consciência de Lulu a respeito da monopolização das empresas-plataformas e de como esta condição cria impedimentos no funcionamento da cooperativa dos trabalhadores. Ainda, indica que as corporações globais se implantam nas relações sociais de tal forma que ninguém procura plataformas alternativas. Nem mesmo os trabalhadores. Ou seja, a monopolização faz com que cada vez mais trabalhadores aceitem as condições da uberização e façam o cadastro para trabalhar para essas corporações globais. Afinal, quanto mais trabalhadores disponíveis, maior a taxa de lucro, pois se reduz o tempo de espera do cliente e cria-se a possibilidade de rebaixar ainda mais o valor pago aos trabalhadores por cada atividade. E como aponta o pensamento de Lulu: é isso que as pessoas do algoritmo querem ver.

Na parte final do enunciado podemos notar uma personalização da máquina, uma vez que Lulu representa o algoritmo atrelado a uma pessoa – um ser dotado de humanidade. Acreditamos que isso é resultado do fetiche capitalista que dota as coisas do capital de

humanidade e desumaniza as pessoas. Tal processo limita a compreensão do indivíduo sobre a realidade, uma vez que mantém sua consciência presa aos aspectos imediatos.

Contudo, Lulu tem consciência que o trabalho que realiza tem enriquecido cada vez mais empresas-plataformas, como a Uber. E é isso que dá o poder a empresa-plataforma para desmobilizar quaisquer cooperativas de trabalhadores:

[...] é igual a Uber irmão, eles têm dinheiro mano, eles estão trilionários, os cara. Então se eles pegar 10% da riqueza dele investir durante um ano dando [corrida e entrega] de graça para [todo mundo], os cara, ele, destrói todo mundo fi. Cê tá entendendo? Só com 10% do patrimônio que eles têm, então não adianta arrumar outra plataforma. Olha [como é] dinheiro para todo lado. Então você entendeu como é que é o negócio?

Ainda que reconheça essa determinação essencial do trabalho uberizado, o pensamento não se converte em ação para transformar essa realidade. Acreditamos que isso é resultado do significado ideológico dominante que focaliza apenas as determinações positivas da uberização. O que é de certa forma confirmado no núcleo seguinte.

#### 4.3.4. [O] contrato algum dia lá deu obrigação. Greve e mobilização? Só acidente!

Neste último núcleo apresenta-se os sentidos de Lulu sobre o contrato de trabalho e as mobilizações e greves dos trabalhadores que tem ocorrido na contemporaneidade.

Conforme dito anteriormente, na uberização o contrato de trabalho configura-se como termos de adesão das condições e regras da plataforma (Abílio, 2020a). No contrato de adesão, um dos principais aspectos destacados pela Uber é: “nós somos fornecedores de serviços de tecnologia, não uma empresa de transporte, nem operamos como agentes para o transporte de passageiros” (Uber, sem data de publicação). Além disso, reforça que: “nós não somos responsáveis pelas ações ou omissões de um usuário contra você ou seu veículo, e você é exclusivamente responsável por quaisquer obrigações ou responsabilidades em relação aos usuários ou terceiros decorrentes das viagens” (Uber, sem data de publicação).

Ao todo, o contrato de adesão ao trabalho tem 10 páginas. Nestas a empresa-plataforma afirma constantemente que o trabalhador é autônomo, responsável por seu horário, seus ganhos e por quaisquer problemas que possam surgir durante o trabalho – acidente, roubo ou denúncia por parte do cliente. Ainda, informa que o trabalhador pode ser suspenso ou desligado da plataforma sem qualquer aviso prévio ou justificativa.

Durante a entrevista questionamos se Lulu havia lido os termos, condições e regras do trabalho, ele nos respondeu: “Não lê, não uai, [por]que é tanta coisa que [as plataformas]

botam lá...”. E justifica esse comportamento apontando que: as letras são muito pequenas; o documento apresenta informações ora em português, ora em inglês; é constantemente atualizado; e no fim das contas não há opção, se quiser trabalhar tem que aceitar os termos. Ao falar sobre a atualização dos termos do contrato, Lulu diz:

*Lulu:* [...] o sistema [da plataforma] é tão, tão... Esquisito!, que ele te leva [a aceitar]... Por exemplo: eu tô rodando aqui, por exemplo, [na] semana passada, ele mandou: para você continuar rodando você tem que aceitar esse termo aqui. [...] Então, eles [da plataforma] obriga você a assinar um trem [de termos condições e regras]; as primeiras páginas que eu li [dos termos condições e regras] ela tava falando assim: que ela não era responsável pelo sistema e tal, pelo passageiro e tal, ela só prestava o serviço e tal. Então, assim... então ela tá isenta [de todo problema]... E ela obrigou você assinar [e concordar com] isso; pra continuar trabalhando, para continuar trabalhando... Sim!

*Pesquisador:* Então, não é claro [os termos condições e regras da plataforma]?

*Lulu:* Não uai! Não é claro essa, essa... essa hora aí, entendeu? Porque ela joga na hora que você tá [rodando] no tumulto.

Neste trecho da entrevista fica nítido que Lulu reconhece estratégias da empresa-plataforma para lhe fazer aceitar as condições do trabalho uberizada. Mas quando questionamos o que pensava sobre essas estratégias, ele nos lembrou que não tem o que fazer, ele aceitou os termos, então, qualquer problema durante a jornada de trabalho é de sua responsabilidade.

Portanto, os termos, condições e regras do contrato reforçam a ideologia de que os trabalhadores são responsáveis por si mesmo e a empresa-plataforma é apenas uma prestadora de serviço tecnológico. E como podemos ver, não há via para negociação dos termos, ou o trabalhador aceita, ou é impedido de prestar o serviço.

Embora Lulu afirme não ter lido o contrato, a ideia de que é responsável por tudo que acontece durante o trabalho está bastante clara para ele. Tanto que desenvolveu estratégias pessoais prevenir qualquer tipo de acidente:

[...] eu escolhi o quê? Que eu não tenho atraso, o cara monta ali, eu falo assim: “você tá atrasado?”, [ele fala] “tem jeito de correr?”, [eu falo] “não tem não mano”; essa moto aqui eu vou te levar, não é para você correr. Aí às vezes alguns fica com raiva, eu digo: “ó se você tá achando que tá ruim para andar devagarzinho, para te levar com segurança, você chama outro, cancela aí e chama outro [motorista] que corra; porque se acontecer um acidente, você vai falar assim: “o motoqueiro tava doido correndo comigo, passou no sinal [vermelho]”. Mas se chegar bem você não vai falar [isso], não é?” Então, eu vejo o meu lado. Eu já falei foi muito aí ó, digo ó: [eu] não tô sabendo do seu lado não, [eu] quero saber da minha vida. Eu quero é voltar para casa com andando, sem nenhum arranhão. Agora se você não tem amor na sua vida, procura outro [motorista]. Eu já falei isso aí várias vezes. Então, eu, eu, eu preservo

muito a minha vida, porque isso aqui, meu amigo, eu já bati de moto... E igual, que se você cair nela, desse jeito aí, parado, ela cair [em cima de você], você machuca a perna, [você] machuca o joelho, [você] queima. Não, de todo jeito a moto é perigo.

O modelo de contrato de trabalho também parece ter impacto na forma como Lulu percebe as greves e mobilizações dos trabalhadores, uma vez que diz: “o aplicativo não te dá obrigação de você fazer greve, você trabalha se você quiser. [...] o aplicativo não obriga você a trabalhar, como é que eu vou fazer greve se eu não tenho vínculo nenhum [de trabalho], entendeu?”. Porém, não é simplesmente o contrato que lhe faz rejeitar as organizações de trabalhadores, este apenas reforça a representação que faz de si mesmo no interior da uberização. Pois, como vimos ao longo da discussão, o que prevalece em seu psiquismo são as representações ideológicas de autonomia. É esta visão de mundo o leva a ter uma postura negativa frente as mobilizações e greves.

Segundo Lulu:

Ó, eu nunca participei de nenhuma [greve] desse lado, sabe por quê? Porque eu não sou obrigado [a fazer greve]. [...] você é autônomo, você é livre, você escolhe, se você... tá ruim para você [trabalhar assim], por que que você [não] vai caçar [outro trabalho]... vai trabalhar em outro serviço uai. Eu! Eu, meu ponto de vista é esse! Eu vejo esses cara aí fazendo greve, fechando rua, fico: “pra que meu amigo”. Ninguém obrigou ele [a trabalhar] não, ele não tem [que trabalhar], não tá [ninguém] lá dizendo que ele é obrigado a trabalhar por aquele preço. Não ué! Se não [tá] bem de preço, eu não vou uai. O aplicativo não vai te obrigar a você ir [trabalhar], Aí eu vou fazer greve pelo aplicativo que não me dá... (inaudível). Eu nunca fui [em greve] e nem vou [em greve]. Até aquela greve quando começou o Uber e o táxi, eu nunca fui para Brasília, nunca nem [vou]... “Porque tem que acabar o Uber”, moço, todo mundo tem que viver, se o cara... (interrompe a fala). Se não tá bom para você, sai do [do trabalho de] táxi e vai [trabalhar] pro Uber, mas vai viver uai... ficar guerreando, entendeu? Então, isso eu não, eu nunca gostei [de greve], nunca fui [em greve]... Não concordo com isso aí não.

Nesse discurso, pode-se perceber que ele não apenas aceita as condições postas, mas acredita que todos devem aceitar ou procurar outro emprego ao invés de realizar greve, ou qualquer outro tipo de mobilização. O que nos mostra que a ideologia do trabalho autônomo é metabolizada de tal forma que, mesmo reconhecendo que algumas determinações são prejudiciais para ele e para a totalidade dos trabalhadores, Lulu não consegue perceber a potência das organizações dos trabalhadores que reivindicam direitos e melhores condições de trabalho - afinal, ele não é o trabalho, nem trabalhador, é autônomo. Isso apenas confirma o que dissemos anteriormente, não é apenas uma palavra que está em disputa nessa etapa do conflito capital-trabalho, mas é todo o conjunto de generalizações, concepções e explicações que ela carrega.

No entanto, os sentidos construídos por Lulu sobre a uberização são muito mais ramificados, alguns até mesmo contradizem o significado autônomo de forma explícita, por exemplo, quando recorda da época em que trabalhava para o Ifood:

O iFood também tem esse sistema [de te obrigar], se você rejeita a corrida eles te joga pro rabo da fila, você tem que ter uma pontuação de um a três, quando você chega num nível três eles não te deixa parado, mas se você rejeitar duas corridas, eles te joga lá pro dois, aí já começa a botar a corrida daqui meia hora. Então, quer dizer que eles te leva a ser escravo do sistema. Aí os cara fica doido aí, vai passando por cima de calçada e tudo para atingir o nível 3 [da pontuação do Ifood], porque aí quando eles atinge o nível 3 [da pontuação do ifood] aí não para de [chegar] corrida. Eh, ele tá lá em Aparecida e os cara tão jogando corrida para vir para cá [setor sul de Goiânia], entendeu? Então, é isso! Então, o que que é isso aí é uma forma de escravidão, eu imagino, por quê? Porque seria... tinha que ser igual para todo mundo, você tem 10 [trabalhadores] aqui saía um [entregador], sai outro [entregador] e [sai] todo mundo né? Era [para ser] tipo uma ordem, uma fila virtual, o sistema [da plataforma] pode fazer isso, mas não, se você trabalhar mais que eu você roda mais [que eu]. Você é mais escravo, entendeu? Então, é o sistema [da plataforma].

Neste momento, ainda que direcionando o pensamento ao Ifood, Lulu explicita sua crítica à uberização. Inclusive, comparando o trabalho como uma forma de escravidão. Não sabemos exatamente por que em uma empresa-plataforma a uberização adquire sentido de autonomia e na outra sentido de servidão, já que essas corporações utilizam o mesmo mecanismo de ranqueamento e distribuição do trabalho. Mas nos interessa aqui apenas apontar que no psiquismo de Lulu existem sentidos muito mais amplos que o significado autônomo, pois são nesses sentidos que está a possibilidade de redirecionar o drama do seu psiquismo.

#### 4.3.5. Drama do psiquismo em tempos de uberização

Ao longo da discussão é possível perceber uma série de contradições e conflitos que permeiam o psiquismo do trabalhador uberizado. A primeira, e mais evidente, é em relação a sua personalidade. Ao mesmo tempo que diz “eu não sou o trabalho”, Lulu afirma entregar horas da sua vida para essa atividade social - em média 10 horas diárias que podem ser prolongadas a depender da sua necessidade de pagar as contas. Ora, a personalidade está diretamente relacionada à atividade do indivíduo - nós não somos aquilo que imaginamos, somos o que fazemos. O trabalhador passa metade do seu dia fazendo corridas e entregas, mas diz que não é o trabalho. Para nós fica a pergunta: o que ele é então?

Ao longo da entrevista não há indicação de nenhuma outra atividade ou papel social que assume centralidade em sua vida tal como o trabalho. Neste sentido, compreendemos que o conflito entre como o trabalhador se reconhece e o que ele é de fato está permeado pela ideologia dominante do trabalho. É a ideologia que faz o indivíduo representar a si mesmo como não trabalho e o impede de reconhecer o trabalho como uma das determinações fundamentais da sua vida. O que, conseqüentemente, o despotencializa a organizar-se politicamente para agir contra as determinações que lhe são prejudiciais.

Um outro conflito presente no psiquismo é em relação às emoções. Lulu diz que a emoção que permeia o seu trabalho é ganhar dinheiro, se não fosse pelo dinheiro não trabalharia nem mais um minuto. Porém, em outros momentos a emoção em relação ao trabalho aparece como um sentimento de bem-estar no trabalho - ele faz o que faz porque se sente bem. Há, portanto, uma contradição emocional em relação ao trabalho. O trabalho é sentido como algo dispensável, que é feito exclusivamente pelo dinheiro, mas é representado, na forma de significado, como algo que faz bem. Esta é também uma expressão da ideologia dominante, pois ao divulgar socialmente que na uberização o trabalhador tem autonomia, liberdade, ou que é o próprio patrão, em um mundo que hiper valoriza o empreendedorismo, cria-se um sentimento de satisfação em relação a sua atividade.

Dessa contradição emerge uma outra mais complexa: o conflito entre os significados e os sentidos do trabalho. Lulu representa o trabalho uberizado a partir do significado autônomo. Entretanto, há muitos sentidos que contradizem este significado, o mais evidente é o reconhecimento da uberização como uma forma de escravidão. A contradição demonstra que existe, ainda que em forma de potencialidade, a possibilidade de modificação de sua visão de mundo sobre a uberização. Este é o grande drama de Lulu. Mas nem de longe apresenta uma resolução; ele é vivenciado no presente. Nesta direção, o encontro de Lulu com conceitos ideológicos que abarque a visão de mundo da sua classe pode redirecionar o drama, uma vez que outras concepções e explicações da uberização podem ser capazes de representar os sentidos que escapam ao significado dominante. No entanto, esse processo parece exigir a mediação das organizações políticas dos trabalhadores, pois são nesses movimentos sociais que circulam significados capazes de orientar a práxis rumo a transformação das condições de exploração e precarização do trabalho. Mas esta é apenas uma hipótese; é necessário confirmá-la por meio de outras pesquisas que investiguem a mediação das organizações dos trabalhadores uberizados na dinâmica do psiquismo.

## Considerações Finais

Em nossa pesquisa procuramos analisar como as ideologias da uberização organizam o psiquismo dos trabalhadores. Mas nem de longe esgotamos a discussão sobre essa temática. Ainda há muito a ser dito e pesquisado. Então, precisamos reforçar o caráter provisório dessa pesquisa; não é uma conclusão, é mais um passo em direção a um caminho que precisa ser construído pela Psicologia Social. Vamos retomar nosso percurso até aqui para elucidar as contribuições e indicar alguns caminhos futuros.

Em nosso primeiro capítulo, apresentamos o trabalho como uma totalidade em movimento, isto é, como uma categoria ontológica que é síntese de múltiplas determinações e construída na práxis social, a partir do agir dos homens. O que lhe confere um caráter provisório, posto que o seu movimento acontece na história. No entanto, isso não nos impediu de tratar da trama já conhecida por nós. Nesta direção, explicitamos a forma-mercadoria que o trabalho adquire no modo de produção capitalista, tal como as suas metamorfoses na reestruturação produtiva permanente. Ainda, relacionamos o trabalho às categorias de alienação, ideologia e fetiche, que como podemos compreender limitam o nível de consciência da classe trabalhadora a fim de impedir qualquer revolução social. Porém, vimos também que a classe trabalhadora constrói a sua própria ideologia para orientar a práxis dos trabalhadores e transformar as determinações de exploração do trabalho, adensando ainda mais o conflito capital-trabalho.

No segundo capítulo buscamos compreender o trabalho a partir de sua expressão uberizada. A uberização, repetimos, é uma forma de gestão, organização e controle do trabalho que já afeta a vida de milhões de trabalhadores ao redor do mundo, e tem a tendência de ser generalizada para a totalidade das relações laborais. É constituída pelos: processos de informalização do trabalho, que destrói as formas estáveis do trabalho; a consolidação do trabalhador just-in-time, que cria a possibilidade de remunerar o trabalhador na exata medida que sua força de trabalho é utilizada; e o gerenciamento algoritmo, que por meio de dados automatiza os mecanismos de controle do trabalho.

Além disso, esta forma particular de acumulação capitalista, é constituída por uma série de representações ideológicas. O empreendedorismo garante socialmente a ideia de que todos são capazes de vencer na vida a partir do esforço individual, incentivando os trabalhadores a assumir riscos e valorizar a autonomia e liberdade da uberização. A economia do compartilhamento, por seu turno, além de reforçar a lógica empreendedora, liga a uberização do trabalho à ideia da responsabilidade social. Contudo, a classe trabalhadora tem

resistido aos discursos e às condições objetivas da uberização com greves, organizações políticas e estratégias individuais, o que evidencia a conformação de uma ideologia, desde a classe trabalhadora, de crítica à uberização.

Em seguida, no terceiro capítulo, concentramos nossos esforços para apreender o psiquismo. Partindo de Vigotski, tomamos o psiquismo como um produto do trabalho humano que é complexificado por meio do desenvolvimento histórico-cultural da humanidade. Portanto, entendemos que o psiquismo corresponde às relações sociais concretas, que são interiorizadas e passam a compor as funções psicológicas superiores. No entanto, as funções psicológicas superiores nem se desenvolvem, nem atuam separadamente. Há uma inter-relação complexa que nem sempre é harmônica. É, na verdade, dramática - marcada por contradições e embates. Ora, eu não sentimos, pensamos e agimos em estrita harmonia. Há um choque entre as formas de sentir-pensar-agir. Tais conflitos imprimem ao psiquismo o movimento: as coisas não estão dadas, existe sempre a possibilidade de transformação.

No capítulo quatro, procuramos incorporar todas as discussões teóricas anteriores para analisar e interpretar os significados, sentidos e emoções da uberização de trabalhador de empresa-plataforma. Para isso utilizamos a Análise Gráfica do Discurso simplificada, que permitiu apreender as contradições ideológicas que permeiam o psiquismo. Assim, compreendemos que o psiquismo do trabalhador por ser constituído nas relações sociais é determinado pelos discursos ideológicos da uberização, afinal “o discurso dos circundantes, com seus significados estáveis e permanentes, predetermina as vias onde transcorre o desenvolvimento das generalizações” (Vigotski, 2009, p. 192). Como as classes dominantes dispõe quase da totalidade dos meios objetivos e simbólicos para representar a sua visão de mundo, no psiquismo do trabalhador a ideologia dominante é expressa também de forma dominante: o trabalhador acredita que não é o trabalho; se reconhece como autônomo; se sente bem em ser uberizado; e rejeita qualquer tipo de organização política e greve. Ou seja, são as representações fetichizadas do capital que medeiam o modo como o trabalhador significa o trabalho uberizado.

No entanto, nossa pesquisa mostra que existem outras formas de explicar e representar o afeto, o pensamento e ação frente a uberização. O trabalhador mesmo denuncia o controle e a insegurança no trabalho. Portanto, a ideologia de crítica à uberização é expressa também no psiquismo no indivíduo, ainda que com uma intensidade menor que a ideologia dominante.

Mesmo que represente o trabalho a partir do significado ideológico dominante, a sua atividade não responde a tal significado, portanto, o sentido que ele atribui a uberização é mais ramificado, e chega a negar o próprio conceito de autônomo - como quando comparou o trabalho uberizado à escravidão. Há contradições também em relação às emoções produzidas no trabalho, pois mesmo que se sinta bem na atividade que realiza, ele a considera dispensável e, inclusive, gostaria de não precisar realizá-la. Da mesma forma que a sua atividade parece livre de quaisquer determinação, mas está completamente subordinado ao controle da empresa-plataforma por meio de algoritmos que o pune se rejeita a corrida.

Tal contradição no psiquismo nos indica a possibilidade de uma coisa vir-a-ser outra. Nada está ganho. Lembremos do personagem Lulu, do filme *A classe operária vai ao paraíso*. Ele era um trabalhador tal e qual o capitalismo desejava - produtivo, comprometido com as metas e rejeitava qualquer movimento grevista. Mas ao perder um dedo durante o trabalho e ser descartado pela empresa, o sentimento de raiva passa a predominar no psiquismo e impulsionar uma reorganização do sistema psicológico: o trabalho passa a ser visto como exploração, a greve adquire significado de direito e luta política, e sua atividade frente ao conflito capital-trabalho muda completamente.

O mesmo acontece com o *Operário em Construção* de que fala Vinicius de Moraes:

Mas ele desconhecia  
Esse fato extraordinário:  
Que o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia  
À mesa, ao cortar o pão  
O operário foi tomado  
De uma súbita emoção  
Ao constatar assombrado  
Que tudo naquela mesa  
- Garrafa, prato, facão -  
Era ele quem os fazia  
Ele, um humilde operário,  
Um operário em construção  
[...]  
E foi assim que o operário  
Do edifício em construção  
Que sempre dizia sim  
Começou a dizer não.

Esses exemplos oriundos da arte nos ensinam que no psiquismo o permanente é o movimento. Logo, o ato mais importante é sempre próximo. O que nos permite indagar: qual o papel terá a Psicologia Social no próximo ato?

Não temos uma resposta definitiva, mas temos algumas possibilidades para indicar. Em primeiro lugar novas pesquisas devem surgir para que possamos compreender de maneira mais intensa e profunda o modo como as ideologias são interiorizadas, significadas e sentidas pelo conjunto dos trabalhadores uberizados. Compreendemos que é necessário explorar a relação das ideologias da uberização com os processos de adoecimento psíquico e sofrimento ético-político, visto que o discurso empreendedor por responsabilizar exclusivamente o indivíduo por seu fracasso e dizer que o problema está nele, pode causar quadros de angústia, como depressão e ansiedade. Além disso, faz-se mister debruçar especificamente sobre as organizações políticas dos trabalhadores uberizados. É preciso analisar a potencialidade e limitação dessas organizações para o desenvolvimento da consciência e da práxis da classe trabalhadora rumo a transformação da realidade.

No entanto, é preciso transformar! Portanto, consideramos que a Psicologia deve atuar junto a classe trabalhadora nesta etapa do conflito capital-trabalho. Sabemos que é preciso desenvolver instrumentos para tal atuação. Entretanto, retornar à história da Psicologia Social Latino-Americana pode nos ajudar a dar passos nessa direção. A práxis de conscientização fundada por Paulo Freire, empreendida por Silva Lane, Martín-Baró, Maritza Montero e outros, nos parece de grande valia para a atuação da Psicologia Social junto aos trabalhadores uberizados, pois a ação dialógica pode favorecer a tomada de consciência das condições de exploração e precarização do trabalho.

Acreditamos que a Psicologia Social pode e deve atuar para fomentar e fortalecer as organizações políticas dos trabalhadores uberizados, visto que é nesse movimento social que está a verdadeira possibilidade de transformação da realidade em favor da classe trabalhadora.

## Referências

- Abílio, L. C. (2019). Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Individuo y sociedad*, v.18 nº 3.
- Abílio, L. C. (2020a). Uberização: a era do trabalhador just-in-time? *Estudos Avançados* 34 (98).
- Abílio, L. C. (2020b). Plataformas digitais e uberização: a globalização de um sul administrativo?. *Contracampo* v.39 n.1.
- Abílio, L. C. (2020c). Uberização: gerenciamento e controle do trabalhador just-in-time. In: Antunes, R. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Abílio, L. C. & Grohmann, R. (2020).
- Abílio, L. C., Grohmann, R. & Amorim, H.(2021). Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, v. 23, n. 57.
- Abílio, L. C. & Santiago, S. M. (2024). Dossiê das violações dos direitos humanos: o caso dos motofretistas de Campinas. Unicamp.
- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: ciência e profissão*, 26(2), 222-245.
- Alves A. M. (2010). O método materialista histórico-dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. *Psicologia da UNESP*; v. 9 n.1,
- Amorim, H., Guilherme, G. H., Moda, F. B. & Pelegrini, J. G. S. (2021). O empreendedorismo contemporâneo ou uma forma de mistificação das relações de classe. *Contemporânea*, v. 11, n3
- Amorim, H., Moda, F. & Mevis, C. (2021a). O empreendedorismo não é apenas uma ideologia: a subordinação no trabalho plataformizado. In: Leone, E. T. & Proni, M. W. (Orgs). *Facetas do trabalho no Brasil contemporâneo*. Ed. Unicamp,
- Amorim, H., Moda, F. & Mevis, C. (2021a).Empreendedorismo: uma forma de americanismo contemporaneo? *Caderno CRH* v. 34
- Anderson, P. (1995). Balanço do neoliberalismo. In Sader, E & Gentili, P. *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1995, p. 9-23.
- Andrade, C. D. (2012). *O sentimento do mundo*. Ed. Companhia de bolso.
- Antunes, R. (2009). *Sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.

- Antunes, R. (2009). Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In: Antunes, R.; Braga, R. Infoproletários: degradação real do trabalho virtual. São Paulo – SP. Ed. Boitempo
- Antunes, R. (2014). Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. São Paulo-SP. Ed. Cortez
- Antunes, R. (2020a). Trabalho intermitente e uberização no limiar da indústria 4.0. In: Antunes, R. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo - SP. Ed. Boitempo
- Antunes, R. (2020b). O privilégio da servidão: o novo proletariado digital de serviços na era digital. São Paulo - SP, Ed. Boitempo.
- Antunes, R. (2022). Capitalismo pandêmico. Ed. Boitempo
- Antunes, R. (2023). Trabalho e (des)valor no capitalismo de plataforma: três teses sobre a nova era de desantropomorfização do trabalho. In: Antunes, R., Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais. Ed. Boitempo
- Antunes, R. & Pinto, G. (2017). A fábrica da educação: da especialização fordista e flexibilização toyotista. São Paulo – SP. Ed. Cortez.
- Bakhtin, M. (2006). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo-SP. Ed. Hucitec.
- Codo, W. (1994). O que é alienação. São Paulo – SP. Ed. Brasiliense.
- Coelho-Lima, F. (2016). Ideologia e significado do trabalho: o caso dos trabalhadores por conta própria. (Tese de doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Recuperado em (<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22039?mode=full>).
- Coelho-Lima, F. (2021). La ideología del trabajo en el capitalismo de plataformas. In: Mundo do trabalho y las organizaciones en transformación: desafíos sociales, políticos y éticos.
- Coelho-Lima, F., Keppler, I. L. S., Laocádio, A. L. S., Bezerra, I. P. L., Barbosa, S. S. C., França, L. M. P. & Machado, M. L. P. (2024). Ideologia do trabalho e o autogerenciamento subordinado nas empresas-plataformas de entrega de mercadoria. *Revista Brasileira de Sociologia* v.11 n.29
- Cogliola, O. (2021). Teoria econômica marxista: uma introdução. São Paulo – SP. Ed. Boitempo.
- Dardot, P. & Laval, C. (2016). A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Delari Jr, A. (2011). Os sentidos do “drama” na perspectiva de Vigotski: um diálogo no limiar entre arte e psicologia. *Psicologia em Estudo* v. 16, n.2.

- Delari Jr, A. (2013). Vigotski: consciência, linguagem e subjetividade. Campinas - SP. Ed. Alínea.
- Djonga. (2022). A cor púrpura. [Video do YouTube]. Recuperado em (<https://www.youtube.com/watch?v=e4HSm90Jsng> )
- Engels, F. (2020a). Discurso diante do túmulo de Karl Marx. In: K. Marx & F. Engels. História, Natureza, Trabalho e Educação. São Paulo – SP. Ed. Expressão Popular.
- Engels, F. (2020b). Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In In: K. Marx & F. Engels. História, Natureza, Trabalho e Educação. São Paulo – SP. Ed. Expressão Popular.
- Engels, F. (2020c). Dialética da Natureza. São Paulo – SP. Ed. Boitempo
- Fairwork, Annual Report 2021. (2021). Recuperado em <<https://fair.work/en/fw/publications/fairwork-annual-report-2021/>>
- Franco, D. S., Ferraz, D. L. S. (2019). Uberização do trabalho e acumulação capitalista. Cad. *Ebape.BR*, v. 17.
- Festi, R. (2020). Contribuições críticas da sociologia do trabalho sobre automação. In: Antunes, R. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Festi, R. (2023). O controle algoritmo e corrosão do trabalho: o caso dos entregadores por aplicativo do Distrito Federal. In: Antunes, R., Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais. Ed. Boitempo.
- Flick, U. (2006) An introduction to qualitative research. London: Sage. Fontanella, B.J.B., Luchesi, B.M., Saidel, M.G.B., Ricas, J., Turato, E.R., & Melo, D.G. (2011). Sampling in qualitative research: a proposal for procedures to detect theoretical saturation. *Reports in public helath*, 27(2): 388-394.
- Filgueiras, V. & Antunes, R. (2020). Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. In: Antunes, R. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Filgueiras, V. & Cavalcante, S. (2020). Um novo adeus à classe trabalhadora?. In: Antunes, R. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Fisher, M. (2020). Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo. São Paul -SP. Ed. Autonomia Literária.
- Galeano, E. (1979). As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro – RJ. Ed. Paz e Terra.
- Galeano, E. (2019). Livro dos abraços. Porto Alegre – RS. Ed. L&M Pocket.
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). The discovery of grounded theory. Chicago: Aldine.
- Grespan, J. (2021). Marx: uma introdução. São Paulo – SP. Ed. Boitempo.

- Grespan, J. (2019). Marx e a crítica do modo de representação capitalista. São Paulo – SP. Ed. Boitempo.
- Grohmann, R. (2020). Trabalho em plataformas é o laboratório da luta de classes. In: Grohmann, R., Os laboratórios do trabalho digital. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Grohmann, R. (2023). Plataformas controladas por trabalhadores. In: Antunes, R., Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais. Ed. Boitempo
- Grohmann, R. & Salvagni, J. (2023). Trabalho por plataformas digitais: Do aprofundamento da precarização à busca por alternativas democráticas. Ed SESC.
- Grohmann, R., Nonato, C., Marques, A. F. & Camargo, C. A. (2021). As estratégias de comunicação das plataformas digitais de trabalho: circulação de sentidos nas mídias sociais das empresas no Brasil. *Comunicação & Sociedade* v.39
- Gonsales, M. (2020). Indústria 4.0: empresas plataformas, consentimentos e resistências. n: Antunes, R. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Gonsales, M (2023). De mochila nas costas: uma experiência etnográfica. In: Antunes, R., Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais. Ed. Boitempo
- Guevara, C. (2017). Lo que no debería ser la economía popular, desmitificando el discurso del emprendimiento. In: Giraldo, C. Economía popular desde abajo. Colômbia. Ed. Desde abajo.
- Harvey, D. (2009). Neoliberalismo: história e implicação. São Paulo – SP. Ed. Loyola
- Harvey, D. (2014). A condição pós-moderna. São Paulo – SP. Ed. Loyola.
- Ipea. (2022). Painel da *gig economy* no setor de transporte do Brasil: quem, onde, quantos e quanto ganham. *Carta de conjuntura*, n. 55.
- Kosik, K. (1976). Dialética do concreto. São Paulo - SP. Ed Paz e Terra.
- Lane, S. T. M. (1989). Análise gráfica: uma técnica para análise do discurso. *Psicologia & Sociedade* v.7
- Lane, S. T. M. (2012). Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. In: Lane, S. T. M. & Codo, W. *Psicologia Social: o homem em movimento*. Ed. Brasiliense.
- Leão, I. B. (2007). Um método para analisar a consciência: do intrapsicológico ao interpsicológico. *Psicologia & Sociedade*, v.19 n.2
- Leão, I. B. (2020). Emoções juvenis mediadas pelo desemprego: os sentidos gerados pela realidade objetiva do trabalho. *Fragmentos de cultura*, v.30, nº2.
- Leontiev, A. (2004). O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo - SP. Ed. Centauro.
- Lessa, S. (2012). Mundo dos homens: trabalho e ser social. São Paulo – SP. Ed. Instituto Lukács.

- Lowy, M. (2017). Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista. São Paulo-SP. Ed. Cortez
- Lukács, G. (2018). História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. Ed. Martins Fontes.
- Lukács, G. (2009). O jovem Marx e outros escritos de filosofia. Rio de Janeiro – RJ. Ed. UFRJ
- Lukács, G. (2013). Para uma ontologia do ser social II. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Luria, A. R. (2001). Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Ed. Artemed.
- Luria, A. R. (1992). Curso de Psicologia Geral: introdução evolucionista à psicologia (volume 1). Ed. Civilização Brasileira.
- Manzano, M., Krein, J. D. & Abílio, L. C. (2023). A dinâmica da informalidade laboral no Brasil nas primeiras duas décadas do século XXI. In: Antunes, R., Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais. Ed. Boitempo
- Marini, R. M. (2017). A dialética da dependência. *Germinal: Marxismo e educação em debate*, 9(3).
- Marx, K. (2010). Manuscritos econômicos e filosóficos. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Marx, K. (2013). O Capital: crítica da economia política. Livro I: processo de produção do capital. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Marx, K. & Engels, F. (2007). A ideologia alemã. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Marx, K. & Engels, F. (2012). O manifesto do partido comunista. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- Meireles, C. (2012). Ou isto ou aquilo. Rio de Janeiro - RJ. Ed. Global
- Mészáros, I. (2000). A crise estrutural do capital. *Outubro*, nº4.
- Mészáros, I. (2011). Para além do capital. São Paulo – SP. Ed. Boitempo.
- Mészáros, I. (2014). O poder da ideologia. São Paulo – SP. Ed. Boitempo
- Mészáros, I. (2016) Teoria da alienação em Marx. São Paulo – SP. Ed. Boitempo.
- Minayo, M. C. S. (1996). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes.
- Molon, S. I. (2015). Subjetividade e constituição do sujeito em Vigotsky. Petrópolis – RJ. Ed. Vozes
- Moura, L. R. (2021). Pedalando para sobreviver: o processo de uberização do trabalho e os entregadores ciclistas. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Ceará). Recuperado em (<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/60101>).
- Netto, J. P. (1981). Capitalismo e reificação. Ed. Livaria de ciência humanas.

- Netto, J. P. (1995). A crise do socialismo e a ofensiva neoliberal. São Paulo - SP. Ed. Cortez.
- Netto, J. P. & Braz, M. (2006). Economia política: Uma introdução crítica. São Paulo – SP. Ed. Cortez.
- Pino, A. (1999). A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. *Psicologia e Educação*, v. 7/8.
- Pinto, G. (2007). A organização do trabalho do século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo. São Paulo – SP. Ed. Expressão Popular
- Politzer, G. (2004). Crítica dos fundamentos da Psicologia: A psicologia e a Psicanálise. Piracicaba – SP. Ed. UNIMEP.
- Oliveira, F. (2012). Crítica da razão dualista: o ornitorrinco. São Paulo – SP. Ed. Boitempo
- Santos, L. G. (2015). Inconsciente: uma reflexão desde a Psicologia de Vigotski. (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Recuperado em <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17136>>
- Santos, L. G. (2018). Tempos de homens partidos: o inconsciente como quebra da unidade pensar-sentir-agir. In: B.B. Sawaia. R. Albuquerque. F. R. Busarello. Afeto & Comum: reflexões sobre a práxis psicossocial.
- Santos, L. G. & Leão, I. B. (2014). O inconsciente sócio-histórico: aproximações de um conceito. *Psicologia e Sociedade*, v. 26, nº 2.
- Santos, L. G; & Sawaia, B. (2022). Inconsciente desde a Psicologia de Vigotski. In: Moreira, M. I. C. & Sousa, S. M. G.. *Psicologia Sócio-Histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais*. Goiânia-Go, Ed. PUC-Goiás.
- Slee, T. (2019). Uberização: uma nova onda do trabalho precarizado. São Paulo - SP. Ed. Elefante.
- Standing, G. (2014). Precariado: a nova classe perigosa. Belo Horizonte – MG. Ed. Autêntica
- Stanislavski, K. S. (2014). El Trabajo del actor sobre si mismo em el processo creador de la vvivencia. Barcelona. Ed. Barral.
- Taylor, F. W. (2006). Princípios da administração científica. São Paulo – SP. Ed. Atlas.
- Toassa, G. (2006). O conceito de consciência em Vigotski. *Psicologia USP*, v. 17, n. 2.
- Toassa, G. (2015a). Is there a “Vygotkian Materialism”? Ontological and epistemological concerns for a contemporary Marxist Psychology (Part1). *Dubna Psychological Journal*, nº1.
- Toassa, G. (2015b). Is there a “Vygotkian Materialism”? Ontological and epistemological concerns for a contemporary Marxist Psychology (Part2). *Dubna Psychological Journal*, nº1.

- Toassa, G. (2020). Um estudo sobre o conceito de sentido e a análise semântica da consciência em L. S. Vigotski. *Cad. Cedes, Campinas*, v. 40, n. 111,
- Tonelo, I. (2020). Uma nova reestruturação produtiva pós-crise de 2008?. In: Antunes, R. *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.
- The world's most valuable resource is no longer oil, but data. (6 de Maio de 2017). *The Economist*. Recuperado em <https://www.economist.com/leaders/2017/05/06/the-worlds-most-valuable-resource-is-no-longer-oil-but-data> .
- Uchôa-de-Oliveira, F. M. U. (2020). Saúde do trabalhador e o aprofundamento da uberização do trabalho em tempos de pandemia. *Saúde Ocupacional*, 45 (22).
- Uchôa-de-Oliveira, F. M. U. & Bastos, J. A. (2022). Uberização: precarização do trabalho e ação política dos trabalhadores no Brasil de 2020. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, 25
- Vieria Junior, I. (2019). *Torto Arado*. São Paulo – SP. Ed. Todavia.
- Vigotski, L. S. (1998). *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo – SP. Ed. Martins Fontes
- Vigotski, L. S. (1999). *A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca*. São Paulo-SP. Ed. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2001). *Psicologia da Arte*. São Paulo-SP. Ed. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2000). *Manuscritos de 1929. Educação & Sociedade*, (71).
- Vigotski, L. S. (2004). *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo - SP. Ed. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2006). *Obras escogidas IV*. Madrid. Ed. A. Machado Libros.
- Vigotski, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo – SP. Ed. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2018). *Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia*. Rio de Janeiro – RJ: Ed. E-Papers.
- Vigotski, L. S. (2021). *História do desenvolvimento das funções mentais superiores*. São Paulo - SP. Ed. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2023). *Psicologia, desenvolvimento humano e marxismo*. São Paulo – SP. Ed. Hogrefe.
- Woodcock, J. (2020). O panóptico algoritmo da Deliveroo: mensuração, precariedade e a ilusão de controle. In: In: Antunes, R. *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.

Woodcock, J. (2023). Compreendendo a resistência às plataformas. In: Antunes, R., *Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais*. Ed. Boitempo

Zuboff, S. (2018). *Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação*. In: Bruno, F., Cardoso, B., Kanashiro, M., Guilhaon, L. & Melgaço, L. *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo - SP. Ed. Boitempo.

## **Anexo I - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa**

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DA EMENDA**

**Título da Pesquisa:** Nexos da Uberização: análise a partir dos trabalhadores de Goiania

**Pesquisador:** Livia gomes dos santos

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 66951022.2.0000.5083

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Goiás - UFG

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.859.765

**Apresentação do Projeto:**

A presente pesquisa intitulada "Nexos da Uberização: análise a partir dos trabalhadores de Goiânia". tem como pesquisadora responsável a Prof. Dra. Livia Gomes dos Santos. O estudo faz parte da linha de pesquisa em Trabalho e Psiquismo, do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

A pesquisa é multicêntrica, sendo realizada simultaneamente em Natal (RN) e Uberlândia (MG), além de contar com pesquisadores da Argentina (Universidad de Córdoba) e da aplicação do questionário em Nova Iorque (Estados Unidos).

Para a seleção dos participantes da pesquisa, será realizada busca ativa nas redes sociais e em movimentos de trabalhadores uberizados. As empresas nas quais eles trabalham não serão envolvidas nos processos de seleção, nem terão seus nomes mencionados no estudo e, por isso, a pesquisadora considerou desnecessário o termo de anuência.

Neste centro estão previstos 20 participantes na pesquisa, contudo para a definição da quantidade de participantes, será utilizado o procedimento de amostragem teórica (Flick, 2006; Glausser & Strauss, 1967), interrompendo-se a busca por novos participantes quando seja constatada a saturação dos dados (Fontanella et al., 2011).

O estudo apresenta como hipótese "que o trabalho uberizado produz significativas implicações no psiquismo e na saúde do trabalhador, diferenciando-se em alguns aspectos de outras formas de trabalho".

**Endereço:** Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2,sala 110, piso 1

**Bairro:** Campus Samambaia

**CEP:** 74.690-970

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215

**Fax:** (62)3521-2045

**E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Continuação do Parecer: 6.859.765

A aplicação das entrevistas foi iniciada em maio de 2023 e o término da pesquisa estava previsto para outubro de 2024. No entanto, a pesquisadora responsável solicita que o prazo da pesquisa seja estendido para analisar adequadamente os dados de pesquisa, incluindo mais dois ciclos de IC e um de orientações de mestrado.

Dessa forma, o novo prazo da pesquisa está previsto para dezembro de 2026.

### **Objetivo da Pesquisa:**

Analisar a forma como os trabalhadores uberizados significam, se afetam e agem sobre o seu contexto de trabalho.

### **Objetivos Secundários:**

- a) Levantar as trajetórias laborais dos trabalhadores uberizados;
- b) Identificar os sentidos, significados e emoções produzidas por esses trabalhadores frente ao seu contexto de trabalho (atividade realizada, tipo de vínculo estabelecido, renda obtida, etc.);
- c) Identificar as significações produzidas pelos participantes quanto a vulnerabilidade no seu trabalho e seus efeitos sobre a saúde;
- d) Identificar as adesões e resistências, individuais e coletivas, desses trabalhadores frente o trabalho uberizado e suas consequências;
- e) Analisar como a ideologia empreendedora e as estruturas particulares de conformação da relação capitaltrabalho no Brasil participam da determinação das consciências e ações dos entregadores em plataformas digitais.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisa prevê-se a possibilidade de mobilização emocional que poderá causar desconforto, que deverá "ser manejado tanto pela coordenadora da pesquisa e por ser psicóloga regularizada e, como se buscará nos serviços-escolas das instituições de ensino superior parcerias para o acompanhamento dos participantes, caso seja necessário".

Como benefícios, o estudo prevê contribuir para a compreensão de como "a uberização se articula com as determinações histórico-culturais brasileiras e latino-americanas, em especial, com a forma dos trabalhadores aderirem e resistirem a esse processo. Ademais, a pesquisa possibilitará a construção de reflexões interdisciplinares, considerando a composição heterogênea de equipe de pesquisa; o fortalecimento de parcerias institucionais entre a UFRN,

**Endereço:** Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1  
**Bairro:** Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Continuação do Parecer: 6.859.765

IFRN, UFG e MPT de Natal; fomentar conhecimentos contextualizados que qualifiquem a formação de psicólogas e cientistas sociais e a intervenção desses sobre a questão da uberização"; além de fundamentar a elaboração de políticas públicas destinadas a esse grupo de trabalhadores; e possibilitar a criação de espaços para o desenvolvimento de habilidades de pesquisas para graduandos e pós-graduandos.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Segundo a pesquisadora "o estudo do trabalho uberizado será feito a partir de dois grupos. Os entregadores e motoristas em plataformas digitais. Serão realizadas entrevistas em profundidade, a partir de um roteiro de entrevistas dividido em seis eixos: trajetória laboral; sentido, significado e emoções relacionados ao trabalho; sentido, significado e emoções relacionados a organizações representativas dos trabalhadores; sentido, significado e emoções relacionados aos direitos trabalhistas; vulnerabilidade no trabalho e saúde do trabalhador; e projetos laborais".

Serão considerados como critérios de inclusão para participação da pesquisa:

- a) trabalhadores que estejam com seus cadastros ativos em ao menos uma plataforma digital;
- b) que estejam realizando atividade de entrega ou transporte de passageiros em plataforma digital ao menos há um mês;
- c) que tenham realizado ao menos uma entrega ou transporte de passageiro durante os últimos sete dias que antecederam a pesquisa;
- d) que tenham realizado entregas ou transporte de passageiros na região metropolitana de Goiânia.

Como critérios de exclusão assume-se:

- a) trabalhar como entregador apenas com vínculo trabalhista com uma empresa, que não seja empresaplataforma;
- b) trabalhar exclusivamente como taxista;
- c) trabalhar a menos de um mês nessa atividade e
- e) não ter realizado atividade de entrega ou transporte de passageiros na última semana.

Segundo a pesquisadora, não será diferenciado, quanto à inclusão e exclusão, o tipo de veículo utilizado (carro, moto, bicicleta, a pé etc.), o tipo de empresa-plataforma (do setor de alimentos, entregas em geral, transporte etc.), a quantidade de empresas-plataformas ao qual o trabalhador esteja vinculado (desde que seja ao menos em uma), o tempo máximo de trabalho ou características

**Endereço:** Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2,sala 110, piso 1  
**Bairro:** Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Continuação do Parecer: 6.859.765

sociodemográficas.

As entrevistas ocorrerão prioritariamente de maneira virtual, podendo ser por meio de (1) vídeo chamada, (2), ligação telefônica ou (3) mensagens de voz via aplicativo de mensagem (como WhatsApp ou Telegram). Essa diversidade de formas de aplicação das entrevistas justifica-se pelo próprio ritmo de trabalho e organização do tempo de vida desses trabalhadores, na qual, em diversos casos, a dedicação de uma hora ininterrupta para as entrevistas é inviável. Para garantir a qualidade das informações obtidas, os entrevistadores estarão atentos à profundidade das respostas obtidas, retomando questões caso seja necessário.

O convite a esses participantes ocorrerá de duas formas. A primeira é a divulgação do convite em grupos de entregadores e motoristas por plataformas digitais em redes sociais, como Facebook e WhatsApp.

A segunda é por meio da técnica de ‘bola de neve’ (Marcus, Weigelt, Hergert, Gurt, & Gelléri, 2016): pedido de indicação, para os próprios participantes, de outros entregadores ou motoristas que possam ser convidados.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados os seguintes documentos:

1. Folha de rosto assinada pela vice-diretora da Faculdade de Educação;
2. Modelo de TCLE que será aplicado aos participantes com linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa;
3. Instrumentos da pesquisa - roteiro de perguntas das entrevistas;
4. Projeto de pesquisa;
5. Termo de compromisso assinado por Carlos Eduardo Meireles membro da equipe de pesquisa.
6. Informações básicas sobre o Projeto;

O cronograma detalhado de atividades foi incluído nas informações básicas e no projeto de pesquisa.

Para esta solicitação de emenda o cronograma de atividades foi atualizado com o término da pesquisa previsto para dezembro de 2026.

**Endereço:** Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1  
**Bairro:** Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Continuação do Parecer: 6.859.765

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Determina-se que, à medida que forem entrando mais pesquisadores nesses novos ciclos da pesquisa, sejam apresentados, sob forma de notificação ou solicitação de emendas, os termos de compromissos assinados pelos novos participantes da equipe de pesquisa.

Depois de analisar este pedido de prorrogação de prazo da pesquisa, somos de parecer favorável à solicitação, por considerar que não apresenta óbices éticos, s.m.j. deste Comitê.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera a presente solicitação de Emenda APROVADA, pois foi considerada em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para dezembro de 2026.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_233354_5_E1.pdf	29/04/2024 08:49:11		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	30/01/2023 17:04:41	Livia gomes dos santos	Aceito
Outros	Instrumento.docx	30/01/2023 16:50:43	Livia gomes dos santos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	22/07/2022 19:40:27	Livia gomes dos santos	Aceito
Declaração de concordância	Compromisso.pdf	22/07/2022 19:39:48	Livia gomes dos santos	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostoassinada.pdf	22/07/2022 19:35:13	Livia gomes dos santos	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Endereço:** Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2,sala 110, piso 1  
**Bairro:** Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Continuação do Parecer: 6.859.765

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

GOIANIA, 31 de Maio de 2024

---

**Assinado por:**

**Rosana de Moraes Borges Marques  
(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2,sala 110, piso 1

**Bairro:** Campus Samambaia

**CEP:** 74.690-970

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215

**Fax:** (62)3521-2045

**E-mail:** cep.prpi@ufg.br

## Anexo II - Termo de Livre Consentimento Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada Nexos da Uberização. Meu nome é Livia Gomes dos Santos, sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é Psicologia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail livia.gomes@ufg.br e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): 62-981996962, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a forma como os trabalhadores uberizados significam, se afetam e agem sobre o seu contexto de trabalho. Iremos fazer algumas questões e para isso deverá reservar um período de 15 a 20 minutos. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure

a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Prevê-se a possibilidade de mobilização emocional que poderá causar desconforto, o qual poderá ser manejado tanto pelo coordenador da pesquisa – por ser psicóloga regularizada –, como se buscará nos serviços- escolas das instituições de ensino superior parcerias para o acompanhamento dos participantes, caso seja necessário. Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(  ) Permito a utilização de gravador durante a entrevista.

(  ) Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(  ) Autorizo o uso de minha voz em publicações.

(  ) Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(  ) Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

(  ) Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(  ) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

(  ) Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

(                    ) Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

(                    ) Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

### **1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:**

Eu, ....., abaixo assinado,

concordo em participar do estudo intitulado **Nexos da Uberização**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Livia Gomes dos Santos** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, ..... de ..... de .....

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

## Anexo III - Roteiro da entrevista

### Trajatória de trabalho

1. Você poderia comentar sobre a sua trajetória de trabalho? (investigar quando começou a trabalhar, que trabalhos realizou, qual o motivo para a mudança entre eles, até a entrada no aplicativo)

### Contexto de trabalho

2. O que você considera de positivo e negativo no trabalho como entregador por app?
3. Como você avalia a relação entre os entregadores por aplicativo?
4. Como você define quantas horas trabalhará por dia?
5. A renda que você obtém do trabalho no aplicativo é suficiente para as suas necessidades? Quanto você recebe em média?
6. O que você acha da oferta de bônus e promoções que as plataformas fazem? Você trabalha mais horas por conta disso?
7. Houve mudanças quanto ao seu sono (horário e quantidade de horas) e alimentação (horário, local e tipo de alimentação) depois que começou esse trabalho?
8. Você leu todas as cláusulas, condições e regras do contrato, quando iniciou o trabalho? Você lê o conteúdo do site destinado a entregadores?

### Liberdade no trabalho

9. Você se sente livre para escolher seus horários de trabalho e aceitar as entregas?
10. Você acha que o aplicativo exerce algum tipo de controle ou vigilância no exercício da sua atividade? Como isso acontece?

### Saúde e Adoecimento no trabalho

11. Você observa algum aspecto do trabalho que pode atingir ou já prejudicou a sua saúde?
12. Você já sofreu algum tipo de acidente ou foi assaltado?(Caso sim, pedir para narrar o acontecimento; caso não, perguntar se já viu acontecendo com outro entregador)
13. Quantos anos você acha que é possível trabalhar no seu ritmo atual mantendo sua saúde física e mental?

14. A plataforma lhe ofereceu ou oferece algum tipo de suporte quando sofreu um assalto ou acidente? Se sim, qual foi o suporte? Narre.
15. Quando vocês sofrem algum acidente ou adoecem, se apoiam entre si? (caso sim, pedir para explicar; caso não, perguntar o que acha da ideia)

### **Sentido e significado do Trabalho e do Dinheiro**

16. Se não precisasse do dinheiro, você ainda trabalharia?
17. O que é um bom trabalho para você?
18. E o que é uma boa renda (financeira) para você?
19. Se sua renda no final do mês for (ou fosse) maior do que o previsto, o que você faz (ou faria)? E se for menor (insuficiente para atender as necessidades no mês), o que faz (ou faria)?

### **Significado do trabalho como entregador por app**

20. Trabalhar na rua é \_\_\_\_\_
21. Como você se sente em trabalhar como entregador por app?
22. Comparando com outros trabalhos que você já teve, acha melhor ou pior trabalhar como entregador por app?

### **Projeto laboral**

23. Você tem algum plano para o seu futuro no trabalho?

### **Sentido e significado dos direitos, mobilizações e organizações dos trabalhadores**

24. O que você pensa sobre essa reportagem:

#### **Anexo IV - Entrevista completa transcrita**

Entrevistador 1 - Eh, a primeira pergunta é sobre trajetória de trabalho, como que é a trajetória do senhor? Com que que o senhor já trabalhou até chegar o aplicativo?

E. - Trabalhei de motorista de caminhão, de tudo, trabalhei de táxi tem uns... 7 meses que eu tô no aplicativo.

Entrevistador 1 - O que que levou o senhor para o aplicativo?

E. - Ahh pra trabalhar autônomo né, trabalhar empregado é muita encheção de saco também, né? E autônomo você tem seu horário, a hora que você quiser trabalhar, você trabalha.

Entrevistador 1 - Entendi, no caso o senhor trabalha com entrega, o senhor é Uber moto?

E. - Nós traba... Não a Uber agora a Uber entrega, faz entrega e passageiro de moto também.

Entrevistador 1 - Entendi, mas o senhor faz qual?

E. - Todos.

Entrevistador 1 - Todos?

E. - Todos, é porque ela chama tudo né?

Entrevistador 1 - Entendi. Entendi, como que, o que que o senhor considera de positivo e o que que o senhor considera de negativo no trabalho que o senhor faz?

E. - Não negativo... é mínimo, é mínimo negativo, né? Porque você tem escolha, você não é obrigado a fazer aquilo que não dá. Entendeu? Então você tem escolha você faz seu horário, você escolhe as corridas que você vê que dá... lucro, a que não dá você deixa passar entendeu? Então é questão de perdas é muito mínimo, eu acho, na minha parte.

Entrevistador 1 - Entendi. É como que é a relação entre quem trabalha no aplicativo, entregadores, motorista, como que é a relação entre vocês?

Entrevistador 2 - Tem relação?

E. - É muito pouco, porque na verdade a gente quase não... é muito rápido, entendeu? É muito rápido e você não para muito né? E quando para é... solitário também.

Entrevistador 1 - Mas e essa questão de acidente na rua, quando tem algum problema, como é que é?

E. - Não, aí acidente aí a galera quando vê que é do aplicativo vai para cima, pra dar ajuda, dar socorro. Mas a maioria de todo mundo tem seguro, né? Aí o cara só pede para o número do seguro para ligar para avisar. Eu já fiz isso já, o cara caiu, aí eu perguntei: "Cadê seu seguro, o seu telefone? Fala o número aí" aí nós ligou aí o seguro veio, apareceu e é isso aí.

Entrevistador 1 - Entendi.

Entrevistador 2 - E tem grupo de WhatsApp entre vocês?

E. - Eu não tenho grupo não. Eu não tenho não, mas tem grupo tem, tem pessoas que tem grupo se comunicando.

Entrevistador 1 - Como que o senhor define e organiza as horas (barulho de veículo) as horas que o senhor vai trabalhar, como que o senhor faz essa organização?

E. - Dependendo dos boleto que chega. Se o boleto chegar daqui três dias aí trabalha forte, aí demora 10 dias para chegar o outro aí é mais folgado.

Entrevistador 1 - Entendi, entendi.

Entrevistador 2 - É de acordo com a necessidade, então?

E. - É.

Entrevistador 1 - De acordo com a necessidade. É... a renda que o senhor tem no, trabalhando no aplicativo é suficiente para essas necessidades?

E. - Sim. Sim. Sim, sim é super.

Entrevistador 1 - Quanto que o senhor recebe em média mais ou menos?

E. - Ahh uns 1.800, 2.000 mais ou menos. É que fala, não tem um trem fixo, porque depende do tanto que você trabalha, né?

Entrevistador 1 - Sim, sim.

Entrevistador 2 - E a plataforma oferece bônus e promoções... (interrompido pelo entrevistado)

E. - Oferece, final de semana elas bota umas meta aí, faz 10 corridas ganha 30, ganha 40 reais.

Entrevistador 1 - Que que o senhor acha dessas promoções? O senhor trabalha mais quando acontece?

E. - Eu boto fechado pra fazer... aí aquelas corridas que era ruim eu faço tudo que é mais rápido, né.

Entrevistador 1 - Sim, entendi, sim. O senhor teve alguma mudança no sono, na alimentação, depois que o senhor foi pro aplicativo... (interrompido pelo entrevistado)

E. - Rapaz eu comi demais, moço, eu tô é gordo. Tem negócio de sono não meu irmão, tem não. Porque eu não... de noite agora tô só aqui esperando sair aqui, né? Aí embora para casa, não trabalho à noite.

Entrevistador 2 - Você não vira a noite toda trabalhando?

E. - Não, trabalho a noite não.

Entrevistador 2 - Então isso não afetou então?

E. - Não, não.

Entrevistador 2 - E os horários das refeições, você consegue almoçar tipo no horário ali ou é... (interrompido pelo entrevistado)

E. - É da... da meio dia à uma hora que eu almoço.

Entrevistador 2 - Entendi.

Entrevistador 1 - Entendi. Quando o senhor foi trabalhar no aplicativo, o senhor leu os termos... (interrompido pelo entrevistado)

E. - Não lê não.

Entrevistador 1 - ... as regras de contrato?

E. - Não lê não uai, que é tanta coisa que bota lá uai. Não e o sistema é tão tão... esquisito que ele te leva, por exemplo, eu tô rodando aqui, por exemplo semana passada, ele mandou “para você continuar rodando você tem que aceitar esse termo aqui”, aí eu li umas três páginas lá, era parece que era 24 páginas. Moço umas letrinhas pequenininha, uma maioria em inglês, outra hora em português, cê entendeu? Então eles obriga você a assinar um trem, as primeiras páginas que eu li ele ele estava falando assim que ela não era responsável pelo sistema e tal pelo passageiro e tal, ela só prestava o serviço. Então assim... então ela tá isenta... ela obrigou você assinar isso (interrompido pelo entrevistador)

Entrevistador 1 - Pra continuar trabalhando.

E. - Pra continuar trabalhando.

Entrevistador 1 - Sim, então não é claro então (interrompido pelo entrevistado)

E. - Não uai, não é claro essa... essa... essa hora aí, entendeu? Porque ela joga na hora que você tá no tumulto, isso pra todo mundo, então tanto no aplicativo, no YouTube, os cara fala que ela joga no tumulto.

Entrevistador 1 - O senhor procura conteúdo na internet sobre essas coisas... (interrompido pelo entrevistado)

E. - Sim. E aí os cara tava falando que acontece isso, que acontece você tá na corrida, ela joga para liberar o aplicativo, ela tem que assinar esse termo aqui.

Entrevistador 2 - E o que que você acha dessa... desse movimento da plataforma de se eximir das responsabilidades, né? Tipo que que você acha disso? (interrompido pelo entrevistado)

E. - É uai, é. Uai, não ela tá isenta uai, quer dizer que ela qualquer coisa que acontecer, ela tá livre, eu concordei.

Entrevistador 2 - Sim.

E. - Entendeu?

Entrevistador 1 - É... O senhor se sente livre para escolher os horários de trabalho e aceitar as entregas?

E. - Sim, sim, sim, completamente. Não é obrigado

Entrevistador 2 - O tempo todo?

E. - O tempo todo.

Entrevistador 1 - O senhor acha que tem algum tipo de controle ou vigilância do aplicativo sobre o trabalho que o senhor faz?

E. - Com certeza uai, a plataforma aí, esses algoritmos aí fica rastreando. Tão tanto que é é tão, o trem é... É tão, o sistema é o sistema, né? Essa, essa, esse sistema aí ele ele controla. Por que que ele controla? Se eu por exemplo rejeitar três corridas, aí já começa a me mandar menos corrida. Se eu aceitar mais corrida, aí eu não paro. Ele não deixa eu parar.

Entrevistador 1 - Entendi, vai uma em cima da outra?

E. - É, largando uma e pegando o outro, mas se eu rejeitar umas três... (interrompido pelo entrevistador)

Entrevistador 1 - Então o aplicativo tem um certo comportamento ali?

E. - Sim, sim os algoritmos tem, tem, tem, tem.

Entrevistador 2 - Você observa algum aspecto do trabalho que pode prejudicar ou já prejudicou a sua saúde física ou mental?

E. - Não, agora não, porque eu eu escolhi para não ficar estressado, certo? As coisas aqui no trânsito aí é muito difícil, porque moto é muito perigoso, né? É um... mas só que eu, eu não tenho direito nenhum no trânsito. Eu vejo nesse lado, quando eu saio de manhã o meu direito é voltar para casa. Eu não tô “Ah, tô na Avenida eu tenho preferência”, não moço, a minha preferência é voltar para casa. Então eu não deixo, eu vejo que... E a maioria das pessoas que você vê trabalhando aí o dia todo, você vê que as pessoas são tudo atrasadas. E a e o maioria dos acidentes que eu já vi, já presenciei é atraso, porque o corpo da pessoa tá aqui, mas a mente dele tinha que tá lá, tá lá a mente dele, tá lá, então ele quer que o corpo chega rápido lá com junto com a mente que tá lá, entendeu? Aí acontece a maioria dos acidentes é isso, um

dia eu tava lá na no... Ali no... Perto do Fim Social, a mulher atrasada para levar a criança, do jeito que ela veio no “PARE” táh (referente ao barulho de colisão) e o outro vinha, rapaz capotou o carro dela. Graças a Deus que capotou e ele voltou ao normal de novo. Aí eu tava na hora assim, então, aí ela falou “Eu tava atrasada”. Tá vendo? Então a maioria dos acidentes é atraso, é porque a mente do cara não tá ligado no trânsito. Então eu escolhi o quê? E eu não tenho atraso o cara monta ali eu falo assim “você tá atrasado?” “tem jeito de correr?” “não tem não mano”, essa moto aqui eu vou te levar não é para você correr. Aí alguns fica com raiva, eu digo “ó se você tá achando que tá ruim para andar devagarzinho para te levar com segurança, você chama outro, cancela aí e chama outro que corra. Porque se acontecer um acidente, você vai falar assim o motoqueiro tava doido correndo comigo, passou no sinaleiro, mas se chegar bem você não vai falar não, é?” Então eu vejo o meu lado. Eu já falei foi muito aí ó, digo ó não tô sabendo do seu lado não, quero saber da minha vida. Eu quero é voltar para casa com andando sem nenhum arranhão, agora se você não tem amor na sua vida, procura outro. Eu já falei isso aí várias vezes. Então eu, eu, eu preservo muito a minha vida, porque isso aqui meu amigo eu já bati de moto e qual que se você cair nela, desse jeito aí parado ela cair você machuca a perna, machuca o joelho, queima. Não, de todo jeito a moto é perigo.

Entrevistador 2 - Você já sofreu algum acidente ou foi assaltado durante o trabalho com aplicativo? (interrompido pelo entrevistador)

E. - Não, não, não, não, não. Graças a Deus não.

Entrevistador 2 - Não?

E. - Não.

Entrevistador 2 - Conhece alguém que já, já passou por isso?

E. - De moto não, de moto ainda não vi não, mas de carro sim, de aplicativo no carro, né? Mas de moto não.

Entrevistador 2 - E quando acontece esses acidentes, você sabe se a plataforma dá algum suporte para os trabalhadores? (interrompido pelo entrevistado)

E. - A plataforma ela, ela cobre os...passageiro.

Entrevistador 2 - Só o passageiro?

E. - Só.

Entrevistador 2 - Vocês trabalhadores, não?

E. - Não.

Entrevistador 2 - Não tem nenhum auxílio financeiro assim, nada?

E. - Para ela pagar você tem que ter todos os, as receitas, todos os comprovantes e mandar fazer um relatório e mandar depois.

Entrevistador 1 - É burocrático?

E. - É, é burocrático esse lado aí. Agora o passageiro não né. O passageiro lá aciona lá, tem um sistema lá, né? Você aciona e o passageiro também tem no aplicativo dele, ele aciona e aí ele dá suporte.

Entrevistador 2 - Entendi. Quantos anos você acha que é possível trabalhar no seu ritmo atual mantendo a sua saúde física e mental?

E. - Eu na verdade, na minha mente aqui, eu não queria trabalhar de jeito nenhum. Mas provavelmente eu quero trabalhar até uns 65.

Entrevistador 2 - No aplicativo?

E. - É.

Entrevistador 2 - Certo. Se não precisasse do dinheiro, você ainda trabalharia?

E. - Nem um minuto.

(Risos de todos)

Entrevistador 2 - O que que é um bom trabalho para você, o que que você considera um bom trabalho?

E. - Bom trabalho é você tá bem. Quando você tá bem, aí você fica feliz, esse é um bom trabalho, né? Que aí você sabe respeitar, sabe entender cada um, a situação de cada um que tá trabalhando, entendeu? E você não, quando a pessoa um bom trabalho a pessoa não é egoísta.

Eu imagino assim. Porque? Porque ele sabe que tá bom para ele, é bom para o outro também. Esse é um bom trabalho, todo mundo ser feliz. É o bom trabalho.

Entrevistador 2 - E uma boa renda, o que que seria uma boa renda?

E. - Uma boa renda hoje para nós viver bem, acho que era uns 5000.

Entrevistador 2 - 5000?

E. - 5000 reais dava para a gente viver bem. Para dia de domingo a gente tá em casa de folga, né?

Entrevistador 1 - É verdade.

Entrevistador 2 - Se sua renda no final do mês ela for maior do que o previsto o que que você faz com o dinheiro que sobra?

E. - Aí eu vou para o pesque pague, pegar peixe e comer ele assado.

Entrevistador 1 - Descansa e aproveita, muito bom.

Entrevistador 2 - E se for menor?

E. - Menor não, não tem que ser menor, ou é ou não é, entendeu? Porque tem que ter.

Entrevistador 2 - Tem que ter né.

E. - É o que eu tô falando o aplicativo te dá essa oportunidade, se você trabalhar vin... Por exemplo, a gente libera 12 horas para você trabalhar, 12 horas se você trabalhar as 12 horas, você vai manter suas despesas. Entendeu? Aí tem uns que trabalha mais, né? Que desliga um aplicativo, trabalha no outro. Aí quando tá vencendo na outra ele liga o outro, aí desliga o outro entendeu? Aí roda aí 16, 17 horas, roda 8 nessa, na Uber, roda 8 na 99, entendeu? Aí esse aí.

Entrevistador 2 - E o senhor roda quantas horas?

E. - Eu rodo, eu começo oito, tem dias que eu começo sete, dias que eu começo nove. Ah rodo até 8 horas da noite só.

Entrevistador 2 - Umas 12 horas por dia?

Entrevistador 1 - Dentro das 12.

E. - Não, 12 acho que não dá não.

Entrevistador 1 - Umas 10 né?

E. - É, porque quando eu vou para casa eu descanso umas duas, três horas. Eu almoço só em casa, não almoço na rua. E a moto tem isso, tem esse privilégio, se você botar 5 reais em qualquer lugar de Goiânia você vai embora. Vai até em Trindade com 5 reais. Então é melhor comer em casa, do que 20 reais aqui. 5 reais você gasta e a maioria tem o sistema que você bota o destino, né?

Entrevistador 2 - Sim.

E. - Aí fica mais perto ainda, você põe uma corrida mais perto da sua casa.

Entrevistador 2 - E trabalhar na rua pro senhor é o quê?

E. - Bão.

Entrevistador 2 - É bom?

E. - Eu acho bom porque você tá vendo o movimento, vendo que tá acontecendo, né? Isso é bom. Não tá preso no sistema, né? Aí se você não quiser trabalhar... (fala muito baixa).

Entrevistador 2 - E você acha que tem muita violência, discriminação dos trabalhadores de aplicativo ou não?

E. - Rapaz eu vejo aí acontecendo. Isso aí é relativo, não é? É tudo é a mente do ser humano, entendeu? Às vezes o cara tá fazendo uma entrega ou tá levando alguém, mas já tá revoltado com alguma coisa. Certo? Então não é um bom trabalho daquele dia dele. E aí por ele não tá num dia de bom trabalho, aí qualquer coisa que o outro fala, sabe como é que é? Ele já tá achando que o cara... aí ele, aí ele é isso o que acontece, mas eu vejo aí essas coisas acontecendo aí e aí eu fico observando os vídeos, as coisas, as filmagens, ali também a maioria também tem culpa, o entregador, todo mundo tem culpa, né? Mas só que aí depois, o do outro lado também é mais agressivo, né? Aí chama o outro de nego, de preto, não sei o quê, aí é porque ele já se alterou demais, né? Mas se o cara também que é o outro, do outro lado que vai entregar se fosse uma pessoa que estivesse em bom estado, ele ia fazer o quê?

Desculpa senhor, eu ia fazer de tudo para não acontecer uma, uma tragédia, alguma coisa pior, né? Mas não, ele já tá tão nervoso, estressado talvez querendo pagar uma conta e o cara tá enrolando ele para não liberar ele aí, aí... Entendeu? Aí é, é o momento da mente do ser humano, aquele momento que provoca tudo que não presta é. Eu quando eu trabalhava de táxi, eu já eu já fui para cima de um cara, quebrei o retrovisor dele, por quê? Porque eu tava descendo um senhor tipo assim, ó, parei assim na fila dupla e o senhor não dava conta de descer para mim parar mais longe, aí eu parei, liguei o pisca alerta e o cara passou e falou “É só podia ser um preto e um taxista” rapaz, eu não tava legal naquela hora, moço e o cara desceu e ele deu azar que ele passou e o sinal fechou e o meu abriu. Hum tá vendo? Eu não tava bem. Rapaz do jeito que eu cheguei lá no retrovisor dele, “Desgraçado, tu vai ver agora” e abri a porta e ele furou o sinal. Ainda bem, depois que ele furou o sinal fiquei olhando, eu fico “Que que eu fiz moço”, tá vendo? Como que é um minuto que você não tá legal? Porque a minha mãe me ensinou um negócio, palavra ela não gruda em você, certo? Palavra nenhuma gruda na pessoa, ela passa e vai embora. Agora as consequências da palavra... você vai ter que responsabilizar sim, minha mãe falou isso para mim quando era moleque. Alguém pode te xingar, você é aquilo? Não, então não é para você ué, não é? O cara te xinga “ah seu filho de uma égua”, sua mãe é uma égua? Não. E se ela for, o cara não tá falando a verdade? Tá, então meu irmão, pra que você vai brigar. Se o cara tá falando que “ah sua mãe essa rapariga”, pera aí se a minha mãe é rapariga? Não, minha mãe não rapariga. E se ela foi ela? Ah então esse cara conheceu ela, não é? Então só tem esses dois lados ou é ou não é, entendeu? Então é isso assim, um momento aí o que acontece essas tragédia aí nos aplicativos aí, do entregador.

Entrevistador 2 - E falando sobre sentimentos, é como é que você se sente? Tem algum sentimento, alguma emoção que predomina mais no trabalho por aplicativo?

E. - Não, não, a emoção é ganhar dinheiro né, ganhar dinheiro, ganhar dinheiro.

Entrevistador 2 - É comparado com outros trabalhos que você já teve, você acha melhor ou pior trabalhar por aplicativo?

E. - Porque a maioria da minha vida eu trabalhei para os outros. Agora eu tô tendo essa liberdade trabalhar para mim, entendeu? Se eu fizer 100, 70, 80 é meu, pago minhas contas e pronto, entendeu? Essa é a liberdade que tem, pros outros não, eu era obrigado a trabalhar,

né? Fazer meu horário e pronto. E aqui não, aqui eu faço as minha dívida e conforme eu trabalho.

Entrevistador 2 - Então você acha melhor?

E. - Bem melhor.

(O entrevistado interrompe a fala para atender a um telefonema)

Entrevistador 1 - A gente está finalizando já, tá mais próximo do final já.

Entrevistador 2 - O senhor tem algum plano para o futuro no trabalho para além do aplicativo?

E. Tem. Aposentar eu sei que nós não vai mais, isso aí é o futuro que você tem que trabalhar para você ter alguma coisa, para você garantir o remédio, porque não vai ter aposentadoria. Essa geração mais nova igual a vocês não vai ter não, eu que estou mais velho um pouquinho já não vai ter mais, então eu não tenho essa expectativa, então eu quero trabalhar para mim conquistar alguma coisa para mim comprar um remédio no futuro.

Entrevistador 2 - Certo

E. - Só isso que eu penso.

Entrevistador 2 - Agora a gente vai ler o título de três manchetes de jornal e aí eu queria que você falasse o que que você pensa sobre elas, elas estão ligadas à direitos e mobilizações trabalhistas. “Entregadores de aplicativos são reconhecidos como assalariados na Espanha”, você acha que esse movimento de reconhecer o vínculo trabalhista como CLT é uma coisa benéfica, é um benefício ou não é, é prejudicial, você acha que valeria a pena reconhecer esse processo aqui no Brasil ou não?

E. - Eu já vi essas reportagem aí, esse novo governo aí tá querendo fazer isso aí, né? Só que vai ter um controle, muitos não vai aceitar. por quê? Porque ele vai exigir que eu trabalho no mínimo umas 6 horas, né? E aí aquilo que eu fazia antes, de não querer ir na corrida, eu não vou poder, porque com certeza vai ter alguma punição para mim. Ah, mas você tem que trabalhar 6 horas, você está rejeitando a corrida do passageiro, porque sempre vai ter alguma coisa para cobrar. Com certeza, vai cobrar, alguém vai cobrar. Porque tá te pagando o seu salário uai. Você ganha X por mês, você tem que rodar, ué. Tá vendo como que é complexo

isso aí? Porque aí vai te exigir você a rodar, se ele te mandar você sair daqui em Aparecida pegar um passageiro você vai ué, tem que ir, você não tem liberdade. “Não, não vou”, se você cancelar, com certeza, vai mandar no aplicativo “Porque você recusou? Se você ganha por mês?”

Entrevistador 1 - Vai ficar menos flexível então.

E. - Cê tá entendendo? E você, eles vai te botar um sistema que você é obrigado a fazer o serviço, você não vai poder escolher. Então num lado seria bom, porque? Porque você estaria ganhando fixo, mas do outro lado também seria uma empresa, uma empresa que você tem que bater seu ponto e fazer o serviço que é da empresa, não é seu mais, entendeu? E eu acho que muitos vai, não vai querer e por esse motivo, entendeu? Porque vai ser obrigado a você trabalhar essas 8 horas. Ah, você escolheu ganhar quanto? Ah 2000, pois é 2000 você vai ter que trabalhar 6 horas todo dia, tem uma folga na semana, eles vão ter que colocar e quando você ligar o aplicativo já vai contar as horas. Certo? Então, quer dizer ele não vai te deixar separar, você tá aqui ele te manda ir lá fi, porque cê tá dentro das horas deles. “Ah mas eu to cansado”, não, não tem negócio... “É longe”, não, não tem. Porque não tem ninguém lá perto, então você vai ficar tipo um escravo também do sistema.

Entrevistador 2 - É... entregadores de aplicativo fazem greve nacional nessa quarta-feira. Essa reportagem é antiga, lá da época da pandemia quando teve aquelas mobilizações nacionais. Que que você acha dessas mobilizações?

E. - Ó, eu nunca participei de nenhuma desse lado, sabe por quê? Porque eu não sou obrigado. O aplicativo não te dá obrigação de você fazer greve. E você trabalha se você quiser. Eu aceito o que eu quero, eu não sou obrigado, o aplicativo, não te obriga a você trabalhar, como é que eu vou fazer greve se eu não tenho vínculo nenhum, entendeu? Agora se for esse primeiro aí, aí sim. “Ah não o salário tá barato, eu tô rodando 2.000 Km por semana e tô ganhando tanto”, aí tem direito, por quê? Porque agora você tem um vínculo. Mas agora você é autônomo, você é livre, você escolhe, se você tá ruim para você, por que que você vai caçar... vai trabalhar em outro serviço uai. Eu, eu, meu ponto de vista é esse, eu vejo esses cara aí fazendo greve, fechando rua, fico pra que meu amigo, ninguém obrigou ele não, ele não tem, não tá lá dizendo que ele é obrigado a trabalhar por aquele preço. Não ué, se não bem de preço eu não vou uai. O aplicativo não vai te obrigar a você ir, certo? Aí eu vou fazer greve pelo aplicativo que não me dá (inaudível). Eu nunca fui e nem vou, até aquela

greve quando começou o Uber e o táxi, eu nunca fui para Brasília, nunca nem... “É porque tem que acabar o Uber”, moço, todo mundo tem que viver, se o cara, se não tá bom para você, sai do táxi e vai pro Uber, mas vai viver uai... ficar guerreando, entendeu? Então isso eu não, eu nunca gostei, nunca fui... não concordo com isso aí não.

Entrevistador 2 - A outra é “Adeus iFood, entregadores tentam criar cooperativa para trabalhar sem patrão”. Que que você acha?

E. - Tá vendo a primeira, a primeira pergunta, as pessoas não querem ser escravo, não querem, querem é ter liberdade de escolher, eu não vou e não vou. Quando alguém te obriga, o iFood também tem esse sistema, se você rejeita a corrida eles te joga pro rabo da fila, você tem que ter uma pontuação de um a três, quando você chega num nível três eles não te deixa parado, mas se você rejeitar duas corridas, eles te joga lá pro dois, aí já começa a botar a corrida daqui meia hora, então quer dizer que a gente te leva a ser escravo do sistema. Então aí os cara fica doido aí, vá passando por cima de calçado é tudo para atingir o nível 3, porque aí quando eles atinge o nível 3 aí não para de corrida. Eh, ele tá lá em Aparecida e os cara tão jogando corrida para vir para cá, entendeu? Então é isso então, o que que é isso aí é uma forma de escravidão, eu imagino, porquê? Porque seria, tinha que ser igual para todo mundo, você tem 10 aqui saía um sai outro e todo mundo né, era tipo uma ordem, uma fila virtual, o sistema pode fazer isso, mas não, se você trabalhar mais que eu você roda mais, você é mais escravo, entendeu? Então é o sistema. Então também o iFood, não o iFood falou que vai sair?

Entrevistador 2 - Não, não, essa aqui é a criação de uma cooperativa à parte para se contrapor ao Ifood.

E. - Eu vou te falar a verdade, isso aqui tudo, essa tecnologia aí ó, as pessoas só vê quando já está acontecendo, né? E hoje quantas, quantos aplicativos criou para destruir o Uber e o 99? Mas não deram conta irmão, sabe por quê? Porque os caras se implantou no sistema. Não adianta, aqui em Goiânia quantos já não criou moço, eu já participei de vários, era mob, não sei que, blá blá blá e não deu certo, por quê? Porque as pessoas, não tá na mente das pessoas mais. Vocês estão entendendo? Pode criar 10 cooperativas, que o povo, aí a Uber lança sabe o que, uma placona aqui, ó, uau, agora a partir de hoje você liga e você vai ganhar uma semana de graça na sua entrega.

Entrevistador 2 - Já desbancou tudo, né?

E. - (ininteligível por conta do barulho) Ah vou chamar Uber, num procura a outra. Ah aplicativo de Goiânia, não procura, por quê? Porque tá no sangue, entendeu? Ó, inventaram não sei que aplicativo, eu cadastrei em outro aí que pagava aí R\$30,00 por mês. No começo chamou, mas depois o povo... não chama irmão, por quê? Porque é da plataforma, o ser humano é igual a coca-cola, não bebe não porque vai morrer de câncer, ah eu vou morrer mesmo, vou beber só hoje. E a coca-cola precisava fazer propaganda? Mas ela investe pesada, né? Precisa fazer, não precisa, então é igual a Uber irmão, eles têm dinheiro mano, eles estão trilionários os cara, então se eles pegar 10% da riqueza dele investir durante um ano dando de graça para os cara, ele destrói todo mundo fii, cês tão entendendo? Só com 10% do patrimônio que eles têm, então não adianta arrumar outra plataforma, olha dinheiro para todo lado. Então você entendeu como é que é o negócio?

Entrevistador 2 - E aí pra finalizar só um questionarizinho sócio-demográfico. Quantos anos o senhor tem?

E. - Eu tenho 51.

Entrevistador 2 - 51. É, o senhor se identifica como branco, preto, pardo, amarelo, indígena?

E. - Eu sou é quase branco, eu sou pardo né, pardo?

Entrevistador 2 - Pardo.

Entrevistador 1 - Certo.

Entrevistador 2 - É gênero, é masculino ou feminino?

E. - É masculino, masculino com Mas.

Entrevistador 2 - Estado civil do senhor?

E. - Casado.

Entrevistador 2 - Casado. A situação da casa do senhor, é própria, alugada (interrompido pelo entrevistado)

E. - Alugada.

Entrevistador 2 - O senhora trabalha só pra Uber?

E. - Só.

Entrevistador 2 - É, a quanto tempo o senhor trabalha pra Uber?

E. - Todo o tempo acho que dá mais de 3 anos.

Entrevistador 2 - Como que você conseguiu o veículo que o senhor trabalha? Ele é próprio, alugado, é emprestado.

E. - Financiado.

Entrevistador 2 - Você realiza alguma outra atividade remunerada além do aplicativo?

E. - Eu não, sou muito preguiçoso.

Entrevistador 2 - Qual que é a formação do senhor?

E. - Até a oitava série só.

Entrevistador 2 - Em qual bairro de Goiânia o senhor mora?

E. - Jardim Cerrado.

Entrevistador 2 - É, a renda que o senhor obtém por mês, dá um salário mínimo, dois, três...  
(interrompido pelo entrevistado)

E. - Sai em média aí de 1800, 2000 mais ou menos

Entrevistador 2 - Com quantas pessoas o senhor mora atualmente?

E. - Só eu e a mulher.

Entrevistador 2 - Certo, é isso. Muito obrigado aí... (fim da gravação)